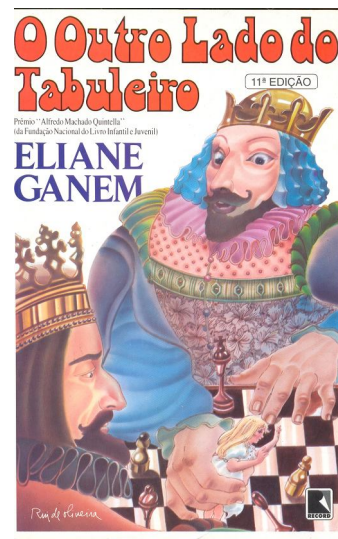
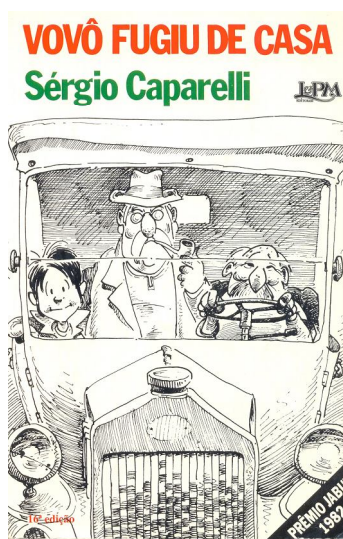
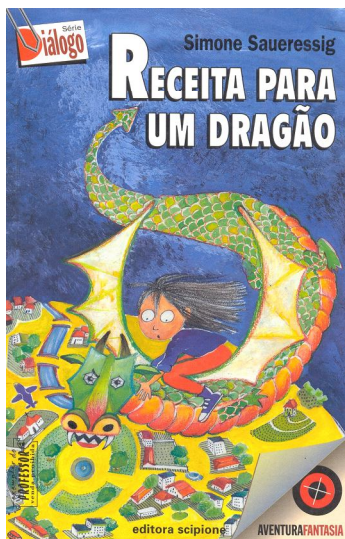


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Marisa Fontoura Steffen

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE NOVOS
SABERES SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO



Porto Alegre

2007

Marisa Fontoura Steffen

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE NOVOS
SABERES SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:

Prof. Dr. Johannes Doll

Porto Alegre

2007

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

S817l Steffen, Marisa Fontoura

Literatura infanto-juvenil : possibilidade de construção de novos saberes sobre o processo de envelhecimento [manuscrito] / Marisa Fontoura Steffen. – 2007. .
188 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2007.

Orientação: Johannes Doll

1. Envelhecimento – Imagem – Literatura infanto-juvenil. 2. Velhice – Currículo – Educação. 3. Pessoa idosa – Representação – Literatura infanto-juvenil. I. Doll, Johannes. II. Título.

CDU: 613.98:82-93

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes CRB 10/463

Marisa Fontoura Steffen

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE NOVOS
SABERES SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em _____ 2007.

Prof. Dr. Johannes Doll – Orientador

Profa. Dra. Rosa Maria Hessel Silveira – (Professora da FACED)

Prof. Dr. Agostinho Both – (Professor visitante – Universidade de Passo Fundo)

Profa. Dra. Geraldine Alves dos Santos – (FEEVALE)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que jardinaram em mim o desejo pela educação.

AGRADECIMENTOS

Ao Espírito Santo, que foi presença constante a guiar meu caminho, minhas escolhas, minhas palavras.

Aos meus pais, Roque e Marlene, parceiros incondicionais nos momentos em que a caminhada mostrava-se pesada demais.

Ao professor Dr. Johannes Doll, companheiro do meu projeto; orientador sábio, que dividiu com competência seu saber.

Às manas Juliana e Cristina, aos cunhados Nilton e Rudi e aos sobrinhos Renan, Marcela, Laura e Gustavo, pelo carinho.

À dinda Maristela, às primas Cristina e Ana e ao tio Victor pelas orações.

Aos colegas Angélica, Sinara, Cássia, Luciana, Janaina, Cristina, Ana Beatriz, Stella Maris, Márcia, Marisol, Lídia, Bernadete, Antônio, pela torcida.

Ao Curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, que regou em mim, o desejo pelo estudo, pela importância do saber.

À Viviane, pelo apoio técnico, pela amizade.

À Elis, presença constante, generosa e amiga.

À Marisa, por ser berço nos tempos difíceis; amiga pra vida inteira.

Júlia Steffen, Antônio Steffen, Clemente Steffen, Teresilda Steffen, pelo legado da Educação. (In memoriam)

Ana Hedwiges, Augusto Steffen, terna memória

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado parte do desejo de estudar e conhecer, através da literatura infanto-juvenil, que imagens de velho as obras *Receita para um Dragão*, de Simone Saueressig, *O Outro Lado do Tabuleiro*, de Eliane Ganem e *Vovô Fugiu de Casa*, de Sérgio Caparelli apresentam. Mostra ainda, a importância da literatura como possibilidade de construção de novos saberes a respeito do processo de envelhecimento, e discute a necessidade de a escola, através de seu currículo, inserir conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, a fim de despertá-la como espaço de promoção do ser que envelhece. Para a realização da pesquisa, de natureza qualitativa, selecionamos autores da área da gerontologia, para verificarmos que conceitos de velhice apresentam, que apontamentos fazem a respeito dos processos diferenciais do envelhecimento, que discussão os autores apresentam a respeito das imagens da velhice e do envelhecimento que a mídia veicula, qual a postura dos estudiosos frente ao entendimento do processo de envelhecimento como um processo de perdas e aquisições, o que discutem os estudiosos sobre os estereótipos carregados pelos seres que envelhecem e, por fim, qual a postura desses pesquisadores do processo de envelhecimento frente à idéia de que a velhice ainda é um fenômeno a ser desvendado. O diálogo dos pesquisadores da área da gerontologia com as obras literárias, a interpretação e a análise da pesquisadora dos textos literários e da bibliografia recolhida para estudo e a compilação dos mais diversos saberes a respeito do processo de envelhecimento, possibilitou-nos concluir que as obras analisadas apresentam imagens mais positivas da velhice.

Palavras chaves: Educação, velhice, literatura, imagens, processo

ABSTRACT

This Master's dissertation starts from the desire of studying and getting to know, through the youth literature, which images of aged people are presented in the books: "Receita para um Dragão", written by Simone Saueressig, "O Outro Lado do Tabuleiro", written by Edliane Ganem and "Vovô Fugiu de Casa", written by Sérgio Caparelli. It also shows the importance of literature as the possibility of building new knowledge about the ageing process and it considers the school's necessity, through its curriculum, of inserting contents related to the reported process, to awaken itself to start being a promotion space of the people who are getting older. In order to do the research, of qualitative nature, we have selected gerontology authors to verify: which concepts of oldness they present, which notes they make about the differential processes of ageing, which discussion they propose about images of oldness and images of the ageing process that are broadcasted by the media, what position scholars have towards to the understanding of the ageing process as a process of loss and acquirement, what issues these scholars debate about the stereotype carried by the people who are growing older and finally, which is the position of these researches about the fact that oldness is still a phenomenon to be uncovered. The dialogue of the gerontology researchers with the literary work, this researcher's analysis and interpretation of the books and bibliography selected to be studied and the compilation about all the knowledge related to ageing process, let us get to the conclusion that the analysed books really show more positive images of the oldness.

Key-words: education, oldness, literature, images, ageing process

SUMÁRIO

Considerações iniciais: Minhas escolhas e o desafio de falar sobre a velhice

Capítulo 1. Velhice e construção social 10

1.1 A importância em se falar em velhice hoje 14

1.2 O desejo da eterna juventude 19

Capítulo 2. Educação e velhice atadas pela literatura 25

2.1 A escola e o currículo, espaço de promoção do ser que envelhece 25

2.2 Literatura infanto-juvenil, a consciência do mundo 40

2.3 Os estereótipos carregados pelos seres que envelhecem 49

Capítulo 3. Procedimentos Metodológicos 57

3.1 Escolha do corpus 57

3.2 Considerações sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa..... 61

Capítulo 4. Literatura, educação e envelhecimento: possível encontro 64

4.1 Resumo das obras 64

4.2 Que imagens da velhice aparecem nas obras analisadas? 67

4.2.1 Receita para um Dragão, de Simone Saueressig 67

4.2.2 Vovô Fugiu de Casa, de Sérgio Caparelli 89

4.2.3 O Outro Lado do Tabuleiro, de Eliane Ganem 129

Conclusão 168

Bibliografia 180

Anexos 186

Desde a idade de seis anos eu tinha a mania de desenhar a forma dos objetos. Por volta dos cinquenta havia publicado uma infinidade de desenhos (...). Aos setenta e três compreendi mais ou menos a estrutura da verdadeira natureza, as plantas, as árvores, os pássaros, os peixes e os insetos. Em conseqüência, aos oitenta terei feito ainda mais progresso. Aos noventa penetrarei no mistério das coisas; aos cem, terei decididamente chegado a um grau de maravilhamento – e quando eu tiver cento e dez anos, para mim, seja um ponto ou uma linha, tudo será vivo.

(Katsuhika Hokusai, sécs. 18-19)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

MINHAS ESCOLHAS E O DESAFIO DE FALAR SOBRE A VELHICE

Estás velho; mas querias que eu acreditasse que decaíste, que não és mais poeta, nem tens mais um belo espírito, que és atualmente tão mau julgador de qualquer gênero de obras quanto mau escritor, que não há nada de pureza e de delicado em tua conversa? Teu ar livre e presunçoso me tranqüiliza e me convence do contrário. És, portanto, hoje, o que sempre foste e talvez melhor (...).

La Bruyère

Antes de oferecer morada para o envelhecimento em minha casa, em minha vida, não havia refletido sobre o processo de envelhecimento. O velho era sempre o que estava a meu lado, o outro. A velha enclausurada não havia brotado de mim. As rugas, os sinais da vida ainda não eram visíveis. Assistia a tudo distante, como se envelhecer não estivesse escrito no sumário da minha existência.

A velhice estava presente nos contos de fadas, nos livros que indicava a meus alunos, mas nunca a meu lado, sendo companhia, companheira. Não havia pensado na possibilidade de olhar para os personagens idosos que a literatura infanto-juvenil estava apresentando às crianças, aos jovens. Lia as reportagens, as notícias, os convites para as missas de sétimo dia, as mortes de pessoas queridas, porém, pensar o envelhecimento não fazia parte daquilo que sonhava. A velhice era realidade distante.

Em 2002, surgiu a possibilidade, através da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, de trabalhar num projeto que aproximaria a literatura do envelhecimento. Queria problematizar que a literatura poderia servir como elo de ligação entre avós e netos. Vi a possibilidade de trabalhar com a literatura, área de minha formação e encantamento, e de começar a entender como a criança/jovem vivencia o processo de envelhecimento, como mais uma possibilidade de conhecer e estudar um tema que não havia investigado enquanto professora de Literatura e Língua Portuguesa. Quando comecei a gerar o projeto, senti que algo me incomodava, me inquietava. A fecundação da velhice começava a dar os seus primeiros sinais. Era como se sentisse o feto se mexer, incomodado com o novo. Aos poucos, a velhice foi-se instalando, se acomodando dentro de mim. Em cada movimento, em cada descoberta, percebia que ela se enraizava feito semente que quer dar árvore para produzir a flor.

Hoje, percebo que a velhice nasceu, mora comigo. Fez de mim sua casa, sua morada e convive comigo. Tem-me feito olhar para o velho/velha como nunca tinha olhado. Damo-nos tão bem uma com a outra, que, quando me ponho a pensar sobre a velhice, não mais a vejo distante. Até nos meus sonhos ela aparece a contar-me histórias. Ainda estamos nos conhecendo, talvez a vida inteira seja necessária para revelarmos uma à outra, compreendermos a melhor maneira de vivenciarmos todo o nosso ser. O importante é que, hoje, a velhice, morando comigo, faz-me também querer, desejar tomar conta dela.

Agostinho Both, no texto *Fundamentos filosóficos*, fala-nos da importância da realização do ser humano, quando começa a viver e a pensar o envelhecimento:

(...) o envelhecimento humano habita quem o pensa e o pensador empresta ao envelhecimento a sua habitação. Se pratica desta maneira uma experiência que empresta vigor ao pensador e à própria velhice. No instante que isso acontece, isto é, no instante em que o pensador entre na “casa” da velhice e começa a vê-la sem medos ou preconceitos pode nascer um novo ser.¹

O ingresso no curso de mestrado em Educação e o mergulho nos estudos das disciplinas que refletem o processo de envelhecimento fizeram-me acreditar que este era o caminho. Estava decidida a estudar sobre o envelhecimento, e a literatura infanto-juvenil seria objeto para que pudesse analisar que imagens de velhos aparecem em obras de literatura infanto-juvenil.

Para responder à questão do projeto de pesquisa e responder aos objetivos propostos, construímos um trajeto que julgamos importante para darmos conta do que estamos nos propondo a pesquisar. O trabalho está dividido em quatro capítulos, seguido de conclusão. O primeiro capítulo está dividido em duas partes. Na primeira parte, propomos uma reflexão sobre a velhice em função da mudança do perfil demográfico, indicando que a velhice pode ser vivenciada de maneira diferente por cada indivíduo. Na segunda parte, discutimos sobre o desejo da eterna juventude pelo ser humano, desejo este que o tem afastado da preparação para a velhice. O segundo capítulo está dividido em três partes. Na primeira parte, abordamos a importância, conforme recomenda a lei 8.842², de inserirmos no currículo escolar conteúdos que abordem o envelhecimento e apontamos a necessidade de a escola ser um dos

¹BOTH, Agostinho. Fundamentos filosóficos. In: BOTH, Agostinho; PORTELLA, Marilene R.; BOTH, Solange L. *Fundamentos de Gerontologia*. Passo Fundo: UPF, 1994. p. 13.

²BRASIL. Lei 8842 de 4 de janeiro de 1994. Política Nacional do Idoso. Ministério da Previdência e Assistência Social: Secretaria de Assistência Social. 2. ed. Brasília, abr. 1998

espaços de promoção de novos saberes do ser que envelhece. Na segunda parte, falamos sobre a importância de oportunizar às crianças a leitura de textos literários diversos, que possam levá-las a analisar a situação do idoso na sociedade atual, mostrando que a velhice não é apenas um processo de perdas, mas também de aquisições. Na terceira parte, apresentamos o percurso da velhice desde tempos mais remotos, quando era dada ênfase no reconhecimento da velhice como doença, até chegarmos ao século XX, momento em que se observam grandes avanços no estudo da ciência do envelhecimento. O terceiro capítulo está dividido em duas partes. Na primeira parte, apresentamos a maneira de chegarmos à escolha do corpus para a análise da imagem da velhice. Na segunda parte, apresentamos os procedimentos metodológicos para a análise das obras. No quarto capítulo, na primeira parte, apresentamos um breve resumo das obras que serão analisadas. Na segunda parte, faremos a apresentação individualizada das obras escolhidas, já analisando a imagem da velhice que aparece nestas obras. A conclusão há de retomar e apresentar os resultados da análise literária a respeito das imagens de velho que as obras apresentam.

CAPÍTULO 1 - VELHICE E CONSTRUÇÃO SOCIAL

1.1 A IMPORTÂNCIA DE SE FALAR EM VELHICE HOJE

Refletir sobre a velhice é reconhecer que não há como fugir do ciclo natural da vida: nascimento, crescimento, amadurecimento, envelhecimento e morte. Simone de Beauvoir, em sua obra *A Velhice*, já nos dizia: “morrer prematuramente ou envelhecer: não existe outra alternativa”³.

O Brasil, segundo Mello e Brito⁴, está-se tornando um país com mais idosos e menos jovens. Isso ocorre devido à combinação da redução das taxas de mortalidade e fecundidade. Em 2000, 30% dos brasileiros tinham de 0 a 14 anos, e os maiores de 65 representavam 5% da população. Em 2050, esses dois grupos deverão se igualar. Cada um representará 18% dos brasileiros.

Diante das constatações, é necessário nos voltarmos para o estudo do envelhecimento, tendo em vista a realidade brasileira, carregada de contrastes. Muitos séculos se passaram, mas os homens ainda buscam encontrar a eterna juventude. É

³ BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 46

⁴ MELLO, Itamar; BRITO, Márcio. Projeções do IBGE. *Zero Hora*, Porto Alegre, 31 ago. 2004. Reportagem especial. p. 4

um sonho muito antigo do ser humano desejar a imortalidade. Os gregos viam a velhice como um flagelo, um castigo. A mitologia apresenta as façanhas heróicas de seres que desejavam encontrar a eterna juventude. Os alquimistas chineses procuravam a imortalidade e a longevidade. Acreditavam que pílulas preparadas com ouro em pó poderiam transformar os velhos em jovens novamente.

No artigo *Psicologia do envelhecimento: uma área emergente*, Anita Liberalesso Neri⁵ afirma que, a longo prazo, pela interação de pesquisadores com a sociedade, será possível construirmos conceitos mais favoráveis em relação ao envelhecimento, evitando os estereótipos que a velhice carrega. Esses novos conceitos deverão implicar mudanças estruturais. Essas mudanças deverão gerar uma melhor qualidade de vida para a população e isso fará com que os idosos possam construir condições socioculturais mais favoráveis e, assim, evidenciar uma velhice melhor.

Em seu famoso tratado sobre a velhice, Cícero já nos alertava: “A velhice é em primeiro lugar, dessas coisas que todos desejam atingir e, uma vez conseguida, acusam-na”⁶ E ainda: “Torna-te velho cedo, se quiseres ser velho por muito tempo”. Pensamentos que vão ao encontro daquilo que dizia Simone de Beauvoir em seu livro *A velhice*.

⁵ NERI, Anita L. *Psicologia do envelhecimento: uma área emergente*. In: NERI, Anita L. (org). *Psicologia do Envelhecimento*. São Paulo: Papyrus, 1995.

⁶ CÍCERO. *Da Velhice e da Amizade*. São Paulo: Cultrix, 1964., p. 48, p.62

Viver a velhice faz parte da nossa experiência, diz-nos Sônia Amorim Mascaro⁷ na obra *O que é Velhice*. Os idosos estão conosco na vida familiar, no trabalho, nas notícias de jornais, na televisão, nas artes. E, cada um nos revela uma faceta diferente. Essa diversidade de imagens, conforme a autora, leva-nos a entender que há diversas maneiras de vivenciarmos o envelhecimento e a velhice, segundo circunstâncias de natureza biológica, psicológica, social, econômica, histórica e cultural. Sem a velhice se corta uma parte da experiência humana.

Perceber o próprio envelhecimento, tomar conhecimento do tempo é dar-se conta da única certeza: de que se vai morrer.

Durante muitos anos, o destino dos idosos, após a aposentadoria, era dedicar-se aos netos e esperar o fim da vida. Pedro Paulo Monteiro⁸, em sua obra: *Envelhecer: Encontros, Histórias, Transformações*, encara o envelhecimento com um significado diferente daquele que comumente se tem: de perdas e de limitações físicas. O envelhecer é visto como um processo irreversível, mas que pode ser vivido com sabedoria e sem sofrimento. Monteiro aponta para a possibilidade da reinvenção da história pessoal/individual do ser que envelhece.

⁷ MASCARO, Sônia de A. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

⁸ MONTEIRO, Pedro P. *Envelhecer: Encontros, Histórias e Transformações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Agostinho Both e Marilene Rodrigues Portella⁹, no artigo *Gerontologia: uma proposta socioeducativa para os idosos*, argumentam sobre a importância da renovação das instituições, no sentido de possibilitar aos velhos novas alternativas existenciais:

A velhice, portanto, está inserida numa relação hierarquizada, na qual quem tem poder da força, do dinheiro, da produção e da política constrói a gestão das relações sociais, autorizando a existência de alguns a serem mais que os outros pelas condições e oportunidades criadas. Na verdade, a questão de existir e ser não depende apenas do sentido voluntarista de cada um. As instituições representam as formas sociais de dizer da constituição humana.

Embora saibamos dos investimentos para a terceira idade no Brasil, estamos cientes do quanto é importante avançar. Em 1991, a Universidade para a Terceira Idade (UNITI), do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, preocupada com as questões do envelhecimento, iniciou projeto dedicado à velhice, trabalho idealizado e coordenado pela professora Odair Perugini. No artigo *Vivendo em seu corpo: uma questão de consciência e de criatividade*, a autora fala a respeito do projeto: “Desde seu início, o Projeto UNITI encerrou em sua filosofia a intenção de estabelecer espaços para estudos em relação às atividades sobre velhice e envelhecimento, seja quanto ao jovem, seja quanto ao velho”¹⁰.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) já dedicou Campanha da Fraternidade aos idosos, a Ulbra Terceira Idade oferece um programa educativo em dois semestres para os idosos. Já formou cerca de 400 pessoas. Há cerca de vinte mil

⁹ BOTH, Agostinho; PORTELLA, M. R. Gerontologia: uma proposta socioeducativa para os idosos. In: BOTH, Agostinho; BARBOSA, Márcia H. S.; BENINCA, Ciomara R. S. (orgs). *Envelhecimento Humano: múltiplos olhares*. Passo Fundo: UPF, 2003. p. 26

¹⁰ PERUGINI, Odacir de C. Vivendo em seu corpo: uma questão de consciência e de criatividade. In: PERUGINI, Odacir de C. (org.). *Envelhecer – Revisitando o corpo*. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004. p. 27

idosos que dão assistência à Pastoral da Criança, em todo o país. Temos conhecimento de outros programas que dão apoio aos idosos. São atividades que visam reintegrar e garantir uma participação mais efetiva na comunidade. O Estatuto do Idoso está aí a nos mostrar que o processo se iniciou, mas ainda há muito para ser feito.

O alcance destes objetivos depende da vontade política, da integração de diversos profissionais, da participação ativa da sociedade visando à revisão dos estereótipos negativos que ainda permanecem a respeito dos idosos, mas também de recriarmos uma nova imagem da velhice na cultura atual.

Diferentemente do que pensamos, envelhecer não está reservado apenas aos velhos. Desde que nascemos, começamos a morrer. Portanto, envelhecer é um processo contínuo do ser humano. O tempo não pode ser visto como um inimigo, mas sim totalidade, existência, possibilidade de realização.

Somente envelhecendo é que se pode descobrir que envelhecer é sinônimo de viver, não de morrer. Defendendo a velhice, estaremos garantindo seus direitos, sua vida.

Cícero, refletindo a respeito da velhice, leva-nos em direção ao nosso desejo de pesquisadores: para existirmos, não basta apenas nascermos. Necessitamos aprender. E a experiência da vida é o espaço de que dispomos para esse aprendizado. Que a

velhice seja conhecida em seus múltiplos aspectos e que nosso trabalho possibilite esse encontro.

A velhice, com efeito, é honorável, contanto que se defenda a si mesma, que mantenha seus direitos, que não se submeta a ninguém e que até o derradeiro alento guarde seu império sobre os seus. Assim como estimo um adolescente no qual se encontra alguma coisa de velho, assim aprecio um ancião no qual se encontra alguma coisa de um adolescente; aquele que seguir esta regra, poderá ser velho de corpo, não o será jamais de alma¹¹.

1.2 O DESEJO DA ETERNA JUVENTUDE

Quem de nós, algum dia, não desejou descobrir o segredo da eterna juventude? A beleza da juventude traz consigo a idéia de que, sendo jovem, estamos distantes da morte e, conseqüentemente, distantes do envelhecer. A história nos ensinou a temer a velhice. E aprendemos, nos discursos que ouvimos desde muito cedo, que a velhice está associada às perdas, às doenças, às limitações, às dependências e ao fatalismo da morte.

Quem não lembra das histórias infantis de bruxa que tanto nos causavam medo? Se fecharmos os olhos, a bruxa desenha-se, rapidamente, em nosso imaginário como uma velha magra, feia, enrugada, que perambula, misteriosamente, fazendo maldades e assustando as crianças. Enquanto a figura da bruxa nos era repulsiva, sonhávamos

¹¹ CÍCERO. *Da Velhice e da Amizade*. São Paulo: Cultrix, 1964. p. 32

com a beleza e a juventude da fada que estava sempre pronta a atender aos desejos e sonhos mais infantis.

Simone de Beauvoir, quando escreveu seu clássico livro sobre a velhice, foi questionada, muitas vezes, sobre o motivo de escrever a respeito de um tema tão triste, não sendo ela ainda uma velha. Quando perguntada dizia: “(...) aí está justamente por que escrevo este livro: para quebrar a conspiração do silêncio”¹².

Beauvoir queria, em seu livro, justamente quebrar o silêncio, trazer para a cena o velho, pois achava que a sociedade praticava crime quando tratava os velhos como “párias”.

O jornalista alemão Frank Schirrmacher, em entrevista à Revista *Veja* sobre o sentimento de culpa que as pessoas sentem quando estão envelhecendo, aponta questões importantes: Diz-nos o jornalista: “(...) o sentimento de culpa pelo envelhecimento é instintivo. A natureza não se interessa mais por seres que não podem se reproduzir. No reino animal, não há envelhecimento”¹³. Explica, ainda, que, quando os animais perdem a função reprodutiva, morrem ou são mortos. Com o ser humano, conforme o jornalista, acontece a mesma coisa. Criticamos aqueles que não estão mais na idade produtiva e desprezamos aqueles que não mais trabalham. Propõe, no final da entrevista, que busquemos amenizar o culto à juventude que existe hoje.

¹² BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 8

¹³ SCHIRRMACHER, Frank. A Ditadura dos Jovens. *Revista Veja*, São Paulo, edição 1867, 18 ago. 2004. p. 14

Enquanto Frank Schirrmacher aponta a importância de revermos o culto à juventude, o médico geriatra Luiz Eugênio Leme, no artigo *A Gerontologia e o problema do envelhecimento: visão histórica*, revela que, já nos anos 1600 a.C, era possível encontrar recomendações úteis para se buscar uma vida longa e saudável:

O papiro cirúrgico de Edwin Smith, possivelmente uma recompilação de documento de 2500 a.C., contendo recomendações úteis ainda hoje em dia (...) Além das descrições clínicas este documento também refere diversas formulações. Uma delas chama-se “O livro para a transformação de um homem velho em um homem de 20 anos”, o qual contém a prescrição e a formulação de um unguento especial feito a partir de uma pasta, mantida em um recipiente de pedras semipreciosas e usado em fricção para a eliminação de rugas e manchas¹⁴.

Não há ser humano que não sonhe em viver muito; no entanto, ninguém quer envelhecer. Essa busca constante da eterna juventude, pelas informações de Leme, acima citado, começou há muitos séculos, antes de Cristo vir à terra. Sobre esta busca da eterna juventude também nos fala Sonia Amorin Mascaro, em seu livro *O que é Velhice*. Comenta a autora que derrotar a imortalidade e buscar a eterna juventude é sonho de todo o ser humano. A Epopéia de Gilgamesh, escrita há mais de 2000 anos a.C, conforme a autora, já revelava o desejo do herói de conhecer o segredo da imortalidade: “O mundo atual celebra os valores, o comportamento, a aparência e a moda dos jovens. Nunca se cuidou tanto do corpo e da aparência física como agora. (...) Nega-se o envelhecimento”¹⁵.

¹⁴ LEME, Luiz Eugênio G. Vivendo seu corpo: uma questão de consciência e criatividade. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. *Gerontologia – A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2002. p. 114 - 115

¹⁵ MASCARO, Sônia de A. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 21

Nunca se falou tanto em lipoaspirações, em cirurgias plásticas rejuvenescedoras. Cultua-se o corpo e busca-se a beleza da juventude, exatamente para encobrir os primeiros sinais da velhice. Um dos maiores elogios que se pode fazer a uma pessoa é dizer-lhe que ela não aparenta a idade que tem. Basta assistir à televisão, ler os jornais e revistas, que vamos perceber que o assunto “rejuvenescimento” está na moda e atrai todas as atenções.

Myriam Moraes Lins de Barros, no artigo *Velhice na contemporaneidade*, levanta a discussão de que hoje:

Elege-se a juventude como idade padrão da sociedade contemporânea, e nesta eleição podemos ver associadas as categorias de desenvolvimento, mudança social, tempo linear e os padrões estéticos definidores da beleza a ponto de se estabelecer certa contigüidade entre as idéias de jovem, belo, moderno e progresso. (...).A lógica da ideologia individualista está presente também na constituição da juventude como um valor social¹⁶.

Os discursos que estamos aprendendo sobre a importância de nos mantermos jovens, bonitos, de não desejarmos o envelhecimento, tem-nos afastado da preparação para a velhice. Se estamos aprendendo a negar o envelhecimento, como vamos pensá-lo ou planejá-lo? Enquanto buscamos a fonte da eterna juventude e acreditamos na ilusão da longevidade sem a velhice, perdemos a possibilidade de vislumbrar e conhecer nosso processo de envelhecimento, etapa de vida que pode ser melhor aproveitada e vivida, quando percebermos que todas as idades têm seus encantos e desencantos. Ecléia Bosi, em seu livro: *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*,

¹⁶ BARROS, Myriam Moraes L. de. Velhice e Contemporaneidade. In: *Família e Envelhecimento*. PEIXOTO, C. E. (org) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 16

nos diz: “Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”¹⁷.

Sabemos que a velhice ainda nos faz temê-la, mas não é possível fugir dela, pois o medo necessita ser enfrentado, a menos que queiramos nos entregar à velha idéia de que envelhecer é sinônimo de morrer.

Sônia Amorim Mascaro faz observações importantes a respeito do processo de envelhecimento:

O processo de envelhecimento e a fase da velhice fazem parte de nossas experiências de ser vivo.
(...) Podemos nos comover, nos emocionar e aprender com sua experiência e criatividade. Cada um deles nos transmite uma imagem pessoal e particular do que seja envelhecer. Muitas imagens são luminosas, vigorosas, expressando e traduzindo tranqüilidade, felicidade e sabedoria nessa fase da existência. Outras vezes, nos defrontamos com imagens sombrias, tristes, refletindo uma situação de insegurança, carência e sofrimento¹⁸.

Negar a velhice é negar toda uma história, uma parte importante da nossa vida. Não deixá-la falar é sepultar uma vida inteira. Decretar a morte da velhice sem antes conhecê-la, vivenciá-la, é crime que não podemos aceitar.

Fiquemos, para terminar a reflexão, com as belas palavras de Simone de Beauvoir:

¹⁷ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velho*. 10.ed. São Paulo: Schwarcz, 2003. p. 80

O que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência, é o seu sistema global de valores. E vice-versa: segundo a maneira pela qual se comporta para com seus velhos, a sociedade desvenda, sem equívocos, a verdade – tantas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e fins¹⁹.

¹⁸ MASCARO, Sônia de A. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 9

¹⁹ BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p 86

CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO E VELHICE ATADAS PELA LITERATURA

2.1 A ESCOLA E O CURRÍCULO, ESPAÇO DE PROMOÇÃO DO SER QUE ENVELHECE

Poderíamos iniciar a discussão sobre o currículo de várias maneiras: fazendo uma revisão das teorias do currículo ao longo da história, apontando a dificuldade de se chegar a uma definição de currículo em função de não existir um acordo generalizado sobre o que verdadeiramente o currículo significa²⁰. Porém, decidimos pelo caminho de reavaliarmos a necessidade de, urgentemente, em função do crescimento do contingente de pessoas idosas, problematizar sobre o desafio que é a reformulação do currículo, quando se pensa na inclusão de conteúdos a respeito do envelhecimento. Doll, no artigo *A inserção de conteúdos gerontológicos – (só) uma questão de adequação curricular?*, fazendo uma análise dos currículos atuais, aponta: “a questão do envelhecimento e as situações específicas das pessoas idosas não estão muito presentes, senão ausentes²¹”. Ainda no mesmo artigo, discutindo a dificuldade da inserção de conteúdos sobre o envelhecimento no currículo, Doll ressalta que devemos contar com resistências em todos os níveis: primeiro a resistência dos

²⁰ Uma abordagem aprofundada destas questões podem ser encontradas em: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. 2. Ed., 8ª reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2005 e PACHECO, José Augusto. *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto - Portugal: Porto Editora LDA, 1996.

²¹ DOLL, Johannes. A inserção de conteúdos gerontológicos: (Só) uma questão de adequação curricular? *Ciências da Saúde*, vol. 23 (1+2), 2004b, p. 117

professores em função do receio, não só da redução da carga horária, mas também da diminuição da importância de seu campo de trabalho. Outra resistência/interesse de que nos fala Doll, pode-se encontrar nos alunos, em virtude de priorizarem as áreas de maior prestígio em detrimento da Gerontologia e Geriatria, que não estão entre os campos de maior status. Por fim, podemos encontrar resistência/rejeição no trabalho com pessoas idosas em função da imagem negativa da velhice que, apesar de tudo, ainda se faz presente na sociedade e nos alunos.

Sobre a importância de resistirmos a estas dificuldades, ressalta Doll:

Estas resistências previsíveis, porém, não devem desencorajar na perseguição do objetivo de incluir estas matérias importantes. O que pode ajudar na implantação são, por um lado, um processo dialógico com todos os participantes envolvidos. Isso, obviamente não é sempre muito fácil. Mas uma participação efetiva na elaboração de um novo currículo ou de uma alteração curricular traz o efeito colateral que as pessoas participantes desse processo assumam também responsabilidade a respeito do currículo que elas ajudaram a construir²².

A Lei 8.842, promulgada em 4 de janeiro de 1994, pelo então Presidente Itamar Franco, recomenda inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento. No entanto, sabemos que não basta existir a lei, é preciso abrir caminho frente às resistências, dificuldades, estabelecer um diálogo com todos os participantes envolvidos, despertar a escola para a problemática do envelhecimento, sensibilizar os professores a respeito de sua responsabilidade diante de discussão tão importante.

Entretanto, conforme Both, a escola:

(...) ainda não abriga esse fenômeno, tampouco suas implicações nas mediações educacionais. A natureza humana e, mesmo, a natureza do perfil demográfico parecem sofrer alterações, mas lida-se com os conteúdos escolares como se o currículo não tivesse nada a contribuir para a formação humana²³.

Embora já se observe um movimento para uma intervenção educativa que valorize a experiência de vida dos idosos, parece-nos que nossos alunos continuam sendo orientados para a absorção de conteúdos que não encontram significado, ressonância para sua experiência de vida. No artigo *Currículo, qualidade de vida e longevidade*, Agostinho Both aponta, em certo momento do texto, caminhos para se repensar o currículo em função da conquista da longevidade:

O currículo pode ser considerado como meio pelo qual a sociedade instrui as gerações mais novas na compreensão de um estoque de interpretações das realidades, ensejando que sejam constituídos os conhecimentos, a moral, a estética dos seus cidadãos. Os oito anos do ensino fundamental são considerados suficientes para introduzir os alunos nos conhecimentos sociais e científicos e nos valores politicamente entendidos como necessários para conferir as condições de igualdade na construção da cidadania e na preparação para o trabalho. Mesmo sendo verdade dizer que a escola não é tão livre e auto-suficiente na construção das formas de pensar, ela é capaz de refletir as demandas sociais com suas virtudes e pré-juízos²⁴.

Parece-nos importante refletir sobre a possibilidade de que nos fala Both de a escola, mesmo com suas limitações, ser capaz de refletir as demandas da sociedade com suas virtudes e seus pré-juízos. Discussões essas que devem fazer

²² DOLL, Johannes. A inserção de conteúdos gerontológicos: (Só) uma questão de adequação curricular? *Ciências da Saúde*, vol. 23 (1+2), 2004b, p. 127

²³ BOTH, Agostinho. *Educação Gerontológica: Posições e proposições*. Erechim: São Cristóvão, 2001. p. 29

²⁴ BOTH, Agostinho. *Gerontologia: Educação e Longevidade*. Passo Fundo: Imperial. 2001. p. 79

parte dos conteúdos já no ensino fundamental, pois acredita Both que o currículo deva encaminhar as gerações, não apenas para a obtenção de conhecimentos, mas também para a construção de um cidadão mais ético. E a sala de aula mostra-se um ambiente privilegiado, já que é possível torná-la um espaço de diálogo, um espaço onde se pode encaminhar o aluno, através do exercício da ética, à leitura de um mundo em que será possível garantir ao velho seu lugar de direito.

Ainda no mesmo artigo, *Currículo, qualidade de vida e longevidade*, Both reflete que a primeira questão que devemos considerar antes de se pensar na mudança curricular em relação à longevidade é, se de fato esta conquista seria razão para se repensar o currículo. Pergunta então Both:

Se esse acontecimento humano é digno de ser considerado pelas políticas educacionais, qual a razão que impede que a mudança ocorra? Quais são as estratégias para a superação dos limites interpostos? Quais são as condições para o sucesso da mudança e quais são as tarefas a serem levadas em consideração?²⁵

Não podemos esquecer que estamos diante de um novo mundo, de um mundo que dá sinais de seu envelhecimento. E de que, embora já seja possível reconhecer que a velhice pode ser vivenciada de diferentes maneiras, ainda permanecem os discursos que glorificam a juventude. Se a lei 8.842 já referida, recomenda incluir nos currículos conteúdos voltados para o envelhecimento, não podemos silenciar diante do fenômeno da conquista da longevidade. Pois, como acredita Both:

²⁵ BOTH, Agostinho. *Gerontologia: Educação e Longevidade*. Passo Fundo: Imperial. 2001. p. 81-82

Se é verdade que a conquista da longevidade qualificada é uma questão de direito, esta se associa à conquista da dignidade para todos, de modo especial, lá onde estiver constrangida. Dessa maneira, o currículo tem a tarefa de esclarecer, conquanto instrui e forma, produzindo entendimentos, julgamentos e vontade para o exercício da realização biopsicosocial e ecológica dos indivíduos e de suas relações. A cada resposta dada para explicar os diversos fenômenos compete outra que sugere o significado que ela possui para a vida daqueles que o explicam²⁶.

Entendendo que a conquista da longevidade é uma questão de direito, a escola estará contribuindo para o exercício da cidadania, quando, em seu currículo, possibilitar a inserção de conteúdos que possam problematizar a situação do idoso. Levar o aluno a entender, desde muito cedo, a importância de valorizar sua vida, de cuidar dela, não é compromisso apenas da escola, mas de todas as instituições. O que aqui nos interessa pensar é a instituição escola como espaço de promoção dos mais velhos. Both e Portella, no artigo *Gerontologia: uma proposta socioeducativa para idosos*, nos ajudam a compreender qual o papel da escola na realização desta tarefa:

Algumas instituições, particularmente, devem ser educadas para a promoção dos mais velhos. (...) as escolas, se pensarmos o currículo como instância social significativa para a produção de recursos, promoção e preservação da saúde, de alternativas ocupacionais, de solidariedade, de abertura para os vínculos com a vida²⁷.

Discutindo as bases da mudança curricular propõe Both:

Ao invés de somente se orientar as experiências em razão das finalidades econômicas ou de interesses da política, sejam criadas finalidades instruídas para a preservação da vida com qualidade, vistas como aprendizagens para a obtenção de recursos expressivos,

²⁶ BOTH, Agostinho. *Educação Gerontológica: Posições e proposições*. Erechim: São Cristóvão, 2001. p. 42

²⁷ BOTH, Agostinho; PORTELLA, M. R. *Gerontologia: uma proposta socioeducativa para os idosos*. In: BOTH, Agostinho; BARBOSA, Márcia H. S.; BENINCÁ, Ciomara R. S. (orgs). *Envelhecimento Humano: múltiplos olhares*. Passo Fundo: UPF, 2003. p. 29

científicos, sociais em todo o ciclo de vida e para a solidariedade refletida na igualdade e na preservação dos direitos fundamentais²⁸.

Na obra *Documentos de Identidade uma Introdução às Teorias do Currículo*, Tomaz Tadeu da Silva apresenta um estudo sobre o currículo desde sua origem até as atuais teorias. No momento em que fala de Paulo Freire no capítulo *Pedagogia do oprimido versus pedagogia dos conteúdos*, traz à cena a importância, conforme acreditava Freire, de darmos voz e vez para a experiência dos educandos na construção do conteúdo programático do currículo. Interpretando Freire, Silva apresenta o pensamento do autor sobre o que ele acreditava ser importante para a construção do conteúdo programático na obra *Pedagogia do Oprimido*:

O que ele destaca é a participação dos educandos nas várias etapas da construção desse “currículo programático”. Numa operação visivelmente curricular, ele fala em escolha do “conteúdo programático”, que deve ser feita em conjunto pelo educador e pelos educandos. Esse conteúdo programático deve ser buscado, conjuntamente, naquela realidade, naquele mundo que, segundo Freire, constitui o objeto do estudo intersubjetivo²⁹.

E a responsabilidade do professor começará frente a seu posicionamento perante os níveis de decisão curricular. Sobre esta questão disserta José Augusto Pacheco, na obra *Currículo :Teoria e Práxis*:

Na base desta necessidade profissional está a exigência de que o professor não seja apenas o operário do currículo, mas também um dos seus arquitetos. A sua responsabilidade começará, conseqüentemente, pelo posicionamento perante os níveis de decisão curricular. Se assume um papel implementador do programa, como um conjunto de matérias prescritas, tornar-se-á o executor, o operário ou o consumidor; se

²⁸ BOTH, Agostinho. *Gerontologia: Educação e Longevidade*. Passo Fundo: Imperial. 2001. p. 85

²⁹ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. 2. Ed., 8ª reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.61

assume um papel prático e de reflexão sobre o programa, valorizando criticamente o trabalho que desenvolve e incorporando as necessidades dos alunos, tornar-se-á o construtor, o arquiteto e o investigador prático³⁰.

Aqui vale o relato de uma experiência vivida em 2002. Percebendo o interesse dos alunos pela leitura de obras literárias e observando que a leitura era fonte de troca entre alunos, pais e avós, pensei: não seria possível uma interação maior entre escola e família? A resposta surgiu através da UFRGS, com o professor Doutor Johannes Doll, na disciplina “Educação e envelhecimento – a construção social da velhice”, que veio orientar a oficina: “Como trabalhar a questão do envelhecimento em sala de aula”, focalizando as mudanças na estrutura etária do Brasil – aumento da expectativa de vida e diminuição da taxa de natalidade – desafios para os indivíduos e para a sociedade, mudanças que devem ser refletidas e trabalhadas na educação escolar. Foco especial mereceram o diálogo intergeracional e a contribuição individual para um envelhecimento bem sucedido em todos os sentidos. De como trabalhar estas questões na escola nasceu o projeto: “*Contar histórias: um elo entre avós e netos*”. Os alunos da 7ª série do Colégio Bom Conselho, com os quais trabalhava, estavam motivados para a tarefa, em consequência das atividades anteriores de leitura que envolveram a família. A esses alunos agregamos os da 4ª série a 6ª séries. Trabalhamos com o objetivo de aproximar, a partir da literatura, as diferentes gerações, sensibilizando as crianças e os jovens para a vida do idoso, análise da situação do idoso na sociedade de hoje (na família, nos asilos etc.) refletindo sobre o próprio processo de envelhecimento. O ponto culminante foi o resgate das histórias contadas pelos avós e sua reprodução oral e escrita pelos alunos, um sarau entre alunos e avós, palestra de especialista sobre o

³⁰ PACHECO, José Augusto. *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto - Portugal: Porto Editora LDA, 1996, p. 48

envelhecimento e, finalmente, na Feira do Livro de Porto Alegre em 2003, durante o Forum Mundial de Educação, alunos contando histórias que ouviram dos seus avós, e estes contando histórias da sua geração.

Dentro desta perspectiva, talvez seja importante visitarmos a obra *Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor*³¹, diálogo que Freire empreende com o educador americano Ira Shor, para que possamos entender os desafios constantes do professor que se propõe a trabalhar por uma educação libertadora, por uma educação para a mudança.

A obra aborda o trabalho, a luta diária do professor para realizar seu ofício, luta entremeada de contradições e conflitos. No diálogo que estabelecem ao longo da obra, embora relatando experiências diferentes, mas ligadas pelo mesmo objetivo, a busca de uma educação libertadora, observa-se o sonho comum dos educadores: a criação de uma sociedade de iguais.

Esta luta, busca a que se referem Freire e Ira, acontecerá, na medida em que o educador assumir a sua parte. Não com a ingenuidade de quem acredita que o ensino é capaz de produzir, sozinho, transformação social, mas sim na medida em que descobrir que as transformações sociais iniciam lá no seu dia-a-dia escolar. No trabalho com o Pedro, João, o professor poderá descobrir-se participante da tarefa global da transformação.

Este processo inicia-se quando o educador acredita na possibilidade da mudança, quando vislumbra o que pode fazer, quando assume esses riscos, quando não aceita mais o lugar que ocupa. Para reinventar a escola, necessita, em primeiro lugar, conhecer os obstáculos desta escola que foi inventada, e necessita, também, estar menos certo das suas verdades, das suas convicções.

Sobre o lugar que o educador ocupa e a opção por uma educação libertadora, Freire diz: “Creio que a educação libertadora implica a iluminação da realidade, mas os iluminadores são os dois agentes do processo, os educadores e os educandos juntos”³².

Talvez a tarefa seguinte seja problematizarmos como é possível construir o sonho da transformação da sociedade. Na mesma obra, Freire nos aponta algumas possibilidades, a fim de que possamos levar o sonho para o possível. Diz-nos o estudioso que é no ambiente escolar, na sala de aula, que poderemos discutir, problematizar, sem sacrificarmos os conteúdos escolares, assuntos que dizem respeito aos anseios dos alunos e professores. E o educador competente deverá encontrar, em sua disciplina, os espaços necessários para que as discussões aconteçam.

Daí a necessidade de uma educação para a coragem. De uma educação que jogue o educando e os educadores aos constantes debates e à análise dos problemas da realidade. As palavras de Freire sublinham, de modo preciso, o que se disse

³¹ FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia* – O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

³² Idem, p. 64

anteriormente: “A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”³³.

Quem não pretende deseja alguma coisa, quem não tem um projeto a seguir, não pode ser, acontecer. O educador só é e pretende ser, quando desconfia que as suas dúvidas e suas inquietações são maiores do que as suas certezas. Somente o educador que tem a coragem de colocar em discussão as suas verdades, sua prática, terá a possibilidade de se libertar do imobilismo que aprisiona, desacelera.

Assim se manifesta Paulo Freire, na obra *Pedagogia da Autonomia*:

(...) a história é tempo de possibilidades e não de determinações. E se é tempo de possibilidades, a primeira consequência que vem à tona é a de que a história não apenas é mas também demanda liberdade. Lutar por ela é uma forma possível de, inserindo-nos na História possível, nos fazer igualmente possíveis. Em lugar de ser perseguição constante ao pecado em que me inscrevo para me salvar, a História é a possibilidade que criamos ao longo dela, para nos libertar e assim nos salvar³⁴.

Sobre escola e currículo é possível encontrar inúmeras discussões e uma grande bibliografia. O que não acontece, ainda, quando buscamos, dentro de bibliografias sobre o envelhecimento, autores que, preocupados com o envelhecimento, estejam querendo pensar como a escola e os currículos escolares encaminham a discussão do envelhecimento.

³³ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003, p. 104

³⁴ Idem. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 19

Apesar de saber que existem experiências de projetos em escolas que trabalham o processo de envelhecimento, como professora há mais de vinte anos, não encontrei, em nenhum local onde trabalhei, nenhum projeto, nenhuma preocupação, nenhuma menção no currículo para com o cidadão que estava envelhecendo. O velho só foi vitrine e motivo de discussão na escola em que trabalho, quando foi tema da Campanha da Fraternidade, no ano de 2002 e quando em 2003 trabalhamos o projeto *Contar histórias: um elo entre avós e netos*, já referido acima.

Já mencionei, no início do trabalho, como foi o meu processo para perceber o envelhecimento, para entendê-lo e aceitá-lo enquanto gestação. Hoje, entendo o porquê da dificuldade de falarmos e entendermos que envelhecer faz parte de nossa vida. E acredito que essa discussão, esse entendimento, esse desejo e esse respeito para com o cidadão só vão penetrar no universo escolar e, por conseguinte, no currículo, quando todos – poderes legislativo e executivo, escola, instituições, empresas, família – reservarem um espaço de promoção para o entendimento do ser que envelhece.

O que tenho percebido, na minha prática escolar, é a falta de conhecimento sobre o ser que envelhece. Isso tem motivado ainda mais o meu interesse pelo tema.

A reflexão sobre os personagens idosos que a literatura infanto-juvenil está oferecendo às crianças, a discussão que a escola poderá encaminhar após a leitura

das obras, a troca de informações, de experiências, a abertura dos horizontes para o conhecimento de que há várias velhices, motivaram a minha gestação.

Dizia, no início do texto, da minha dificuldade em encontrar estudiosos do envelhecimento que tivessem abordado a importância de trabalhar, no currículo, o processo de envelhecimento. Essa dificuldade de encontrar material referente ao tema faz-nos refletir sobre o longo caminho a percorrer.

Nessa procura, nos livros do Professor Agostinho Both, encontrei material de estudo que passarei a utilizar, a fim de poder discutir o que estou pesquisando.

Enquanto a sociedade contemporânea celebra cada vez mais a juventude, promover, através da escola, novos saberes sobre o envelhecimento, é dever de todo o educador.

Agostinho Both, na obra *Gerontogogia: Educação e Longevidade*, faz apontamentos importantes a respeito do papel que o professor vem desempenhando no cenário educacional:

Os professores ensinam para que os alunos tenham sucesso social e produtivo sem se perguntar se os conteúdos disciplinados são interessantes para a vida deles ou o quanto esses produzem realização biopsicossocial. (...) Os conteúdos, habilidades de uma racionalidade suscitadora do mundo-da-vida e, particularmente da personalidade, de relações sociais e ambientais expressivas, ficam em segundo plano, como se a vida estivesse a serviço do sucesso econômico e político e não constituísse o fim último de toda a ação pedagógica³⁵.

³⁵ BOTH, Agostinho. *Gerontogogia: Educação e Longevidade*. Passo Fundo: Imperial. 2001. p. 33-34

Percebe-se, pela fala do professor, que a discussão a respeito da longevidade humana ainda não chegou à escola. Ainda, conforme o autor: “a verdade sobre o ser humano não reside nas gavetas”³⁶.

Cícero já nos alertava da importância de pensarmos o envelhecimento desde muito cedo: “Torna-te velho cedo, se quiseres ser velho por muito tempo”³⁷.

Quando problematizamos que a escola necessita encontrar novas possibilidades de pensar o currículo, não se tem em mente apenas aperfeiçoar as atuais formas de ensino e aprendizado, mas sim torná-las mais eficientes. O que se pretende é organizar o aprendizado escolar mais em função das competências e habilidades. É aí que entra a noção de currículo. Não mais um currículo centrado em disciplinas, mas sim um currículo centrado em problemas, cuja resolução possa ser buscada através dos projetos de interesses dos alunos.

Agostinho Both, em sua obra *Educação Gerontológica: Posições e Proposições*³⁸, discute a importância de trabalharmos a interdisciplinaridade na educação para o envelhecimento tardio. Acredita o estudioso que somente com a comunhão das ciências será possível descobrir, desvendar a velhice em toda a sua extensão.

³⁶ BOTH, Agostinho. *Gerontologia: Educação e Longevidade*. Passo Fundo: Imperial. 2001. p. 12

³⁷ CÍCERO. *Da Velhice e da Amizade*. São Paulo: Cultrix, 1964. p. 62

³⁸ BOTH, Agostinho. *Educação Gerontológica: Posições e proposições*. Erechim: São Cristóvão, 2001.

Nesta mesma direção, Solange Lima Both, no artigo *Fundamentos sociológicos*, fala da necessidade de um fenômeno social ser avaliado e atendido de forma interdisciplinar. Vai mais adiante na discussão, quando questiona quem de fato teria, em primeiro lugar, a responsabilidade para encaminhar a discussão a respeito do processo de envelhecimento. Pergunta a autora: “Seria a escola, a família, o Município, o Estado, as empresas, os sindicatos, a Igreja?”³⁹

Penso que, elencados os agentes envolvidos na mudança, seria importante avaliar o que caberia a cada um fazer. O que estou propondo, na pesquisa, é justamente avaliar a escola como um dos agentes responsáveis em instaurar novos saberes sobre o processo de envelhecimento. Para isso, é necessário, em primeiro lugar, trazer a discussão para dentro da escola, avaliar o que é necessário propor através do currículo, sobre o processo de envelhecimento, a fim de que se possa encaminhar um novo diálogo e, conseqüentemente, vislumbrar um futuro diferente para o ser que envelhece.

Agostinho Both e Marilene Portella, no artigo *Gerontologia: uma proposta socioeducativa para idosos*, deixam um recado importante para quem se aventura em estudar o processo de envelhecimento:

Para muitos, pensar o envelhecimento como uma questão educacional pode parecer uma perturbação. Contudo, ao mesmo tempo em que incomoda, obriga-nos a uma mudança na maneira de viver ou de ver o mundo e as pessoas, e isso nos leva a dar uma resposta no sentido de

³⁹ BOTH, Solange L. Fundamentos sociológicos. In: BOTH, Agostinho; PORTELLA, Marilene R.; BOTH, Solange L. *Fundamentos de Gerontologia*. Passo Fundo: UPF, 1994. p. 26

dar explicação que permita integrar essa experiência na nossa maneira de ser, de viver e de olhar o mundo⁴⁰.

O sonho de que é possível, como já acreditava em 1970 Simone de Beauvoir, quando publicou seu livro sobre a velhice, trazer para a cena como protagonista principal, o velho, denunciar a conspiração do silêncio a que estava relegado o sujeito que envelhecia, continua vivo em nossos desejos, quando nos propomos a continuar o seu legado. E a nossa pesquisa vai nessa direção quando acreditamos na importância de trazer como protagonista do teatro da vida o velho, como sujeito da nossa pesquisa⁴¹.

Sendo a escola um dos lugares possíveis para se pensar, descobrir, conhecer, reavaliar, redimensionar, ressignificar o processo de envelhecimento, é para lá que nossos esforços devem se direcionar. Entendemos o recado que nos dá Both e Portella. Aventurar-se na pesquisa do sujeito que envelhece não é tarefa fácil. Entrar e deixar-se morar na casa do envelhecimento é perceber a leitura de infinitas possibilidades, pois cada indivíduo mostra-se e vive a velhice de forma diferente. Entrar por esse caminho é perceber o quanto ainda necessitamos avançar nos estudos do envelhecimento em função da complexidade do tema. Sabemos que estamos no início de uma jornada, que muita coisa ainda necessita ser feita pelo sujeito que está envelhecendo, mas sentimos o desejo pulsando, olhando, andando em direção a um futuro diferente para o ser que envelhece. Que nossa incompletude como educadores continue nutrindo nosso desejo de permanecer habitando na morada da velhice, porque

⁴⁰ BOTH, Agostinho; PORTELLA, M. R. Gerontologia: uma proposta socioeducativa para os idosos. In: BOTH, Agostinho; BARBOSA, Márcia H. S.; BENINCÁ, Ciomara. (orgs). *Envelhecimento Humano: múltiplos olhares*. Passo Fundo: UPF, 2003. p. 32

⁴¹ BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

assim, tornando-a mais íntima, mais próxima, teremos a possibilidade de conhecê-la melhor. Que possamos jardinar nessa geração e nas gerações futuras o desejo da construção de um futuro melhor, mais digno para o ser que envelhece. Esse é o nosso maior desafio!

2.2 LITERATURA INFANTO-JUVENIL, A CONSCIÊNCIA DO MUNDO

Literatura é arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do eu + o outro + o mundo, em harmonia dinâmica).

Nelly Novaes Coelho

Ao encontrar-se com o texto literário, o homem tem a possibilidade de transformar e enriquecer sua experiência de vida, porque ao ler, exercita a prática da liberdade, e ao alimentar-se da leitura, desenvolve o pensamento crítico, criador. Lemos para não esquecer que somos seres humanos, finitos, incompletos, precários. Lemos para abrir as portas da compreensão do mundo, lemos para fazer parte do mundo. Joana Cavalcanti, na obra *Caminhos da Literatura Infantil Dinâmicas e Vivências na Ação Pedagógica*, faz uma reflexão sobre a importância da leitura:

Ler sempre representou uma das ligações mais significativas do ser humano com o mundo. Lendo reflete-se e presentifica-se a história. O homem, permanentemente, realizou uma leitura do mundo. Em paredes

de caverna ou em aparelhos de computação, lá está ele reproduzindo seu “estar-no-mundo” e reconhecendo-se como capaz de representação. Certamente, ler é engajamento existencial. Quando dizemos ler, nos referimos a todas as formas de leitura. Lendo nos tornamos mais humanos e sensíveis⁴².

Todos nós, desde muito pequenos, somos leitores em formação, porque, constantemente, estamos atribuindo sentido, significado às mais diversas manifestações da cultura e da natureza. A literatura infantil encarregada de introduzir a criança no mundo literário, pode ser utilizada como instrumento de sensibilização da consciência, no sentido de possibilitar às crianças, aos jovens serem mais críticos, capazes de ler o mundo, indagar, criar e transformar a realidade. Sabendo que a experiência da literatura é intransitiva, que não se pode saber o resultado final, a experiência com o texto literário pode ser pensada como abertura para o desconhecido, para o que não está pronto, para o que é possível construir, reconstruir, desestabilizar. Diferentemente do que muitas vezes pretendeu a pedagogia, quando queria encarcerar, controlar, reduzir o espaço que a leitura literária poderia oferecer. A literatura infantil nasce atrelada à pedagogia.

A Europa do século XVIII efervescia socialmente. Conceitos e valores, até então inquestionáveis, tombam em meio a uma intensa transformação da sociedade. Neste contexto, surge a literatura infantil, com a incumbência pedagógica de orientar as crianças, que passaram a ser valorizadas e necessitavam ser educadas para este mundo. Regina Zilberman⁴³, no ensaio *O estatuto da literatura infantil*, fala-nos em certo trecho, da emergência do surgimento de uma literatura infantil: “(...) sua emergência

⁴² CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. São Paulo: Paullus, 2002. p. 13

deveu-se antes de tudo à sua associação com a pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converter em instrumento dela”.

Vera Aguiar e colaboradores⁴⁴, na obra *Era uma vez na Escola: Formando Educadores para Formar Leitores*, apontam que as obras infantis serviram, durante muito tempo, para formar e ensinar comportamentos e atitudes e só, aos poucos, foram deixando de lado o pedagogismo e o moralismo para, então, conquistar seu status artístico. Conforme as autoras, no Brasil, a edição desses livros aconteceu no século XIX, com a implantação da Imprensa Régia, e, ainda assim, servindo a exigências pedagógicas e ideológicas. A literatura infantil tornou-se então inseparável da educação. Sobre esta relação literatura-educação versus literatura-pedagogia, comenta Ezequiel Theodoro da Silva⁴⁵ no artigo *Descomplicando o ensino da literatura*:

A imbricação literatura-educação, aprofundada ao longo desse livro, permite-me afirmar que, em termos sociais amplos, o sujeito necessariamente se educa ao fruir ou experimentar textos diversos. Entretanto, o mesmo não pode ser dito da relação da literatura-pedagogia, pois nem todo ensino – principalmente o de cunho formal, escolarizado – facilita a fruição, pelo aluno leitor, de aspectos educativos que podem emanar ou resultar da leitura de textos literários.

Se, no encontro com os mais diversos textos literários, há a possibilidade de o sujeito educar-se, conforme acredita Theodoro da Silva, acreditamos ser importante a criança, o jovem ter à sua disposição obras que falem das questões do nosso tempo,

⁴³ ZILBERMAN, Regina. O Estatuto da Literatura Infantil. In: ZILBERMAN, Regina; CADEMARTORI, Ligia M. *Literatura infantil: Autoritarismo e Emancipação*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 3

⁴⁴ AGUIAR, Vera T. de (coord.) et al. *Era uma vez ... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001

⁴⁵ ZILBERMAN, Regina; SILVA Ezequiel T. da. *Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1990. p. 52

de problemas universais. Conforme assinala Bruno Betelheim⁴⁶, a literatura trai a criança quando lhe esconde questões fundamentais da existência, tais como o envelhecimento e a morte, subestimando sua capacidade. Nesta direção, também acredita Nilma Gonçalves Lacerda, no texto *CARTAS DO SÃO FRANCISCO – conversas com Rilke à beira do rio*, quando defende a importância do encontro da criança com temas como a morte, preconceito, guerras, suicídio, tirania. Pois, conforme, Lacerda,

A vida não é cor-de-rosa, e as crianças o sabem. O mundo não é de cordeiros, elas também o sabem, e experimentam tanto a posição desses, quanto a do lobo que se evidencia na sua crueldade, ou vem disfarçá-la, fazendo-se carneiro entre carneiros⁴⁷.

Entendendo a leitura como um ato individual, solitário, é no social que a criança tem a oportunidade de dialogar, porque inserida num grupo, e ouvindo outras vozes, além da sua, pode questionar, refletir, indagar e transformar o que está posto, determinado. E a literatura, como expressão artística, é um dos instrumentos para propiciar esse encontro, diálogo. No artigo *Literatura e Pedagogia: reflexão com relances de depoimento*, Ezequiel Theodoro da Silva, em certo momento do texto diz:

A busca e o alargamento da compreensão dos fenômenos da vida, indo mais a fundo e posicionando-se criticamente como leitor – esta, sem dúvida, uma das finalidades básicas de toda a incursão em livros de literatura. Uma incursão que é, em si mesma, eminentemente pedagógica porque instigadora de reflexões e, por isso mesmo, geradora de aprendizagens⁴⁸.

⁴⁶ BETELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

⁴⁷ LACERDA, Nilma Gonçalves. *CARTAS DO SÃO FRANCISCO: Conversas com Rilke à beira do Rio*. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo. (org) *Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Global, 2001. p. 35

⁴⁸ ZILBERMAN, Regina; THEODORO, Ezequiel da Silva. *Literatura e Pedagogia: Ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 51

O leitor, socializando a experiência de leitura do texto literário, abre caminho para o diálogo. É através desse diálogo com o outro e consigo mesmo, que se forma um outro ser. Se entendemos que o mundo atual clama por ética, por solidariedade, a leitura literária oferece-se como um dos instrumentos para desenvolver na criança um espírito mais crítico, mais criador, mais humano. cremos que a literatura infantil, ao proporcionar o aumento de informações e experiências à criança, abre seu horizonte de expectativas⁴⁹, limitado até então, tornado-a mais apta e instrumentalizada para compreender e tomar decisões a respeito do mundo que a cerca. Diferentemente da sociedade antiga, atualmente existe “infância”, e devemos valorizar essa faixa etária em todas as suas condições de ser-estar-no-mundo. Devemos dar-lhe asas para que possa voar, abrir as janelas de seu quarto e assim fazer suas descobertas. Nada melhor do que aproximar as crianças das mais diversas obras literárias, deixando-as livres para saborear o que o texto literário lhes proporciona. Lendo que a criança tem a possibilidade de experimentar novas formas de olhar o mundo e com ele interagindo, tem a possibilidade de vivenciar e experimentar diferentes lugares, diferentes papéis. Nilma Gonçalves Lacerda, no texto *CARTAS DO SÃO FRANCISCO – conversas com Rilke à beira do rio*, em certo momento do texto fala sobre a importância de colocar à disposição da criança textos que possam falar-lhe dos vários tempos que existem.

Pois é do mais alto valor ético proporcionar aos leitores infantis e juvenis textos literários que dêem conta da transformação perene, inscrita no coração mesmo do ato de viver, enquanto é absolutamente nefasto fazer-lhes crer que a realidade é rígida como a gema arrancada ao seio da terra⁵⁰.

⁴⁹ JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994

Durante muito tempo, nossas crianças ficaram prisioneiras de uma literatura que se caracterizava por uma concepção de escrita voltada para a descrição de um cotidiano infantil modelar. Os personagens eram dotados de virtudes a serem incorporadas e defeitos a serem evitados pelo leitor infantil.

Observa-se no Brasil, a partir da década iniciada em 1920, uma transformação da literatura infantil. “Por um lado, escrever ao leitor infantil era situar a narrativa para além dos tempos e dos espaços reais, opondo-se à realidade cotidiana a construção de universos paralelos”.⁵¹

É a obra de Monteiro Lobato, especificamente a publicação em 1921 da história *A menina do Nariz Arrebitado*⁵², que rompe os cânones que regiam e determinavam o texto literário ao público infantil e estabelece novos referenciais, centrados no estabelecimento de uma linguagem fundada no recurso fantástico e na imaginação.

Lobato foi inovador na criação de seus personagens infantis, quando descobriu que escrever para criança era despir-se da “adulter”, era valorizar a criança, o que é infantil, fazê-la pensar e agir como criança.

É significativa a importância que Lobato dá à criança quando lhe permite dar explicações imaginativas e lúdicas a respeito de elementos da natureza. E quem

⁵⁰ LACERDA, Nilma Gonçalves. CARTAS DO SÃO FRANCISCO: Conversas com Rilke à beira do Rio. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo. (org) *Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Global, 2001. p. 30-31

⁵¹ GOUVÊA, Maria Cristina Soares. A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. In: LOPES, Eliane M.T. [et. Al.]. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 14

⁵² LOBATO, José Bento Monteiro. *A menina do narizinho arrebitado*. Fac-símile da 1ª edição de Monteiro Lobato & Cia. De 1920. São Paulo: Brasiliense, 1982

acompanha o desenvolvimento infantil, verifica que o mundo da criança não é, na verdade, para ela, nem mágico, nem incrível: é natural, é simples, é possível. Nisso a obra de Lobato coincide com a aspiração do ensaísta latino-americano Jesualdo⁵³:

A criança, pelo próprio sentido da evolução, de sua experiência cognosciva, necessita ir transcendendo de si mesma e de seus retratos anteriores, passo a passo, num processo que nunca é final e que se caracteriza pela obstinação insatisfeita de sua busca, e pela alegria de sua vitória diante de cada obstáculo, o que precisamente, mais favorece esse crescimento intelectual. Somente as literaturas infantis que entendam essa luta da criança, intencionalmente ou não, alcançarão o êxito que pretendem como instrumento de cultura, além de instrumento de diversão.

Se pensamos existir uma literatura, conforme acredita Jesualdo, que possua um conteúdo cultural, há de ser esta a literatura penetrável. Esta fará a criança interessar-se porque a faz superar-se, porque não aprisiona sua evolução e tem a possibilidade de proporcionar-lhe novos conhecimentos, novos prazeres.

Não estamos defendendo que a criança deva ter a seu alcance apenas os textos que possam dar conta das suas ansiedades, necessidades, de textos que falem à sua alma. Diante de leituras que não lhe dizem a verdade, que não atendam as necessidades daquele momento, a criança vai abandoná-las sem nenhuma cerimônia. Estamos querendo defender que a criança tenha a oportunidade, diante de tantos questionamentos, diante de tantas imagens prontas, diante de tantos discursos, de interpretar o que lhe chega, de ampliar seus referenciais, descobrir outros jeitos de agir e de ser. De poder ajudá-la a perceber que a bruxa, o gigante, a velha são sempre feios, monstruosos e que as fadas, a princesa são sempre bonitas, esbeltas. Fanny

⁵³ JESUALDO. *A literatura infantil na escola*. (Trad.) AMADO, James. São Paulo: Cultrix, 1982. p. 93

Abramovich na obra *Literatura Infantil Gostosuras e Bobices* fala-nos da importância de ficarmos atentos aos estereótipos, estreitadores da vida da pessoa e de sua forma de agir e de ser, e ajudar a criança leitora a perceber isso. Diz Abramovich:

Saber interpretar o momento, ampliar os referenciais, não se limitar com estereótipos, não endossar os disparates impostos, não reforçar os preconceitos é buscar talvez no estético um momento de ruptura, de transgressão, onde não haja falsas e tolas correspondências, mas descobertas de toda a sedução encoberta, da beleza e sabedoria a serem reveladas, de padrões que não são os dos chamados países desenvolvidos. Afinal, vivemos na América Latina e pertencemos ao Terceiro Mundo!!!⁵⁴

Desejar o leitor incompleto, porque lacunar, mas plenamente acordado para o que vê, sente, capaz de analisar o que uma boa história traz ou que saiba por que não usufruiu daquela leitura, deve ser desejo de todos que trabalham com o texto literário, porque o progresso de um país se faz com jovens leitores. Não é por acaso que as ideologias opressivas continuam promovendo o analfabetismo.

Oportunizar às crianças a leitura de textos diversos que possam levá-las a analisar a situação do idoso na sociedade atual, mostrando que a velhice não é apenas um processo de perdas, mas que há várias velhices, parece-nos fundamental, para que as crianças possam crescer sem os estereótipos que carregam o processo de envelhecimento. Neste sentido, a investigação da nossa pesquisa a respeito das imagens da velhice que a literatura infanto-juvenil apresenta, nos ajudará a construir novos saberes sobre o ser que envelhece. Pois, como acredita Ligia Cademartori, a

⁵⁴ ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil gostosuras e bobices*. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1989. p. 41

principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é “a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais”⁵⁵.

Esse caráter amplo da literatura, de que nos fala Cademartori, deve ser valorizado em detrimento do caráter pedagógico que já apontamos anteriormente. Deixar de apresentar aos nossos jovens leitores a vida em todas as suas possibilidades é silenciá-los, deixá-los adormecidos. Quanto mais leituras eles fizerem, mais terão oportunidade de modificar seus horizontes, de abrir-se a novas leituras, conhecer outra ótica, outra ética.

Acreditamos que a literatura, se ofertada já na infância, abrirá, desde cedo, os horizontes da criança, tornando suas expectativas em relação à vida mais positivas e agradáveis. Queremos pensar, ajudados por Vânia Maria Rezende no *texto Literatura, afeto, memória*, quando questiona: O que a literatura pode por nós ou o que podemos através dela? Rezende responde:

Penso que uma entre as possibilidades – o que cabe a cada ser vislumbrar a seu modo e de acordo com suas diferentes fases – é refazermos nosso percurso existencial, reconfirmando as nossas contradições tais como: a do debate entre a solidão e a comunhão; a angústia (pela consciência da transitoriedade) e o conforto encontrado pela memória, em que se assenta algum sentido humano de perenidade. (...)As leituras podem, então, suscitar modos de reinvenção da vida pelo dimensionamento da consciência. (...) Isto porque a arte literária ensina ao ser humano visões relativas sobre si e sobre a realidade, que se revela ampla e imprevisível⁵⁶.

⁵⁵ CADEMARTORI, Lúcia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 19-20

⁵⁶ REZENDE, Vânia. *Literatura, afeto, memória*. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org). *Ética, Estética e Afeto na literatura para Crianças e Jovens*. São Paulo: Global, 2001, p. 81

Se as leituras podem, segundo Rezende, suscitar modos de reinvenção da vida e se juntamente com a autora, defendemos que a arte literária ensina ao ser humano visões relativas de si mesmo e sobre a realidade tão ampla e imprevisível, é possível, então, tomarmos a canoa e embarcarmos no sonho de acreditar que a literatura infanto-juvenil seja possibilidade de construção de novos saberes sobre o processo de envelhecimento.

2.3 OS ESTEREÓTIPOS CARREGADOS PELOS SERES QUE ENVELHECEM

Tem só duas datas – a da minha nascença e da minha morte.
Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.

Fernando Pessoa

A velhice e a longevidade alcançada pelo homem sempre intrigou a humanidade. Pode-se dizer que há referências sobre a velhice desde os tempos mais remotos. As teorias mais antigas que interpretavam o processo de envelhecimento sempre o atrelavam ao declínio, às doenças. Estar velho significava ser doente. Por muito tempo, a velhice, por ser tratada como doença, chamou a atenção dos cientistas e eles buscavam tratamento para este mal. No livro *Gerontologia Social para Leigos*, no primeiro capítulo, intitulado *Considerações sobre Gerontologia síntese da história social da velhice*⁵⁷ Nara Costa Rodrigues e Newton Luiz Terra traçam o percurso da velhice iniciado em 2.500 a.C. em que se reconhecia a velhice como sinônimo de doença, chegando até o século XX, em que se observam grandes avanços no estudo da ciência

⁵⁷ RODRIGUES, Nara Costa; TERRA, Newton Luiz. *Gerontologia social para leigos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006

do envelhecimento, com o reconhecimento de teorias que tentavam explicar o envelhecimento e a adoção dos termos Gerontologia e Geriatria. No artigo, apontam ser possível encontrar referências sobre a velhice desde os tempos mais remotos. Essa primeira referência, conforme os autores, vem do Egito aproximadamente no ano de 2.500 a.C. e foi fornecida por Ptah-Hotap. A descrição do velho feita por Path em seu livro, não é muito favorável à velhice. Diz o autor: “a velhice é a pior desgraça que pode acometer um homem”⁵⁸.

Ao longo dos séculos, ainda conforme análise dos autores, é possível observar que a organização dos grupos humanos em sociedades mais estruturadas com valores e normas, com o florescimento da religião e da magia e com o desenvolvimento da agricultura, apresenta uma transformação do papel do velho. Segundo os autores,

O poder dos velhos se desenvolve e se solidifica em todos os recantos da terra e nós temos na América Latina, civilizações brilhantes: a dos Maias, a dos Incas, a dos Astecas e dos nossos próprios indígenas, à época do descobrimento, onde os velhos tinham um papel preponderante como chefes de tribos, como pajés, como curandeiros. Nas civilizações nascidas na Europa, principalmente entre os gregos e romanos, também é atribuída uma consideração às pessoas mais velhas, o que constatamos em relação aos Doges de Veneza, aos Cônsules romanos e aos Filósofos Gregos. Nessa época começa a surgir, de maneira mais intensa, a preocupação com a saúde das pessoas, inclusive das pessoas idosas⁵⁹.

Sônia Amorim Mascaro, na obra *O que é Velhice*, mais precisamente no capítulo *Teorias Biológicas que explicam o envelhecimento*,⁶⁰ também analisando o mistério da longevidade e do envelhecimento, traz à tona a visão de que muitas teorias antigas

⁵⁸ RODRIGUES, Nara Costa; TERRA, Newton Luiz. *Gerontologia social para leigos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 18

⁵⁹ Ibid. p. 18

⁶⁰ MASCARO, Sônia. *O que é velhice*. São Paulo. Brasiliense, 1997

identificavam a velhice como doença. Segundo a autora, com o desenvolvimento da Medicina na Grécia, Hipócrates, considerado o pai da Medicina, defendia a idéia de que a doença e a velhice eram manifestações do desequilíbrio do sangue, da linfa, da bÍlis amarela e da bÍlis negra, substâncias que para ele compunham o organismo humano. O pensamento grego, considerando a velhice como doença, alcançou o início do século XX. Ainda conforme a autora, no século XI da era Cristã, Galeno, ao sintetizar seus conhecimentos sobre medicina grega, afirmou que a “velhice era o resultado do enfraquecimento e da redução das funções fisiológicas do idoso”⁶¹. Galeno teria partido da idéia de “Aristóteles, que acreditava que a condição que permite a existência da vida humana era o calor interno, e que a velhice significava o apagar progressivo dessa chama vital”⁶².

Mascaro, fazendo uma análise da participação dos idosos no período medieval, relata que aqueles que não pertenciam à classe dos senhores feudais, em função da tarefa dura do trabalho no campo, muitas vezes eram excluídos da vida pública. A Medicina, com todas as incertezas, acabava favorecendo apenas as pessoas ricas. Restava aos pobres o saber popular das bruxas e dos curandeiros. Concluindo a reflexão da época medieval, Mascaro faz importantes apontamentos:

Durante a Idade Média e até o século XVIII, os idosos eram pouco numerosos. A vida era muito árdua e aqueles que sobrevivessem teriam que contar com a solidariedade da família ou com a caridade pública de senhores feudais e da Igreja. A vida dos idosos continuou muito difícil no início do capitalismo e no século XIX, durante a Revolução Industrial. Quando os idosos não eram ricos e poderosos, seu destino estava depositado nas mãos da família, que podia tratá-los com benevolência,

⁶¹ MASCARO, Sônia. *O que é velhice*. São Paulo. Brasiliense, 1997. p. 44

⁶² *Ibid.* p. 43-44

mas também podia esquecê-los, abandonando-os em hospitais e asilos⁶³.

Matheus Papaléo Netto⁶⁴ faz um estudo preciso sobre a velhice no século XX. No artigo *O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos* fala-nos, em certo momento do texto, dos grandes avanços da ciência do envelhecimento nesse século, destacando a importância dos estudos de Metchnikoff e de Nascher nesta área. Deve-se ao Dr. Metchnikoff, conforme Papaléo, em 1903 a criação do termo *gerontologia*, denominação obtida de *gero* (velhice) e *logia* (estudo).

A criação desses novos termos geriatria e gerontologia, no início de século XX, deflagrou um interesse crescente dos médicos pelo fenômeno do envelhecimento. Foi Nasher que introduziu, ainda conforme Papaléo, a palavra geriatria, e fundou, em 1912, a Sociedade de Geriatria em Nova York. Outro autor importante referido por Papaléo, neste período, é G. Stanley Hall. É dele o livro *Senescence: The last Half of life*, publicado em 1922. Nessa obra o autor procurou comprovar que o envelhecimento, conforme crença da época, não seria o reverso da adolescência.

Os estudos realizados a partir da década de 1930 descortinam a crescente publicação de trabalhos em todas as áreas do conhecimento sobre o processo de envelhecimento. Em 1942, segundo Papaléo, foi criada a American Geriatric Society e em 1946, A Gerontological Society Of America e a Division of Maturity and Old Age da American Psychological Association, criações voltadas ao interesse do estudo da

⁶³ MASCARO, Sônia. *O que é velhice*. São Paulo. Brasiliense, 1997. p. 33-34

⁶⁴ PAPALÉO NETTO, Matheus. *O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos*. In: Elizabete Viana de Freitas [et al]. (orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 2-12

velhice e também pelo impacto causado pelas projeções demográficas que começava a tornar-se acentuado nos Estados Unidos. As décadas seguintes, entre 1950 e 1970 foram importantes, pois se formaram grupos de pesquisa longitudinal sobre a vida adulta e a velhice.

Observa-se hoje que o mundo está cada vez mais velho. O Brasil envelhece, não só porque se vive mais, mas também porque se nasce menos. As últimas pesquisas do IBGE e da Organização Mundial da Saúde nos alertam de que o Brasil deve seguir a tendência dos países mais desenvolvidos. Em poucas décadas será possível observar que o número de pessoas com mais de 65 anos será superior ao de pessoas com menos de 15 anos.

Esse aumento acentuado de idosos trouxe conseqüências para sociedade. Era necessário, segundo Papaléo, conhecer as múltiplas facetas da velhice e do processo de envelhecimento. Fazendo uma análise da sociedade moderna, Papaléo expõe o estado atual da questão:

A sociedade moderna encontra-se hoje diante de uma situação contraditória: de um lado, defronta-se com o crescimento acelerado da população, e, de outro, omite-se perante a velhice ou adota atitudes preconceituosas contra a pessoa idosa, retardando destarte a implementação de ações que visam minorar o pesado fardo dos que ingressam na terceira idade. Não se entende essa omissão quando se sabe que a preocupação com a velhice é tão antiga quanto a origem da civilização. (...) Nas sociedades primitivas os velhos eram objetos de veneração e respeito. Confúcio, nascido em 551 a.C. e falecido em 479 a.C. considerava que todos os membros, devem obedecer aos mais idosos (...) Hoje, o que se nota é uma inversão desses valores, que é fruto, entre outros fatores, da Revolução Industrial, dos avanços tecnológicos e da valorização excessiva de teses desenvolvimentistas,

que têm como objetivo a força de produção, obviamente mais próxima dos jovens do que dos idosos⁶⁵.

Guita Grin Debert, pesquisadora do processo de envelhecimento, em seu livro *A Reinvenção da velhice*⁶⁶ acentua que no final do século XX a velhice era tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais. Sobre a tendência contemporânea de rever os estereótipos associados ao envelhecimento, Debert⁶⁷ tece considerações:

A idéia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos.

No artigo *As relações entre gerações*, Cinara Sommerhalder e Eliete Jussara Nogueira⁶⁸ fazem uma reflexão, em certo momento do texto, sobre o preconceito que ainda existe em relação aos idosos. Ainda é forte a idéia de que os idosos são doentes, de que necessitam ajuda e apoio para tudo. Pensam as autoras que essa imagem negativa, muitas vezes divulgada pelos meios de comunicação, acabam associando o envelhecimento apenas a perdas quando se sabe, atualmente, que também há ganhos. Acreditam Nogueira e Sommerhalder que é possível fortalecer os preconceitos e a

⁶⁵ PAPALÉO NETTO, Matheus. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: Elizabete Viana de Freitas et al. (orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 4

⁶⁶ DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da USP: Fafesp, 1999

⁶⁷ Ibid. p. 14

⁶⁸ NOGUEIRA, Eliete J., SOMMERHALTER, Cinara. As relações entre gerações. In: NERI, Anita. L. e FREIRE, Sueli Aparecida: *E por falar em boa velhice*. 2. Ed. Campinas, SP: Papirus 2003

desvalorização dos idosos, através das histórias que são contadas pelos adultos às crianças. Sobre essa questão fazem importantes anotações:

Os preconceitos e a desvalorização dos idosos também podem ser transmitidos nas relações intergeracionais por meio das histórias contadas por adultos, professores e parentes para as crianças – como os famosos contos de fadas, nos quais as bruxas sempre são velhas, feias e malvadas. Tais histórias, ou mesmo alguns comentários casuais de situações que envolvem idosos – tais como “coitado, ele já não fala coisa com coisa”: “seu avô está cada vez mais rabugento”; não liga para o que ele fala, ele esquece do assunto”; “esses velhos, na rua, na fila do banco só atrapalham”; “só podia ser velho dirigindo” – são exemplos de como é transmitida a visão negativa da velhice, enfatizando as perdas e generalizando a ocorrência de comportamentos negativos dos idosos, sem a consciência do quanto tais atividades de convívio entre gerações também podem ser responsáveis pela disseminação de preconceitos e estereótipos.

Alguns estudos mostram que a televisão, a literatura infantil, os livros e as revistas, por serem meios de comunicação de massa, poderiam transmitir modelos mais positivos da velhice, em lugar de reafirmar preconceitos e estereótipos – o que permitiria modificar a percepção negativa do envelhecimento⁶⁹.

Alguns estudos, conforme as pesquisadoras, (SOMMERHALDER e NOGUEIRA, 2003) já acenam para a possibilidade de a literatura infantil, os livros e as revistas, ao invés de reafirmarem preconceitos e estereótipos em relação ao processo de envelhecimento, poderem transmitir modelos mais positivos da velhice. Nossa intenção, no capítulo *A literatura infanto-juvenil a consciência do mundo*, que faz parte dessa dissertação, é também poder discutir a importância da literatura infanto-juvenil como possibilidade de construção de novos saberes sobre o ser que envelhece. Para isso, propomos que as crianças/jovens transitem entre os mais diversos textos literários, a

⁶⁹ NOGUEIRA, Eliete J., SOMMERHALTER, Cinara. As relações entre gerações. In: NERI, Anita. L. e FREIRE, Suely Aparecida: *E por falar em boa velhice*. 2. Ed. Campinas, SP: Papyrus 2003. p. 108-109

fim de que, conhecendo as múltiplas facetas do processo de envelhecimento, possam acreditar que é possível construir um futuro diferente para o ser que envelhece.

Esse tratamento multifacetado que se tem dado à velhice, a crescente preocupação com o tema do envelhecimento e a dificuldade do Brasil para lidar com esse novo perfil etário, constituiu desejo de verificar como as obras literárias espelham a pluralidade de imagens dos seres que envelhecem. Para isso, buscamos em pesquisadores que se interessam em estudar o processo de envelhecimento, material de estudo, a fim de podermos analisar a que imagens de velhice está associada a literatura infanto-juvenil.

CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 ESCOLHA DO CORPUS

Esta dissertação de mestrado não é somente a apresentação, discussão e a análise das imagens de velhos que aparecem nas obras de literatura infanto-juvenil, mas também a reflexão da experiência de mais de 20 anos como educadora.

O Colégio Bom Conselho, escola em que trabalho, tem um projeto de literatura, cujo objetivo é preparar a criança/adolescente para a leitura do mundo. Como professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, participo desse projeto. No artigo *O alimento da Leitura: uma proposta de trabalho com a literatura*, publicado na revista Educação, Caio Riter e Marisa F. Steffen, apresentam aos leitores o projeto de leitura da escola Bom Conselho.

(...) o Departamento de Língua Portuguesa e Literatura faz da leitura o seu carro- chefe. Através da indicação de um livro mensal – clássicos e textos contemporâneos - , busca-se formar um leitor mais crítico. Leitor capaz de perceber o mundo que o cerca e de estabelecer relações entre ele e suas leituras, propiciando espaço para o prazer, para a fantasia e para a imaginação. Leitor verdadeiro e competente, que compreenda muitos dos significados apresentados na obra e que possa emitir juízo aprofundado e qualificado sobre os textos lidos. Assim busca-se propiciar espaço para a interação com os textos através das mais variadas atividades, priorizando-se momentos de reflexão individual e coletiva, tais como debates, encontros com escritores, atividades artísticas, jogos, brincadeiras ...Nossa maior missão: refletir sobre o

prazer a obrigatoriedade da leitura como elementos necessários na construção de um ser mais humano⁷⁰.

Participando dessa experiência de leitura como professora do Colégio Bom Conselho e como aluna do professor Doutor Johannes Doll na disciplina “Educação e envelhecimento – a construção social da velhice” na UFRGS, foi nascendo juntamente com uma colega da disciplina, também professora do Bom Conselho, professora Cássia Pegoraro, o desejo de trazemos para a escola a reflexão sobre a velhice. Do desejo conjunto nasceu o projeto: Contar histórias: um elo entre avós e netos. O projeto tinha como objetivos: aproximar, a partir da literatura, as diferentes gerações, sensibilizando as crianças e os jovens para a valorização da vida do idoso e analisar a situação do idoso na sociedade de hoje (na família, nos asilos, etc.), refletindo sobre seu próprio processo de envelhecimento. Para motivarmos as crianças/jovens para o trabalho, começamos fazendo a contação das histórias para as turmas que estavam fazendo parte do projeto: *A colcha de retalhos*, de Conceil Corrêa da Silva, *Nye Ribeiro Silva*, *Bisa Bia*, *Bisa Bel*, de Ana Maria Machado e *Menina Nina*, de Ziraldo. Estas obras já haviam circulado pela escola e nelas as crianças tinham demonstrado interesse.

Para dar conta dos objetivos do projeto, iniciamos com questionário diagnóstico. Perguntamos, então: Quem ouviu histórias contadas pelos avós? Que histórias? Como essas histórias foram transmitidas para as crianças? Enquanto recolhíamos as entrevistas e analisávamos o que havíamos perguntado, propiciamos o encontro dos alunos com especialista sobre o envelhecimento e realizamos oficinas teórico-práticas

⁷⁰ RITER, Caio; STEFFEN, Marisa F. O alimento da Leitura: Uma proposta de trabalho com a literatura. *Revista Educação*. Ano V nº 32, p. 32-33 Maio/Jun., Porto Alegre, 2002.

sobre como envelhecer com saúde. Das histórias ouvidas pelas crianças apareceram obras de literatura que abordavam a questão do envelhecimento. A essas obras agregamos outras que achamos importantes para a reflexão sobre o ser que envelhece. No final, já havíamos recolhido uma série de obras literárias que poderiam ser aproveitadas para a leitura em sala de aula. Juntamente com os alunos elegemos as obras que iríamos trabalhar: *A Colcha de Retalhos*, de Conceil Corrêa da Silva, Nye Ribeiro Silva, *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, *Menina Nina*, de Ziraldo, *A Reforma da Natureza*, de Monteiro Lobato, *Corda Bamba*, de Lygia Bojunga, *Vovô Fugiu de Casa*, de Sérgio Caparelli, *O outro Lado do Tabuleiro*, de Eliane Ganem e *Receita para um Dragão*, de Simone Saueressig. Durante a leitura das obras, discussão em sala de aula, realizamos outras atividades: produção escrita da história contada pelos avós, confecção de um painel com as histórias escritas e fotos dos avós, hora do conto: crianças contam as histórias que ouviram de seus avós, sarau integrando as turmas que participaram do projeto e seus respectivos avós e, por fim, alunos contadores de histórias que ouviram de seus avós na 48ª Feira do Livro em Porto Alegre.

Enquanto o projeto acontecia, sentia cada vez mais forte a necessidade de acordar a nova geração para a problemática do envelhecer num país com tanta desigualdade social, sensibilizá-la da importância de envelhecer com saúde e com dignidade.

Mais tarde, como aluna do curso de Mestrado e estudando disciplinas voltadas para se pensar o ser que envelhece, não tive mais dúvidas: a literatura seria a porta de entrada para sensibilizar as crianças/jovens para o processo de envelhecimento.

Quando comecei a desenhar meu projeto de dissertação, tudo já estava claro. Sabia o que queria investigar. O velho seria meu sujeito de pesquisa e a literatura infanto-juvenil seria o instrumento para análise da seguinte questão: que imagens da velhice aparecem nas obras de literatura infanto-juvenil?

Quando decidimos, no projeto, a escolha do corpus para análise do que nos estávamos propondo: *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, *Menina Nina*, de Ziraldo, *A Reforma da Natureza*, de Monteiro Lobato, *Corda Bamba*, de Lygia Bojunga, *Vovô Fugiu de Casa*, de Sérgio Caparelli, *O outro Lado do Tabuleiro*, de Eliane Ganem e *Receita para um Dragão*, de Simone Saueressig, a escolha foi tranqüila, pois eram obras que eu conhecia, escolhidas conjuntamente entre alunos e professores. Havia despertado nas crianças/jovens o desejo da discussão. Pensamos: vai ser fácil! Fácil nada! Com o tempo, nos demos conta do desafio a que estávamos nos propondo e o tempo que tínhamos para dar conta da nossa tarefa. Ficou claro que não conseguiríamos realizar o que havíamos pensado. Que critérios utilizar, então, para escolher as três obras que fariam parte do corpus? Lembramo-nos, em primeiro lugar, de perguntar às turmas envolvidas no projeto se lembravam dos livros e do projeto, e se lembravam, quais os livros de que mais eles haviam gostado. Os mais citados por

aqueles que lembraram do projeto e da leitura foram: *O outro Lado do Tabuleiro*⁷¹, *Vovô Fugiu de Casa*⁷² e *Receita para um Dragão*⁷³. Pensamos, então: Está feita a seleção do corpus. Estas serão as obras que servirão para análise da questão a que estamos nos propondo: que imagens de velhos aparecem nas obras de literatura infanto-juvenil?

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nossa pesquisa é de cunho qualitativo e pretende dar continuidade aos estudos sobre o processo de envelhecimento que, já a partir da década de 50, preocupa os pesquisadores. O mais interessante é que esse tema permanece, pela sua complexidade, despertando o interesse de estudiosos das mais diversas áreas, estudiosos que buscam respostas para o mistério do que seja envelhecer. Sabemos dos desafios de quem pretende trilhar estes caminhos, porque dificilmente se poderá obter respostas para problemas que nunca terão uma resposta completa, pois o ser humano permanecerá sempre um mistério.

Partindo do desejo de estudar e conhecer, através da literatura infanto-juvenil, a imagem do ser que envelhece, trabalhamos com a seguinte indagação para a realização do projeto de dissertação: **Que imagens de velhos aparecem nas obras de literatura infanto-juvenil?** A partir desta indagação, propomos os seguintes objetivos:

⁷¹ GANEM, Eliane. *O Outro Lado do Tabuleiro*. 11.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

- Descrever a imagem dos velhos em obras de literatura infanto-juvenil;
- Perceber, através das análises, as diferentes facetas da imagem da velhice em obras de literatura infanto-juvenil;
- Despertar a escola como espaço de construção de novos saberes sobre o processo de envelhecimento.

Encontrar um caminho metodológico para o que gostaríamos de investigar não foi fácil. Após termos decidido sobre o que desejaríamos pesquisar e já haveríamos escolhido que a literatura infanto-juvenil seria o caminho, sabíamos que a próxima pergunta a responder seria: Que procedimentos metodológicos assegurariam nossos resultados e como desenvolveríamos a análise das obras literárias, a fim de verificar com precisão que imagens dos velhos a literatura apresenta? Depois de muito discutir, avaliar, decidimos que o caminho mais indicado para responder a nossa indagação seria, em primeiro lugar, selecionar autores da área da gerontologia, a fim de verificarmos que conceitos de velhice apresentam, que apontamentos fazem a respeito dos processos diferenciais do envelhecimento, que discussão os autores fazem a respeito das imagens da velhice e do envelhecimento que a mídia veicula, qual a postura dos estudiosos frente ao entendimento do processo de envelhecimento como um processo de perdas e aquisições, o que discutem os estudiosos sobre os estereótipos que carregam os seres que envelhecem e por fim, qual a postura desses pesquisadores do processo de envelhecimento frente à idéia de que a velhice ainda é um fenômeno a ser desvendado. Depois de recolhido o material, já estávamos prontos

⁷² CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. ed. Porto Alegre: LPM, 1997.

⁷³ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999.

para o início da análise das obras literárias, a fim de verificarmos que imagens da velhice a literatura apresenta. Propusemo-nos a analisar três obras, conforme já foi explicitado no item escolha do corpus: *Vovô Fugiu de Casa*, de Sérgio Caparelli, *Receita para um Dragão*, de Simone Saueressig e *O outro Lado do Tabuleiro*, de Eliane Ganem. O diálogo dos pesquisadores da área da gerontologia (Agostinho Both, Sônia Amorim Mascaro, Alda Brito Motta, Pedro Paulo Monteiro, Vitória Kachar, Marco Túlio Cícero, Ecléa Bosi, Simone de Beauvoir, Clarice Ehlers Peixoto, Lígia Py, Anita Neri, Geraldine Alves dos Santos, Cícero Emídio Vaz, Newton Aquiles Von Zuben, Jaime Lisandro Pacheco, Marisa Silvana Zazetta de Mediondo, Leonia Capaverde, Regina M.P Leite Erbolatto) com as obras literárias escolhidas, a interpretação e análise da pesquisadora dos textos literários e da bibliografia recolhida para estudo, e a compilação dos mais diversos saberes a respeito do processo de envelhecimento possibilitaram à pesquisadora responder à indagação do projeto de dissertação e a atender aos objetivos propostos.

A conclusão há de retomar e apresentar os resultados da análise literária a respeito das imagens de velho que as obras apresentam.

CAPÍTULO 4. LITERATURA, EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO: POSSÍVEL ENCONTRO

4.1 RESUMO DAS OBRAS

a) *Receita para um Dragão*, de Simone Saueressig

Receita para um Dragão teve sua primeira edição em 1999, pela Editora Scipione. A obra tem 61 páginas, e a capa e ilustrações são de Mariângela Haddad.

Simone Saueressig iniciou sua carreira de escritora aos vinte anos. Foi quando ganhou seu primeiro concurso literário com a crônica *Sonhos de Piá*, e em 1987, publicou seu primeiro livro de estréia, *O mistério do formigueiro*. Desde lá, vem publicando textos voltados para o público infanto-juvenil e conquistando vários prêmios literários.

Joana, a protagonista da história, era uma velhota que vivia a recolher os papéis que encontrava pela rua. Por isso era olhada com desconfiança, não só pelas crianças da cidade, mas também por todos os moradores. Joana morava bem no alto

de uma colina e era fruto do comentário das crianças. Achavam que era louca, bruxa ou falsificadora de dinheiro.

Joca, Tina, Lúcia, curiosos para saber o que se passava na casa da velhota, resolvem ir até a casa da velha para bisbilhotar. Quando espiam pela janela, Tina, descuidada, acaba escorregando e caindo dentro da casa da velha. Vendo que não conseguiria sair da casa a não ser pela porta da frente, resolve bisbilhotar. Descobre que a velha vivia de confeccionar coroas de enterro com os papéis que recolhia da rua. Caminhando pela casa, acaba ouvindo, por detrás de uma porta, ruídos estranhos: o barulho da chuva, o ruído dos mares, o piar de uma gaivota.

Despreocupada enquanto passeava pela casa de Joana, acaba assustando-se ao esbarrar com um cachorro de papel e sem querer quebra um vaso. Ao sair correndo da casa, acaba esbarrando em Joana, mas, mesmo assim, sai correndo assustada.

Ao saber do que havia acontecido, a mãe de Tina resolve dar-lhe um castigo: a menina deveria trabalhar na casa de Joana por três meses, a fim de pagar o prejuízo que havia dado.

Receosa de seu trabalho e com medo da velha, Tina chega na casa para realizar seu serviço, apreensiva. Porém surpreende-se com a acolhida de Joana que lhe oferece chá e biscoitos de aveia.

Com o passar do tempo a menina vai conhecendo o que de fato Joana escondia em sua casa. Ao descobrir o segredo de Joana, pede a ela que a ensine, com o que a velha acaba concordando. Quanto mais se aproximava de Joana, mais é abandonada na escola por seus colegas, pois seus amigos acreditavam que Tide havia-se transformado em escrava da velhota.

Esse encontro da velha e da menina vamos acompanhar durante toda a narrativa.

b) *Vovô Fugiu de Casa, de Sérgio Caparelli*

Vovô Fugiu de Casa, de Sérgio Caparelli, teve sua primeira edição em 1981, pela L&PM Editores. A obra tem 150 páginas, e as ilustrações e capa são de Edgar Vasques.

Sérgio Caparelli tem mais de 30 livros publicados, especialmente para o público infantil e juvenil. Sua primeira novela infanto-juvenil foi publicada em 1979, com o título *Os Meninos da Rua da Praia*. Além de suas obras, dedicadas a crianças e adolescentes, diversas vezes premiadas, Sérgio Caparelli tem estudos publicados sobre jornalismo e comunicação de massa. Recebeu o Prêmio Jabuti, em 1982, pela obra *Vovô Fugiu de Casa*, obra que faz parte do nosso estudo.

A obra *Vovô Fugiu de Casa* é a história da bonita amizade entre um menino e seu avô italiano. No momento em que ficam sabendo que a família pretende internar o

avô Beppe, em um asilo para velhos, o menino sugere ao avô que fuja de casa, mas pede que o leve junto. A fuga do garoto e de seu avô italiano levam a narrativa à zona de colonização italiana no Rio Grande do Sul. Durante a fuga que avô e neto empreendem, acompanharemos o encontro deles com personagens fascinantes. Essa trajetória do menino e de Beppe, que faz esculturas de fumaça e que sonha voltar para a sua terra natal, desfrutaremos durante a leitura da obra.

c) *O Outro Lado do Tabuleiro, de Eliane Ganem*

O Outro Lado do Tabuleiro, de Eliane Ganem, teve sua primeira edição em 1984. A obra de 127 páginas não tem ilustrações.

Eliane Ganem é publicitária, professora, editora, dramaturga, jornalista e escritora. É apontada pela crítica Internacional como uma das mais importantes escritoras do país no gênero Infanto-juvenil. Recebeu muitos prêmios, sendo dois da Academia Brasileira de Letras. *O Outro Lado do Tabuleiro*, que faz parte do nosso estudo, recebeu o Prêmio Alfredo Machado Quintella (da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).

Na obra *O outro Lado do Tabuleiro*, Tide, uma senhora de 72 anos, acaba envolvendo-se, sem querer, no seqüestro de Alice, menina de nove anos. Após encontrar um bilhete da menina com a palavra “Rainha mãe”, Tide descobre que o bilhete era um código a ser decifrado. Tide tinha a certeza de que a palavra Rainha

Branca era um código, só poderia ser a Rainha branca da Alice. Corre então para a estante da casa, a fim de encontrar *Alice Através do Espelho*, obra de Lewis Carrol.

Percorrendo a narrativa, mais precisamente o capítulo V, encontra a Rainha Branca. “Era a rainha que viva para trás, explica a seu filho, que já estava esquecido da história que havia ouvido de sua mãe quando ainda era pequeno”⁷⁴. Na leitura do capítulo V, através do jogo de xadrez, jogando ao contrário, desconstruindo os fatos, avançando e recuando as peças e paralelamente tricotando a sua lã, Tide revela as possíveis soluções para o mistério do qual depende, inclusive, a vida de Alice.

4.2 QUE IMAGENS DA VELHICE APARECEM NAS OBRAS ANALISADAS?

4.2.1 Receita para um dragão/ Simone Saueressig

Na obra *Receita para um Dragão*, Joana era uma velhota gordinha que catava os papéis que encontrava na rua. Morando sozinha, em uma casa verde no alto da colina, era olhada com desconfiança pelas crianças, que viviam a discutir se seria louca, bruxa ou falsificadora de dinheiro.

⁷⁴ GANEM, Eliane. *O Outro Lado do Tabuleiro*. 11.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 20

No início da obra, o narrador descreve as características da primeira personagem que aparece. Antes do nome, o adjetivo *velha* caracteriza a personagem. Descreve-a como *“uma velhota gordinha com um chapéu velho”*⁷⁵.

Na cidade em que morava, Joana era conhecida de todos, mas ninguém se importava e tampouco se interessava por ela. Joana morava numa casa sobre a colina, distante de todos. Despertava a curiosidade de toda a gente, mas para as três crianças, a velha era a personagem predileta:

“- É louca – cochichava Joca, com a cara cheia de sardas.l

- Não é! – resmungava Tina, torcendo o nariz arrebitado.

- Talvez seja uma espécie de bruxa – opinava Lúcia, de cabelos vermelhos e tranças.

- Bobagem! – duvidavam os outros dois. Depois, Joca apostava:

- Pode ser uma falsificadora de dinheiro. Vai ver, reúne esses papéis, faz uma pasta com eles e depois faz dinheiro numa máquina enorme, no porão de sua casa.

*A idéia era razoável, pois explicava por que Joana morava tão longe e tão sozinha.”*⁷⁶

A curiosidade das crianças fez com que elas subissem até o alto da colina para bisbilhotar a casa da velha. Queriam descobrir os segredos, os sons que saíam da casa de Joana. A princípio, Tina pensava em dar uma olhadinha rápida, mas não conseguia conter a curiosidade de espiar um pouquinho mais. Ficava surpresa ao descobrir muitas coroas de enterro escondidas próximo da parede mais escura da peça. Ao espiar por

⁷⁵ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 5

⁷⁶ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 6

toda a casa, encontrou várias caixas cheias de papéis coloridos separados por cores, e descobriu o trabalho de Joana. Não era nem bruxa, nem louca e também não fabricava dinheiro falso. O trabalho da misteriosa personagem era fazer coroas de flores para enterro.

Agostinho Both, no texto *Fundamentos filosóficos*, fala-nos da importância de penetrarmos na casa da velhice para melhor compreendê-la. Embora Tina não conheça a dimensão do que experimentará, o encontro com a velha Joana poderá ser possibilidade para muitas descobertas:

Conceber a velhice significa penetrar em sua casa, compreendendo da melhor maneira possível todo o seu ser. E isto não significa que após exaustivos exercícios do seu significado tenha-se chegado a compreendê-la. O ser não se cansa de se revelar.⁷⁷

Esse exercício de compreender melhor o ser que envelhece, referido por Both, descortina-se no momento em que Tina começa a conhecer Joana.

Durante a visita pela casa da velha Joana, Tina ouve ruídos de marés, de bosques, de chuva, do piado das gaivotas. Ao aproximar-se da porta, que esconde os sons, leva a mão até a chave que tranca a porta e descobre que ela está fechada. Agora tem a certeza de que ali todos os segredos de Joana estavam guardados. Preocupada por estar demorando-se muito na casa da velha, após ter feito novas descobertas: pássaros, um gato estampado de flores azuis, um cachorro coberto de papel verde-musgo, com o rabo verde-limão, busca com pressa a saída (da casa) e

acaba quebrando um vaso. Assustada, sai correndo, contudo esbarra com a dona da casa. Vendo que seus amigos corriam em direção à cidade, toma a mesma atitude. Corre sem olhar para trás.

À noite, escuta o telefone tocar e acha que é o seu pai. No entanto, logo sua mãe lhe diz que era Joana. A princípio, Tina quer-se desculpar do acontecido, entretanto sua mãe não a ouve e revela-lhe o que havia combinado com a velha: *Durante os próximos três meses, você irá à casa de Joana e a ajudará no seu trabalho. Todos os dias, inclusive nos sábados à tarde.*⁷⁸

No outro dia, ao chegar na escola, Tina era o centro das atenções. Todos queriam saber da sua aventura no interior da casa verde. Se pudesse voltar no tempo, não iria bisbilhotar mais a casa da velha. Enquanto tomava coragem para tocar a campainha, sentia-se sozinha, assustada e sobretudo muito envergonhada. Ao ouvir a porta se abrir, Tina ficou surpresa com a recepção:

*- Olá! – respondeu a outra, abrindo mais a porta. – Entre. Fiz um bule de chá de maçã e tenho pães de mel e biscoitos de aveia para a hora do lanche. Você gosta?*⁷⁹

Tina não imaginava a recepção acolhedora. Ficou encantada, pois não entendia como Joana descobrira que os biscoitos de aveia eram seus prediletos. A velha, que a

⁷⁷ BOTH, Agostinho. Fundamentos filosóficos. In: BOTH, Agostinho; PORTELLA, Marilene R.; BOTH, Solange L. *Fundamentos de Gerontologia*. Passo Fundo: UPF, P. 13

⁷⁸ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 14

⁷⁹ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 16

princípio temia tanto, apresentava-se diferente da imagem que Tina e seus amigos haviam construído. À medida que ia conhecendo a casa, desconstruindo o primeiro olhar sobre o que tinha visto, percebeu que a sala em que trabalharia era bem acolhedora.

Solange Both, no texto *Fundamentos sociológicos*, discorre sobre a importância do modelo cultural que recebemos referente à velhice, pois este conceito estabelecerá a referência básica para o desenvolvimento do indivíduo

(...) a introjeção do modelo cultural referente à velhice induzirá a que as crianças imponham a si mesmas este modelo, repetindo-se indefinidamente o padrão humano no que se refere ao envelhecimento. As crianças ao verem o velho sem ter o que fazer ou tendo que cumprir papéis irrelevantes desenvolvem sentimentos de uma silenciosa rejeição em relação à velhice.⁸⁰

Tina, que a princípio estremecia quando era encarada por Joana, aos poucos sente-se mais à vontade. A rejeição inicialmente sentida, não mais falava a seu coração. Queria saber qual seria o seu trabalho.

*- Vou ensiná-la a fazer flores com papel dobrado – explicou, acomodando-se diante da mesa. – Temos de encher esta caixa. Depois, pelo meio da semana, montamos as coroas. No domingo, o senhor Alves, da funerária, passará para recolhê-las. Faço duas dúzias de peças por semana... Sabe do que estou falando, não?*⁸¹

⁸⁰ BOTH, Agostinho. Fundamentos filosóficos. In: BOTH, Agostinho; PORTELLA, Marilene R.; BOTH, Solange L. *Fundamentos de Gerontologia*. Passo Fundo: UPF. p. 43

⁸¹ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 16-17

Durante as três horas seguintes, Tina aprendeu com facilidade o que lhe ensinava Joana. Tudo parecia simples e fácil. A menina sentia-se tão à vontade que começou a falar da escola, dos amigos, dos professores. Ficou feliz com a atenção de Joana, mais contente ainda porque Joana ria das traquinagens dos seus colegas e não olhava desconfiada como sua mãe fazia. O diálogo começa a tecer o fio que abrigará a velha e a menina. A solidão que compartilha a menina, agora, é prenúncio de um diálogo que abrirá as portas de um novo lugar para Tina e para Joana.

Viver a velhice faz parte da nossa experiência, diz Sônia Amorim Mascaro⁸². Os idosos estão conosco na vida familiar, no trabalho, nas notícias dos jornais, na televisão, nas artes. E cada um nos revela uma faceta diferente. Essa diversidade de imagens, conforme a autora, leva-nos a entender que há diversas maneiras de vivenciarmos o envelhecimento, a velhice, segundo circunstâncias de natureza biológica, psicológica, social, econômica. Embora Tina e o grupo de amigos tivessem receio da figura de Joana, por ela representar a figura da velha que a princípio poderia ser bruxa e outros adjetivos referidos no texto, esse olhar de significado, a percepção de que Joana, a velha que morava na casa no alto da colina talvez fosse diferente do que haviam pensado, fazem-nos acreditar que o primeiro olhar para o ser que envelhece é apenas o olhar para o externo, sinais de tempo que não é possível dissipar.

Se fecharmos os olhos, a figura da bruxa desenha-se rapidamente em nosso imaginário como uma velha feia, magra, enrugada, que perambula, misteriosamente,

fazendo maldades e assustando as crianças. Esse primeiro olhar de Tina para Joana, confirma a imagem negativa da figura do velho. A percepção de que o envelhecimento pode ser vivido de forma diferente é construção que Tina começa a realizar. Sobre a complexidade desse fenômeno, vejamos Agostinho Both no texto: *Fundamentos Filosóficos*.⁸³

O envelhecimento é um fenômeno complexo, pois diferentemente se envelhece no corpo, na alma e diante dos outros. É do senso comum, porém, falar-se obscura e genericamente da velhice. Pode o corpo estar muito prejudicado aos oitenta anos – resultado de herança genética ou de hábitos – mas pode a consciência estar vigorosa no entendimento e encantados os sentimentos e dizer o velho que nunca esteve bem assim. (...) Isto significa que as funções biológicas, psicológicas e sociais podem apresentar características diferentes e a marcha do envelhecimento ser diferente em cada uma delas e mesmo em cada uma ser diferenciado o envelhecimento.

A aproximação do tempo em que conviveria com Joana já era esperado com ansiedade por Tina. Estava muito feliz com o trabalho que realizava. Queria dividir sua alegria com a família, porém sentia-se triste quando percebia a ironia de Alfredo, seu irmão, ao se referir à profissão que estaria aprendendo. Ao chegar na casa de Joana, nem os biscoitos puderam afastar sua tristeza. Imaginava o que os outros pensariam dela, trabalhando com Joana. Provavelmente acabaria maluca como ela. Estava triste com a nota baixa em Matemática e agora contava o tempo para ter o que ela chamava de vida normal.

⁸² MASCARO, Sônia de A. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997

⁸³ BOTH, Agostinho. Fundamentos filosóficos. In: BOTH, Agostinho; PORTELLA, Marilene R.; BOTH, Solange L. *Fundamentos de Gerontologia*. Passo Fundo: UPF. p. 18

Este primeiro encantamento que experimentava a menina, o afeto que começava a sentir pela Joana, a alegria do convívio, as tardes de aprendizagem confundiam Tina. Embora todas as descobertas, a menina tinha receio daquilo que os outros iriam pensar e dizer. Como explicar às suas amigas que estava amiga da velha catadora de papéis, o que diriam ao saberem que estava aprendendo a fazer coroas de flores para os mortos? Ao mesmo tempo que Tina começava a desconstruir a imagem que tinha de Joana, sentia-se incomodada com o que pensariam suas amigas.

No artigo *Envelhecimento e Sentimento do Corpo*, Alda Britto Motta⁸⁴ faz importantes apontamentos sobre o imaginário social a respeito do processo de envelhecimento:

Às vezes as pessoas fazem concessões e expressam um esteticismo abstrato, comentando a beleza de um “rosto marcado pelo tempo”, “um pergaminho”. Mas ninguém quer ter essa “beleza”, essa aparência associada ao desgaste e à proximidade da morte.

No imaginário social, o envelhecimento é um processo que concerne à marcação da “idade” como algo que se refere à “natureza”, e que se desenrola como desgaste, limitações crescentes e perdas, físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte. Não se costuma pensar em nenhum bem; quando muito, alguma experiência.

Embora confusa com os sentimentos novos, temerosa daquilo que os amigos iriam pensar da nova amizade, do que estaria aprendendo com a velha catadora de papéis, Tina desejava aproximar-se de Joana, conhecê-la, aprender o seu ofício.

⁸⁴ MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA, Carlos E. A. Jr.(org) *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. p. 41

O rosto marcado pelo tempo, a beleza, agora, associada às rugas da existência, que a princípio assustavam Tina, são agora possibilidade de novo olhar, de novo aprendizado, não mais trajetória que se desenrola apenas com desgastes, mas sim com oportunidades de ser, de fazer, de realizar.

A descoberta de algo novo no porão instiga a menina. Mais uma vez Tina vê-se diante da porta fechada, quer abri-la, mas Joana a interrompe dizendo:

- Lamento, se ele a assustou. Mantenho Hans encerrado porque é muito travesso e não nos deixaria trabalhar. Um dia desses, apresentarei um ao outro, oficialmente⁸⁵.

A intimidade com Joana fazia-a feliz. Sentia-se bem ao lado da velha. Gostava de conversar e ser ouvida. Achava-se importante na companhia da artesã. Todos os medos iniciais desapareciam, na medida em que abria a possibilidade para o encontro. A bronca que levaria por ter quebrado o vaso da família de Joana nunca veio. Joana, aos poucos, mostrava à menina a importância do ofício de fazer coroas. Depois de preparar o chá, Tina desceu para chamar a artesã. Encontrou-a inclinada sobre uma das coroas e percebeu lágrimas descendo de seus olhos. Teve a certeza de que algo diferente acontecia naquela casa. O choro de Joana era revelador.

A menina resolveu, então, fazer um diário, no qual anotaria tudo o que acontecia na casa de Joana. Anotou que havia escutado, atrás da porta, o ruído das ondas, o piar das gaivotas e, também, que havia encontrado Joana chorando, debruçada sobre

as coroas. Não entendia como ela fazia as lágrimas congelarem. Também anotou que, quando voltava com o chá, Joana saía da portinha e se apressava em trancá-la para que ela não descobrisse o que havia lá dentro. Tina estava contente, pois Joana lhe havia ensinado fazer uma rãzinha que saltava.

Ao chegar novamente na casa de Joana para fazer seu trabalho, deparou-se com um bilhete de Joana. Dizia o bilhete que Tina deveria entrar pelos fundos da casa e subir até seu quarto, pois estava muito gripada e havia decidido que ficaria na cama. Ao subir até o quarto de Joana, Tina deparou-se com Hans, o cão, e Sofia, que era uma gata. A gata era esquisita, de papel de seda azul, e Hans não estava coberto de papel, como pensara outro dia: era de papel. Durante algum tempo, a menina ficou imóvel com as descobertas. Perguntou a Joana se era possível Hans e Sofia estarem vivos.

*- Sim, os dois estão vivos, Hans e Sofia. Vamos, há muito mais para ver e você vai precisar de um chá para ajudá-la a acreditar em tudo.*⁸⁶

Ao abrir a porta para que Tina conheça o desconhecido e penetre num mundo que era só dela, a artesã abre caminho para a construção de trajetórias diferentes. Joana passa a dividir seu mais belo segredo com a menina. Descortina-se um mundo de possibilidades, de sonhos que a menina, somente junto de Joana, poderá desfrutar. A teia passa a ser tecida a duas mãos. A menina começa a perceber que o tempo para

⁸⁵ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 20

⁸⁶ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 26

Joana não é inimigo, mas sim totalidade e existência, como nos ensina Pedro Paulo Monteiro⁸⁷, em sua obra: *Envelhecer: Encontros, Histórias, Transformações*:

O tempo não é inimigo, mas sim totalidade, existência, possibilidade de realização e cumprimento de nossa missão durante a passagem do rio da vida. É através do tempo, que nutre o fruto da experiência de toda uma vida, que podemos modificar as perspectivas e direções a serem tomadas em nossa trajetória, usufruindo de nossas escolhas para que possamos contribuir na orientação dos mais novos, criando dessa forma comunidades sustentáveis. Ou seja, espaços sociais e culturais onde satisfazemos nossas necessidades individuais e nossas aspirações, ao mesmo tempo que nos preocupamos em não diminuir as chances das gerações futuras. Este é o verdadeiro sentido da colheita do fruto da experiência. Se conseguirmos alcançar este objetivo, podemos estar certos de que nossa passagem pela vida teve sentido e valor, porque deixamos marcas no tempo daqueles que nos sucedem. Se isto for possível acontecer, teremos uma certeza, que conseguimos realizar o sonho de sermos eternos. Pois, mesmo depois de sairmos de cena do mundo, permaneceremos vivos na lembrança daqueles que um dia puderam viver de nossas realizações.

Encantada com as descobertas, Tina deixa-se embalar pelo novo, desconhecido. inicia a colheita dos frutos da existência de Joana, experiência da descoberta de que os anos vividos não são impossibilidade de realização. A entrada num mundo de encantamento, que lhe oferece Joana, é possibilidade para que ela comece a construir um olhar de maior significado para Joana.

Afastou a cortina de veludo que usava para abafar os ruídos e as duas espiaram para dentro do quarto.

Primeiro, era um mar dos mais diversos tons de azul e verde, com ondas e marés indo e vindo sobre uma praia branca. Em seguida, por cima das dobraduras marinhas, planavam gaivotas feitas de restos de folhas de algum velho caderno de caligrafia. Seus piados assombravam uma miniatura da cidade exatamente da cor que se pintava a verdadeira quando chegava o crepúsculo, uma sombra cinza azulada, os telhados e as esquinas amarelo-ouro

⁸⁷ MONTEIRO, Pedro P. *Envelhecer: Encontros, Histórias e Transformações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 27-28

– e, acima de tudo, no ponto mais alto da torre da igreja, o sino soava a ave-maria.⁸⁸

Depois de tudo o que tinha visto e, feliz o suficiente com as descobertas, com voz trêmula pediu à Joana que lhe ensinasse a fazer as dobraduras vivas. - *Muito bem, eu ensino – decidiu a mulher.*⁸⁹

Encantada com a sabedoria de Joana, a menina viu que poderia fazer aquilo que Joana fazia: queria ser como ela, não a Joana que tinha construído: a velha, a bruxa, mas sim aquela que ela estava aprendendo a conhecer: uma fazedora de dobraduras vivas que queria seguir, acompanhar. O medo que lhe causava Joana a princípio, dissipava-se. Reduziam-se as distâncias. Decidiu até ir catar papéis com Joana no sábado pela manhã. A atitude da menina causou um certo desconforto na cidade. Todos comentavam o evento. Os meninos a seguiam, mas não se atreviam a dizer nada.

*Tina estaria ficando maluca? Estaria virando bruxa? Seria sócia no negócio do dinheiro falso? Ou, a pior de todas as possibilidades, teria se convertido numa escrava da velhota? Longe das duas os comentários zuniam, e Lúcia ficou vermelha de vergonha ao ouvir um par deles. Mas não foi capaz de sair em defesa de Tina, não senhor! Bem depressinha, decidiu deixar de lado sua amizade com ela, pois não queria ser malvista entre as meninas do colégio.*⁹⁰

Tina sentia-se incomodada com os olhares dos colegas. Não falavam, mas a aproximação da menina com a velha não era entendida pela garotada e pelos

⁸⁸ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 26

⁸⁹ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999, p. 27

⁹⁰ *Ibid.* p. 28

moradores da cidade. Sabia que longe delas os comentários eram muitos. Como era possível entender a aproximação de Tina com uma velhota que todos acreditavam que era bruxa? Sobre a representação que a sociedade cria a respeito do idoso, Vitória Kachar faz considerações importantes na obra: *Terceira Idade e Informática: Aprender Revelando Potencialidades*:

O impacto do envelhecimento na nossa sociedade não é discutido, considerando-se as perdas e ganhos. A imagem construída acentua aspectos pejorativos, associando velho a problema, ônus e inutilidade e velhice, dependência, perda e impotência. (...) A sociedade cria representações e expectativas sobre o idoso, não lhe dando chance de ser além daquilo que espera dele, não respeita o universo de necessidades e interesses de cada pessoa, a sua singularidade⁹¹.

O desejo de não desistir da tarefa de ajudar Joana a catar os papéis coloridos era maior. A menina queria muito aprender a fazer as dobraduras vivas. A pedido de Tina, Joana começou a ensinar-lhe o valor das dobraduras. Pediu a ela que não contasse o segredo a ninguém, pois as pessoas podiam não entender as coisas que o segredo encerrava.

Até começar a fazer de fato as dobraduras, Tina passava apertados em sala de aula. Havia perdido todos os amigos, ninguém queria brincar com ela na escola, e Lúcia havia preferido formar dupla com Raquel na aula de artes. Tina estava disposta a contar-lhe o segredo de Joana. Só não contou porque a menina não quis ouvi-la. O único amigo que não desistiu dela foi Pepino. E foi nesse dia difícil que Joana mostrou à menina como ela deveria fazer as peças importantes das dobraduras. O segredo, confidenciava Joana à menina, estava na maneira de dobrá-las.

⁹¹ KACHAR, Vitória. *Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 32-33,37

- Cada friso é importante. E é importante saber exatamente porque cada um está onde está. É preciso olhar para o papel liso e saber para qual peça serve, se é uma flor, se é um passarinho. As coisas são únicas, por isso não pode haver enganos. Se você dobrar vinte gaivotas, cada uma será única, ímpar. E se fizer uma gaivota com um papel de onde deveria ter tirado um pingüim, por exemplo, terá uma gaivota com mania de fraque para o resto da vida.

- Oh, estou falando tudo isso e na verdade não sei como o faço! – disse. – Não saberia explicar. É preciso ver. Sentir. Olhe bem. É como todas as coisas boas da vida, andar de bicicleta, patinar... No princípio custa um pouco mas, de repente, aprende-se. E, então, é só começar. Se começar direito, se houver encontrado o fio da meada, vai perceber como a coisa funciona quase sozinha.⁹²

Apesar de todos os esforços, Tina não conseguiu dar vida a nenhuma dobradura. Joana dizia com a sabedoria dos anos, que a menina se acalmasse, pois no tempo certo tudo aconteceria. O tempo da experiência, ensina Joana à menina, é o tempo da espera.

- Não se preocupe. As coisas não acontecem da noite para o dia. O mais autêntico milagre leva tempo para preparar, creia-me! É preciso ter paciência e trabalhar muito e muito duro. E, sobretudo, é preciso acreditar.⁹³

E como Joana previra, Tina conseguiu dar vida a sua primeira dobradura. Tinha conseguido, pois já havia treinado em todas as aulas do colégio: na aula de matemática, na aula de geografia, na aula de português. Quando a rã ficou pronta, colocou-a sobre a mesa de estudos no seu quarto e ficou observando o bichinho um

⁹² SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 31

⁹³ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 32

pouco desanimada. Ao apertar a parte traseira da rã, a danada saltou três vezes e seguiu pelo quarto. Quando a rã saltava sem parar, de súbito, a porta do quarto se abriu e sua mãe meteu a cara com um ar curioso. Queria dizer à filha que a havia liberado do castigo. A menina poderia assistir à novela das oito. Para seu espanto, Tina não pareceu muito animada com a idéia. A mãe não sabia que Tina guardava um segredo, que fazia dobraduras e que dava vida a elas.

Joana, antes esquecida por todos, fadada a morrer no esquecimento da cidade que a ocultou no alto da colina, agora revive, porque Tina começa a reescrever, através da vida que dá às dobraduras, o legado da artesã. O preconceito, a desvalorização da figura de Joana, aos poucos, ocupa outro lugar. Tina reconhece em Joana seu valor, sua dignidade e deseja aprender com ela. Sobre a importância de os meios de comunicação de massa transmitirem modelos mais positivos da velhice, discorrem Cinara Sommer e Elite Jussara Nogueira, no artigo *As relações entre gerações*:⁹⁴

Alguns estudos mostram que a televisão, a literatura infantil, os livros e as revistas, por serem meios de comunicação em massa, poderiam transmitir modelos mais positivos da velhice, em lugar de reafirmar preconceitos e estereótipos – o que permitiria modificar a percepção negativa do envelhecimento. Esses estudos também colocam alguns procedimentos educacionais que podem ser utilizados desde cedo, com crianças e jovens, para uma mudança na imagem social de velho e velhice.

Além da apresentação de modelos mais positivos de velhice, os estudos reafirmam a importância do relacionamento entre gerações como a maneira mais eficiente para formar percepções positivas em relação à velhice. Esse pode ser um meio para amenizar os preconceitos, aliviar possíveis tensões entre gerações, proporcionar consciência histórica de passado, presente e futuro e, principalmente, compartilhar a diversidade cultural de valores e estilos de vida.

O encantamento com Joana acontece à medida que Tina reconhece na experiência da nova amiga a possibilidade de aprender a fazer o que mais desejava: dar vida a um dragão. Era isso que Tina estava disposta a fazer.

Na escola, Tina não tinha mais amigos, em casa todos estavam muito ocupados para perceberem o que estava acontecendo com a menina. Queria muito falar com Joana sobre o dragão, mas não se sentia encorajada para tal tarefa. Tina fazia dobraduras durante noites inteiras, repetindo aquilo que aprendera de Joana, enquanto não conseguia conversar sobre a saudade que sentia do pai.

Depois de muito tentar, estava pronto o dragão de Tina. Necessitava apenas colocar o coração. A menina achava que um dragão de verdade deveria ter sentimentos. Precisava somente prender as asas do animal e no quarto não seria possível. Tina levou-o até o jardim para completar tal tarefa.

O monstro de papel deixou-se guiar, interessado, e, quando finalmente chegou ao jardim, parou, surpreso, olhou ao redor, farejou o ar e viu pela primeira vez, o céu e o sol. Soltou um grunhido estranho, gutural e melodioso, ao mesmo tempo. Aquele som cortou os ares, estremecendo as nuvens.

(Nesse exato momento, na casa verde sobre a colina, Hans ergueu a cabeça e uivou longa e sentidamente. Joana, que acabava de pousar a mão sobre o trinco da porta da frente, estremeceu de susto. Depois saiu às pressas sem levar a sacola onde costumava pôr os cacos de papel).⁹⁵

⁹⁴ NOGUEIRA, Eliete J., SOMMERHALTER, Cinara. As relações entre gerações. In: NERI, Anita. L. e FREIRE, Sueli Aparecida: *E por falar em boa velhice*. 2. Ed. Campinas, SP: Papyrus 2003. p. 109

⁹⁵ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 42

Enquanto Joana se apressava, pressentindo que alguma coisa estava acontecendo, Tina experimentava, voando pelos céus com Alfacinha, o dragão, as possibilidades que a vida lhe oferecia. Sentia-se feliz. Não imaginava que a aparição do dragão causaria tantas estripulias na cidade. Várias senhoras desmaiaram, tinha avó em cima de poste, o maestro atirando-se no chafariz. Joca, ao lado de Lúcia, estava impressionado com a invenção de Tina e batia palmas para o invento da menina. Enquanto isso, Alfacinha e Tina davam rasantes pela cidade.

Foi quando viram Joana parada num canto da praça, os braços cruzados e a cara de muito poucos amigos. Alfacinha fitou-a com o olho chamuscado, mas ela não pareceu sentir nem um pingo de medo. Continuou imóvel, encarando-as muito séria.

- Eu pensaria duas vezes antes de seguir com isso – murmurou alto o suficiente para que apenas Tina a ouvisse.⁹⁶

Joana enfrenta o dragão com a confiança da experiência. É a voz da sabedoria que conduzirá Tina de volta à razão. Tina, por ser menina, criança, embarca no sonho que a nova experiência poderá lhe proporcionar, sem dar-se conta de que às vezes é necessário prender as asas que se abrem como nova possibilidade. A menina fica muito preocupada quando vê Alfacinha dirigir-se até a biblioteca. Joana continuava pedindo à menina para fazer o dragão parar, porém Tina lhe diz que o Alfacinha não lhe obedecia. E como todo o dragão, apenas pensava em uma coisa: botar fogo em tudo o que via.

⁹⁶ Ibid. p. 47

Tina não aceita a ordem de Joana que diz que é necessário desmontar o dragão. Acha que não deve desperdiçar todo o trabalho que lhe custou confecção do dragão. A conversa da menina e de Joana não desperta o mínimo interesse de Alfacinha. Deseja botar fogo na biblioteca e é isso que se prepara para fazer, quando dá de cara com Joana na porta da biblioteca.

*- Não, senhor Dragão, aqui o senhor não pode entrar. Não vou deixar que faça labaredas com meus autores prediletos, nem que chamusque os poetas malditos ou queime as palavras dos escritores perdidos.*⁹⁷

Joana e o dragão enfrentavam-se. Alfacinha não obedecia às ordens de Joana, embora reconhecesse que ela não era uma simples senhora, pois havia jorrado fogo nela e o fogo nem a tinha tocado, embora tivesse destruído a porta que estava atrás dela. Enquanto enchia o pulmão para fazer um novo fogaréu, o céu se encheu de nuvens e começou a chover. Entretanto, isso não assustou o dragão. Estava pronto para a briga com Joana, porém o que o dragão não sabia era que Joana tinha uma grande aliada: a chuva que caía buscando atingir o coração de alfacinha, única coisa que seria sempre de papel.

Joana sabia disso; todas as criaturas têm um lugar em si mesmas onde guardam suas origens, as lembranças e as coisas que fazem delas o que são. Se os olhos de Alfacinha eram os espelhos de uma alma âmbar, carvão e fogo, ali jamais deixaria de ser de papel. Por isso, a velhota continuou saltitando, defendendo-se e, quando a primeira gota de água encontrou o caminho do coração, foi o fim. O frio invadiu e o monstro parou indeciso por um momento.

⁹⁷ Ibid. p. 53

Logo esticou o pescoço e caiu para frente com um estrondo capaz de fazer tremer os alicerces dos edifícios mais próximos. Depois, virou uma grande massa de pequenos papéis molhados e se desfez lentamente. Tina livrou-se dos braços do irmão e correu até alfacinha. Buscou aflita o coração de camurça e prata, e o encontrou ainda inteiro, embora molhado e já quase sem calor.⁹⁸

Era preciso que Joana reafirmasse à menina que a sabedoria, a experiência seriam determinantes para a resolução do problema que Tina causara. Era tempo de Tina refletir, pensar na importância da amiga em sua vida. Tina reconhecia o valor de Joana. A velha bruxa não mais a assustava, via nela o exemplo a ser seguido. Cícero,⁹⁹ na obra *Saber Envelhecer* faz considerações interessantes sobre a velhice:

A velhice só é honrada na medida em que resiste, afirma seu direito, não deixa ninguém roubar-lhe seu poder e conserva sua ascendência sobre os familiares até o último suspiro. Gosto de descobrir o verdor num velho e sinais de velhice num adolescente. Aquele que compreender isso envelhecerá talvez em seu corpo, jamais em espírito.

Tina necessitava compreender o que se passava com ela. Descobrira algumas coisas importantes, mas ainda lhe restava o receio do reencontro com Joana. Ainda tinha medo do abandono dos amigos. As dobraduras, antes tecidas a duas mãos, estavam guardadas no fundo da gaveta, esperando novo encontro. Encontro este que Tina começava a tecer.

No dia seguinte, depois de tudo o que aconteceu, só as crianças lembravam da verdade. Os adultos acharam que tudo não tinha passado de alucinações e inventaram muitas teorias para explicar os acontecimentos.

⁹⁸ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999, p. 56

Na escola, as coisas não iam muito bem. Os amigos tinham medo de falar com Tina. Todos queriam saber quem tinha feito Alfacinha e quando descobriram que tinha sido Tina, ficaram assustados. Depois começaram a perguntar se ela faria um outro dragão e se ela ensinaria a eles como se fazia. Muita gente tentou descobrir o segredo de Tina. Até a professora de artes. Tina achava que, se alguém tivesse que contar o segredo, seria Joana. Aos poucos, as meninas foram-se afastando dela. Joca foi o único que ficou ao seu lado. Tina descobriu que importavam para ela apenas os amigos verdadeiros. E esses eram poucos. Estava triste porque havia descoberto que tinha tão poucos amigos, porém feliz porque descobrira em Alfacinha, Joca e Joana seus verdadeiros amigos. Durante muito tempo, Tina não teve coragem de procurar Joana. Sentia-se envergonhada, mas reconhecia que já não podia mais ficar distante de Joana. Havia aprendido com ela a profissão de fazedora de dobraduras, tinha orgulho da existência de “ser” que havia aprendido com sua amiga. No entanto, foi preciso cultivar uma coragem muito grande para procurá-la. Um dia resolveu fazer uma visita à Joana:

Na porta da frente encontrou um rabisco;

- “Tina, estou trabalhando. Entre pela porta dos fundos e desça”.

Surpresa e com o coração batendo disparado, a menina deu a volta na casa, remexendo algo no bolso do vestido. Como Joana sabia que viria justo naquele dia? Era uma bruxa? Uma fada? Uma adivinha? Teria visto quando subia a escada? Afinal, quem era Joana? Por causa desta simples pergunta havia se metido em tanta confusão e, ao final, não encontrara resposta!¹⁰⁰

⁹⁹ CÍCERO, Marco Túlio. *Saber Envelhecer*. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 32

¹⁰⁰ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999, p. 59

Ao aproximar-se de Joana, percebeu que tudo continuava como tinha deixado antes. Cumprimentou-a e depositou uma dobradura de cor carmim em cima da mesa de Joana. Era o coração de Alfacinha que Tina entregava para Joana. A artesã ficou olhando para o coração por um instante e disse:

- Tínhamos combinado manter segredo – murmurou a mulher. – Você prometeu e logo fez tudo sem pensar. Prometeu sem pensar, também? Por prometer, só para eu ensinar¹⁰¹.

Tina revelou-lhe que nunca havia contado o segredo para ninguém. Então escutou de Joana que ela tinha feito um belo trabalho e que não teria sido capaz de fazer o dragão.

A artesã contou à menina que aceitou uma encomenda extra, para um novo cliente. Tina prontamente prometeu que segunda-feira à tarde estaria lá para ajudá-la. Tina, porém, perguntou à Joana se ela iria tirar-lhe o poder de fazer as dobraduras vivas.

- Menina, não posso tirar das pessoas o que elas levam dentro de si. Eu lhe ensinei um par de coisas mas o resto você fez sozinha!

Tina sorriu de novo. Lembrou-se de Joana enfrentando o dragão, chamando o vento, conjurando com a chuva. Ia perguntar quem era ela, se bruxa ou fada, mas desistiu. Joana era Joana, pensou. Nem bruxa, nem fada, mas muito mais. E única. Não havia outra igual no mundo. Como as dobraduras que fazia. Como a própria Tina. Como cada pessoa que conhecia.¹⁰²

¹⁰¹ Ibid. p. 59

¹⁰² SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999, p. 61

Tina havia aprendido com Joana a arte de dar vida às dobraduras. Entretanto a menina tinha ido além. Os outros ingredientes para criar Alfacinha, Tina havia acrescentado ao seu aprendizado. Talvez tenha sido o maior legado de Joana para ela: descobrir que cada ser humano é único e que cada um tem dentro de si um mundo pronto a ser descoberto, basta que queiramos. Joana e Tina voltam a tecer a colcha que as abrigará quando sentirem o frio da solidão e do isolamento.

Tina, depois de ter habitado na casa da velhice, é um novo ser. Ainda não tem todas as respostas sobre Joana. Era uma bruxa? Uma fada? Uma adivinha? Não importa, pois terão toda uma vida para se revelarem. Agostinho Both, no texto *Fundamentos filosóficos*, diz da importância da realização do ser humano, quando começa a viver e a pensar o envelhecimento:

(...) o envelhecimento humano habita quem o pensa e o pensador empresta ao envelhecimento a sua habitação. Se pratica desta maneira uma experiência que empresta vigor ao pensador e à própria velhice. No instante que isso acontece, isto é, no instante em que o pensador entra na casa da velhice e começa a vê-la sem medos ou preconceitos nasce um novo ser.¹⁰³

Durante toda a narrativa, acompanhamos a entrada de Tina na casa da velhice. Enquanto teciam juntas as dobraduras e faziam as coroas de defunto, experimentavam sabores diferentes de diferentes experiências. Assim, aos poucos, Joana abria-se, possibilitando a Tina percorrer o caminho que a conduziria à casa da velhice. Tina, ao deixar-se entrar, vai destecendo aos poucos a imagem negativa que povoara sua

imaginação durante tanto tempo, tempo em que acreditou que Joana era uma bruxa, uma falsificadora. Ao fitar Joana, seu olhar é de descoberta, encantamento, sua imagem não mais a assusta. Tina já não é mais a mesma menina, as experiências que havia aprendido com a velha Joana ensinaram-na a perceber que a vida é projeto permanente. Continuariam, então, juntas, fazendo coroas para os mortos. Assim ressuscitariam o tempo de uma existência de significados.

4.2.2 Vovô Fugiu de Casa, de Sérgio Caparelli

O menino Piccolino narra a história das aventuras que irá viver com seu avô. O menino, ao olhar para seu avô, percebia a tristeza refletida nos olhos dele. Vovô, como o chamava, não falava com ninguém, tampouco com ele. O silêncio do avô povoava a casa inteira. Olhava para as coisas de um jeito diferente, esquisito. Comentavam que o velho só pensava na sua Itália. Outros achavam que apenas fumava seu cachimbo. O avô fazia coisas muito curiosas com a fumaça de seu cachimbo nos dias em que estava mais alegre. Entretanto, Piccolino sentia que seu avô “tinha acabado”. Idéia esta com que todos concordavam na casa. Achavam-no caduco e esclerosado:

*Caduco eu sabia o que era. Esclerosado papai me explicou. Era uma doença que dá nas pessoas mais velhas, em que o sangue está cansado e não consegue irrigar o cérebro direito. A pessoa torna-se esquecida e cheia de manias.*¹⁰⁴

¹⁰³ BOTH, Agostinho. Fundamentos filosóficos. In: BOTH, Agostinho; PORTELLA, Marilene R.; BOTH, Solange L. *Fundamentos de Gerontologia*. Passo Fundo: UPF. p. 13

O primeiro olhar para o velho descortina-se de forma brutal: O velho não dialoga mais com a sua família, nem com o neto, fica horas esquecido nos seus pensamentos, está esclerosado e caduco como todos da casa acreditam. Na fala da família, o velho não mais existe, é estorvo. Tornou-se cheio de manias, esqueceu-se das coisas, então é mais fácil sepultá-lo, juntamente com o seu silêncio. Ecléa Bosi, em certo momento da obra *Memória e Sociedade Lembranças de Velhos* nos fala do preconceito de como a velhice é percebida:

A velhice, que é um fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há, no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive num período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. O coeficiente das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas. Uma falha, uma pequena distração são severamente castigadas.¹⁰⁵

O menino sentia que as manias do avô o contagiavam. Ficava horas calado como o avô, somente observando-o de longe. Queria entender o significado dos navios que o avô soltava de seu cachimbo nos momentos de tristeza. Preocupava-se também com o defeito do avô: tinha as duas pernas mais curtas. Tia Angelina, ao observar que o avô estava andando curvado, disse:

- *Cuidado, Beppe, vais acabar corcunda!*

¹⁰⁴ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 9

¹⁰⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade.: Lembranças de velho*. 10.ed. São Paulo: Schwarcz, 2003 . p. 79

Ele endireitou mas, tempos depois, deu de andar com o ombro direito mais alto que o esquerdo. A tia descobriu:

- Beppe, Beppe, tu estás feio. Pareces caixote desconjuntado. Endireita esse ombro.¹⁰⁶

Angelina era dura com suas palavras. A feiura de Beppe, na visão de Angelina, marcava as rugas dos anos vividos. A forma como o define, não encontra mais nenhum respeito, nenhuma dignidade. Velho na visão de Angelina é “caixote desconjuntado”. Não serve mais para nada.

A maneira encontrada pelo avô para responder às provocações de Angelina, era levantar os ombros, deixando-os mais altos. Dentro da casa, o avô já precisava se encolher para não bater no teto. Tinha ficado tão alto, que não mais conseguia passar pela porta sem se encolher. O menino assistia a tudo calado e, embora não compartilhasse das palavras com o avô, mas apenas de seu silêncio, o avô tinha ficado seu amigo do peito. Aproveitava a sua companhia e acolhia os seus mimos. Sabia que o avô fazia as suas vontades de bom grado e talvez fosse o prenúncio de que poderiam se entender. A sensibilidade do menino abriu-se para o encontro com o avô. Talvez sentisse que o avô era diferente do que pensava a família. A desconstrução da velhice como sinônimo de perdas começa a ser conhecida pelo menino. Clarice Ehlers Peixoto, na introdução do livro *Família e Envelhecimento*, nos fala dos processos diferenciais de envelhecimento:

¹⁰⁶ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 10

De envelhecer ninguém escapa. Alguns envelhecem mais rapidamente do que os outros e nem todos vivem esse processo da mesma maneira, uma vez que o envelhecimento está estreitamente relacionado às formas materiais e simbólicas que identificam socialmente cada indivíduo. O processo de envelhecimento é, assim, diferenciado segundo o grupo social e o sexo a que pertencemos. Dessa forma, uns e umas se preocupam mais do que outros(as) com as marcas corporais deixadas pelo tempo (rugas, cabelos brancos etc.), e muitos(as) têm medo de que a velhice traga consigo a solidão, a dependência física e econômica ... a morte¹⁰⁷.

O olhar de significado que prenuncia o encontro do avô e neto começa a ser construído. O menino fica feliz quando o avô faz as suas vontades, quando realiza seus desejos e sabe que o avô só fazia aqueles favores para ele:

Eu lhe pedia para apanhar as laranjas nas grimpas da laranjeira e, sem nenhum esforço, ele erguia o braço pegando as mais doces. Não pense que fazia esses favores para todo mundo. Muitas vezes tia Angelina lhe pediu para pegar um prato no alto do guarda-louça ou consertar a chaminé. Resmungava qualquer coisa como ma che e não arredava o pé.

Os moleques da vila começaram a maltratá-lo. Diziam:

- Espanador da Lua, ôô, fiu, fiu.

Riam. Às vezes jogavam pedras. Me lembro de que meu pai e meus tios passavam noites inteiras procurando uma solução. Vovô prosseguia com seus caprichos, crescendo e onde bem entendia.¹⁰⁸

A família não agüentava mais as trapalhadas do Beppe e os moleques da rua maltratavam o avô jogando-lhe pedras. Até ensangüentado o avô tinha chegado. Ao lhe perguntarem sobre o que havia acontecido, recusava-se a falar. A explicação veio de Maria Lavadeira: tinha ido no mato pegar gravetos quando viu, no céu, um bando de

¹⁰⁷ PEIXOTO, Clarice E. (org). *Família e envelhecimento* Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004. p. 9

¹⁰⁸ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 10-11

urubus. Ao olhar atentamente, viu seu Beppe, nas alturas, procurando por alguma coisa. Desatento, seu Beppe acabou colidindo contra urubu.

Embora ninguém acreditasse na história da lavadeira, o menino tinha certeza da verdade do avô. O que mais o intrigava, era o motivo de o avô olhar sempre para a mesma direção, parecendo procurar algo.

Depois do acontecido, o avô permaneceu calado. Voltou a entristecer-se, a encolher os ombros, a se resignar às decisões da família. Agora engrolava músicas esquisitas e soltava navios de fumaça.

O menino ficou sabendo pelo seu pai, que o defeito nas pernas do avô tinha acontecido logo depois da morte da avó, pois, ao tentar fugir de casa porque desejava muito retornar ao seu país, a Itália, não teve sorte na sua fuga e acabou sendo devolvido para a família. Desde então, quando está triste, solta fumaça de seu cachimbo formando navios no ar.

Beppe, embora lutasse para evitar o seu declínio frente aos outros, lutasse para resgatar a dignidade, lutasse para continuar sendo homem, em muitos momentos parecia que só lhe restava esperar que as horas fossem a companhia de um tempo que não poderia mais voltar, não poderia mais ser realização de projeto. Sobre o drama de

muitas vezes o velho não poder fazer mais o que deseja, esclarece Simone de Beauvoir¹⁰⁹ no livro *A velhice*:

O drama do velho é, muitas vezes, ele não poder mais o que quer. Concebe, projeta e, no momento de executar, seu organismo se esquiva; a fadiga quebra seus impulsos; ele busca suas lembranças através das brumas; seu pensamento desvia-se do objeto que havia fixado. A velhice é sentida – mesmo sem acidente patológico – como uma espécie de doença mental em que se conhece a angústia de se escapar a si mesmo.

O menino passou a observar cada vez mais seu avô. Lastimou vê-lo tão triste. Pelo menos uma vez o viu sorrindo, e achou que era bom sinal, porém nada se modificou. Somente mais tarde escutou o pai e a mãe dizendo que o avô tinha crescido novamente e que tio Nicola e tia Angelina haviam chamado o médico do hospício e tinham decidido: se o avô continuasse assim, iriam interná-lo, no que papai não estava de acordo e achava uma barbaridade quererem fazer aquilo com vovô. A família de quem o avô havia cuidado a vida inteira, não mais o queria próximo. Perdendo a força de trabalho, restava a Beppe sujeitar-se às imposições daqueles que desfrutavam de sua casa e de seus ganhos. Na obra *Memória e Sociedade*, Ecléa Bosi reflete em certo momento sobre a condição do velho, quando este perde seu lugar:

Veja-se no interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para o “seu próprio bem”. Em privá-los da liberdade de escolhas, em torná-los cada vez mais dependentes “administrando” sua aposentadoria, obrigando-o a sair do seu canto, a mudar de casa (experiência terrível para o velho) e, por fim, submetendo-os à internação hospitalar. Se o idoso não cede à persuasão, à mentira, não se hesitará em usar a força¹¹⁰.

¹⁰⁹ BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 387

As férias tinham acabado, e março concretizava o início das aulas. O menino tinha esperança, com o pedido de licença da professora para ganhar nenê, de que a mãe iria atender o seu pedido para passar mais uns dias na casa da tia Angelina, junto do avô, no que a mãe concordou de imediato. Voltar ao convívio do avô era tudo que o menino queria. Desejava saber o quanto o avô havia crescido. Sua decepção foi grande quando percebeu que o avô havia crescido somente alguns centímetros. Logo se deu conta de que o avô não era bobo. Se crescesse muito, e, para que isso não acontecesse, se esforçava, puxando os ombros para baixo, então poderiam chamar o médico novamente e interná-lo.

O menino ficou extremamente feliz quando ouviu um “psiu” de seu avô.

Quase chorei: vovô me falou pela primeira vez! Era difícil entendê-lo. A voz saía tremida, engrolando algumas palavras comuns com outras misteriosas. Por isso não estou seguro de ter realmente entendido o que ele queria dizer. De uma coisa estou certo: explicava que crescera tanto da última vez mas mesmo assim não pudera ver o seu paese . Pôs a mão nos lábios, pedindo segredo, e disse que dessa vez daria certo.¹¹¹

O avô agora saía a passear com freqüência. Voava por cima das casas e árvores. O menino observava-o lá no alto onde somente os pássaros iam. Esperava-o para lhe cantar suas músicas esquisitas. Enquanto isso, seus tios, preocupados com o velho, contataram novamente o médico para que o examinasse. O médico deu o diagnóstico da doença grave que teria o avô: sofria de saudade, porém precisava

¹¹⁰ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças de velho. 10.ed. São Paulo: Schwarcz, 2003. p. 78

¹¹¹ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 13

consultar outro colega para ter informações mais precisas. Se o quadro evoluísse, deveriam interná-lo.

O silêncio do menino foi interrompido pela chegada do carteiro. Tia Angelina recusou-se a recebê-lo, porque acreditava que as cartas eram uma “distância fingida”. Após assinar uma declaração de que não queria mais receber correspondências, o carteiro foi embora deixando um telegrama que avisava a chegada de Carluccio. Ao impedir que a correspondência chegasse, Angelina reafirma que a velhice é um período de constantes perdas. Beppe perdeu seu espaço, a autonomia sobre sua vida e agora não mais lhe chegam as correspondências, sinal de que sua história não mais poderá ser contada, vivenciada, pois já não mais existe.

Carluccio desejava saber o que estava acontecendo com o irmão Giuseppe. Não entendia como o irmão conseguia dinheiro para viajar todos os dias para Nova Consenza, a 143 quilômetros de distância e retornar somente à noite para Porto Alegre. Depois de ouvir todas as informações a respeito de Beppe, Nicola decidiu que era melhor interná-lo o quanto antes ou prendê-lo em casa. A família, então, resolveu chamar o médico:

O médico começou dizendo que a resposta dos médicos da Itália não tinha chegado mas que agora não restavam dúvidas: vovô estava caduco, fora da realidade. Disse também que acreditava em suas tropelias no ar, como um passarinho, mas que isso vinha apenas reforçar sua idéia de que ele deveria ser arrancado a todo o custo do mundo em que mergulhara.

E concluiu:

- *Ele vive num outro mundo, onde não tem valia a lei da gravidade. Por isso fica zanzando no céu.*¹¹²

Depois do encontro com o médico, a família se reuniu e decidiu: vovô estava proibido de sair de casa. O único que não aceitou a decisão foi Girólamo, pai do Piccolino. Porém, foi vencido pela decisão da maioria da família. Tia Angelina ficou encarregada de comunicar a decisão da família ao avô. Ao receber a notícia, Beppe não respondeu. Restou-lhe tomar uma decisão: aceitar aquilo que a família estava a impor ou mudar o destino de sua história já traçada por sua família, segundo a qual estaria caduco e fora da realidade. Então já não mais poderia existir. Lígia Py, no artigo *Envelhecimento e subjetividade*, nos diz das possibilidades que a velhice apresenta, embora as suas marcas de fragilidade:

A velhice, com as fragilidades que a acompanham, nos aponta pelo menos duas possibilidades. Numa primeira mirada, pode desmerecer a existência humana: Para que viver muito se vou envelhecer, adoecer e morrer? Ou, ao contrário, pode impulsionar o ser humano para a descoberta de novas possibilidades, no fluxo incessante do vir a ser: Para que sair de cena, se posso sempre transformar meu personagem?¹¹³

É a decisão de mudar sua história que percorre o sangue italiano de Beppe: - *Eles não me pegam, porca miséria*¹¹⁴. Beppe ainda tem um projeto de vida, não aceita a velhice que a família lhe quer impor. Sente que ainda pode sonhar em voltar para o seu país e reencontrar o passado que ainda vive em sua memória. Não quer sair de cena, pois acredita que pode ser protagonista de uma história que começará a escrever junto

¹¹² CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 17

¹¹³ Py, Lígia [et al]. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004. p. 112

¹¹⁴ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 18

de seu neto. Beppe “Pretende demonstrar aos outros e a si mesmo que permanece homem”, como diz Simone de Beauvoir¹¹⁵ no seu livro *A velhice*.

Embora não tivesse ouvido as palavras do avô, o menino precisava fazer alguma coisa, queria muito falar com ele, dizer o que sentia, e então, sugeriu ao avô que fugisse de casa. Ficou surpreso quando ouviu do avô que essa idéia já tinha passado por sua cabeça várias vezes. Tomou, então, a decisão de pedir ao avô para fugir junto com ele. O avô disse que não poderia levá-lo, porque fugir era muito complicado. Piccolino sentiu-se triste com a decisão do avô e decidiu ficar de mal com ele.

Desde que tinha chegado na casa de tia Angelina, fazia as refeições junto de seu avô. Não comia com os outros, porque não queria deixá-lo comer sozinho e havia percebido que o avô não deixava sobrar comida no prato como fazia antes. Estava louco para se juntar a ele, no entanto, não queria dar o braço a torcer até o avô decidir levá-lo. O desejo do menino se realizou:

- Tá certo, Piccolino, tu podes viajar junto.

Meu coração deu um pulo no peito e caiu splash em cima da poça de mágoa que estava se formando nos meus sentimentos, secando tudo. Mas não dei pulos de alegria nem agradei a vovô com gestos eloqüentes porque fugir era um direito meu, principalmente porque me julgava responsável pelo que acontecesse a vovô.¹¹⁶

¹¹⁵ BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 386

O menino sabia das suas responsabilidades para com o avô, responsabilidades que passavam antes de tudo pelo afeto, bem-querer. Tinha aprendido com o exemplo do pai, a valorizar e a querer bem a seu avô. Sabendo de sua história, da saudade que o avô sentia de seu *paese* e de sua avó, queria estar perto dele nas suas novas descobertas. Sentia que alguma coisa estava diferente no avô, contudo não queria tirá-lo de seus pensamentos, interrompê-lo, pois ele poderia estar trabalhando no plano da fuga. Tia Angelina começou a desconfiar das reações do avô. Achava que Piccolino e o velho estavam aprontando algo. Tio Nicola disse à esposa para não se preocupar, porque daí a dois dias o velho iria embora.

- Mas tu achas que ele irá em boa paz?

- Não. Mas tenho minhas idéias. Falo com ele para irmos à casa do Girólamo e, no meio do caminho, o motorista de táxi entra a toda no asilo.

- Meu Deus – respondeu tia Angelina -, tu pensaste em tudo isso?

- Não te mete. Deixa comigo. Tenho o apoio do Carluccio e dos outros. Meu plano era para amanhã. Mas descobri que ele faz 80 anos nesse dia. Com que cara vou explicar que escolhemos a data de seu aniversário para o internamento?¹¹⁷

O menino ouvia estarecido o plano. Queria contar tudo a seu pai, pensava nos aniversários nunca festejados do avô. Ao contar o plano dos tios ao avô, a resposta foi seca: *- Eu não queria, Piccolino, mas estão me obrigando. Asilo não é meu paese. Meu paese é coisa muito distinta.¹¹⁸*

¹¹⁶ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 22

¹¹⁷ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 25

¹¹⁸ *Ibid.* p. 25

Naquela noite, o menino não conseguiu dormir, pensava no seu avô e em tudo o que tinha acontecido. Piccolino começou então, a cuidar do avô, a participar da velhice junto dele e a assumir um novo percurso em que serão protagonistas de uma história que deverão reescrever. Vitória Kachar na obra *Terceira Idade e Informática: Aprender Revelando Potencialidades*, comenta a importância de os jovens e adultos cuidarem da velhice no momento em que iniciam a vivê-la, tarefa que Piccolino começará a experimentar no momento em que fugir junto com o avô.

Delegar ao velho o estado da velhice é um engano muito grande, é negar o próprio envelhecimento. Os jovens e adultos poderiam começar a cuidar da própria “velhice” durante o processo que já começaram a vivê-la, cultivando a projeção de um ser idoso mais pleno das suas funções e destituído de preconceitos, podendo ser feliz em qualquer idade, com direitos e deveres que concernem a todos os indivíduos.¹¹⁹

Ao ouvir barulho, o menino logo pensou que seu avô poderia estar fugindo sozinho e foi verificar. Ao espiar pelo buraco da fechadura, viu seu avô sentado na beira da cama diante de caixas de papelão:

(...) as caixas de papelão abertas na sua frente exibiam roupas, quadros, caixinhas coloridas. Ele deixou escapar um soluço. Ao ver aquele velhinho enorme, com as mãos tremendo sobre os joelhos e as lágrimas escorrendo pelo rosto, tive também vontade de chorar. E tive certeza de que vovó estava lá dentro com vovô, nas suas roupas, no cheiro de naftalina, nos seus guardados, no seu terço e no seu livro de orações. Tive ganas de contar uma estorinha qualquer para vovô parar de chorar, faltou coragem. Eu estava com o coração em pandarecos por duvidar dele.¹²⁰

¹¹⁹ KACHAR, Vitória. *Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo: Cortez, 2003. P. 47

Ao recordar o passado, Beppe entregou-se às delícias de um tempo vivido e ao presentificar o passado, ocupou-se da substância de significação mesma da sua vida. É o passado que rejuvenesce nas memórias do avô. Piccolino rendeu-se ao novo sentimento que começava a brotar, quando descobriu em seu avô a fragilidade, a doçura e a ternura com que relembrava um tempo vivido, tempo de significação de uma história que ele começará a conhecer. O choro revelador das lembranças do avô, fez-lhe lembrar também sua caixinha, que considerava seu tesouro. Ali estava guardado um chaveiro com o desenho de uma “furreca”, parecida com um Ford Bigode. Tinha ganhado o chaveiro num concurso de poesia na escola. Antes de se deitar novamente, enrolou o chaveiro com papel de presente.

No dia seguinte, ao levantar-se, procurou o avô em todos os lugares da casa e não o encontrou. Desconfiado de que o avô tinha sido levado para o asilo, perguntou à tia onde ele estava. Tinha ido na casa de Otoniel, informou-lhe, resolver uns negócios e não demoraria. Aproveitou para perguntar qual a idade do avô. Angelina contou que o avô estava fazendo oitenta anos naquele dia, mas que não era para lembrar-lhe a data, porque as lembranças só serviriam para entristecê-lo. Angelina, quando nega a Beppe a oportunidade de lembrar o passado, acentua a decisão da família de que já não era mais importante tornar presente as experiências passadas de Beppe, porque já haviam decidido esquecê-lo no asilo. É apenas uma questão de tempo. O assunto terminou, pois perceberam que o avô já estava chegando.

Beppe disse ao neto que tudo estava pronto. Fugiriam durante a madrugada.

¹²⁰ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 26-27

Numa conversa com o avô, antes da fuga, o menino perguntou a ele a sua idade. O avô disse ser ainda muito moço e que, naquele dia, completava oitenta anos. No entanto, não fazia mais aniversário, e sim, fazia anos. O menino correu até seu quarto, pegou o presente e o entregou ao seu avô.

Meu vovozinho pegou o chaveiro, balançou-o diante do rosto, como eu tinha feito na noite anterior.

- Vai me dar sorte – disse, enfiando meu presente no bolso do colete.

E me agradeceu:

- Piccolino, Piccolino... – e não disse mais nada.¹²¹

Era o menino que agora se emocionava com o avô e esperava apenas a noite chegar para concretizar o sonho de fugir com ele. Piccolino, diferentemente do que pensava a família, reconheceu em seu avô a experiência, a sabedoria. Escutou do próprio avô que estava ainda moço. Soube que o coração dele pulsava de vida e valorizou-o porque descobriu que aprendia com ele, que estava encantado com a criatividade. Aos poucos, Piccolino conhecia um avô diferente daquele que a família o tinha apresentado. Sônia Amorim Mascaro faz observações importantes sobre as diferentes imagens que podemos reconhecer no ser que envelhece:

O processo de envelhecimento e a fase da velhice fazem parte de nossas experiências de ser vivo. (...) Podemos nos comover, nos emocionar e aprender com sua experiência e criatividade. Cada um deles nos transmite uma imagem pessoal e particular do que seja envelhecer¹²².

¹²¹ CAPARELLI, Sérgio. Vovô fugiu de casa. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 30

¹²² MASCARO, Sônia de A. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997, p. 9

É a trajetória da fuga do avô, que faz esculturas de fumaça, e do neto, que acompanharemos a partir de então: história que começa no momento em que a família decide internar o avô em um asilo para velhos.

Beppe ainda não tinha se acostumado com os passos lentos do neto. A todo momento, parava para que pudesse acompanhá-lo. Piccolino notava, durante a caminhada, alguma coisa de diferente no avô, porém não queria lhe fazer qualquer pergunta. Temia que o avô se tivesse arrependido da fuga, e enquanto ele permanecia ali, alheio a tudo, o menino resolveu ir para a estrada pedir carona. Estava cansado e com o braço dormente de tanto acenar para os carros e não ter resposta alguma. O avô permanecia sentado, fumando seu cachimbo, como se nada estivesse acontecendo. Piccolino decidiu, então, não mais pedir carona e sentou-se ao lado do avô, buscando uma conversa, depois de achar, pelo silêncio do avô, que talvez ele tivesse preferido fugir sozinho. Naquele momento, Beppe decidiu que era hora de partirem. Ficou surpreso quando o avô não acenou para todos os caminhões que passavam. Estava com receio de que nunca sairiam dali e já dava razão ao tio Nicola quando dizia que o avô estava maluco. Enquanto o avô escolhia o caminhão adequado para a viagem, esperava ansioso e preocupado. Pensava ter-se metido numa tremenda enrascada. Ficou mais surpreso ainda com a escolha do avô:

- É aquele, pegue as coisas – disse, conferindo o que tinha na mão direita.

*Não acreditei. A geringonça aproximou-se enquanto ele pegava do chão a capanga, metia-a no ombro e acenava para o motorista. A máquina passou com o barulho de esqueleto batendo ossos, os metais desconjuntados.*¹²³

Antes de entrar no carro, observou o avô examinando o desenho do chaveiro que ganhara. Como entender que seu avô, depois de ficar horas contando pauzinhos, fosse para a estrada escolher no que viajar? Enquanto corria até o carro, pensava em todos os acontecimentos.

Resolveram entrar no carro, mesmo não sabendo para onde iriam, porque vovô e o velhinho, motorista, com cara de século, não se entenderam. Quando vovô perguntou o destino do fordeco, o velhinho respondeu com outra pergunta: *Onde é que vocês vão? Se for o mesmo rumo que o meu podem entrar.*¹²⁴

Resolveram entrar no carro mesmo assim.

Quando o menino fez menção de embarcar no carro, o velhinho pediu que deixasse o banco de trás vago, porque pertencia a Tomazini. Logo a seguir, então, as apresentações:

- *Gino Gambelini, às ordens!*
- *Giuseppe Dall Acqua – respondeu vovô.*¹²⁵

O fordeco andava devagar e o silêncio do avô constrangia Piccolino. O menino achava que o avô tinha que dar mais atenção ao velhinho. Este continuava a conversar

¹²³ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 35

¹²⁴ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 36

¹²⁵ Ibid. p. 37

com um Tomazini que ninguém via. No meio da conversa, dirigiu-se ao Beppe e lhe disse que, quando chegassem em Cuore Matto, daria a Tomazini um litro do Rosso que ele preferia. Vovô então ficou sabendo o destino deles. Iriam para Cuore Matto, perto de Nova Veneza, lugar que gostaria de conhecer.

Durante a viagem, o velho contava as histórias de Tomazini e o menino se encantava com a conversa do avô e de Gino. Sentia-os felizes. Notava no avô só felicidade e descontração. A conversa fluía solta. Na estrada, crianças anunciavam a venda de uvas, e as cantinas apareciam com mais freqüência, enquanto vovô e Gino se esforçavam para lembrar de uma velha canção de sua terra. A imagem do avô cansado, triste, já não mais existia. Aquele avô que falava pouco deu lugar para um outro avô. Enquanto cantavam, lembravam da terra, dos sonhos, da vida.

Quando decidiram parar numa cantina, o menino percebeu uma mão peluda sobre seu ombro e gritou. Assustou também o avô. No entanto, conseguiu prender o grito. O único que não se assustou foi Gambelini. Aproveitou para apresentar Tomazini a eles.

Depois de refeitos do susto de terem conhecido o macaco Tomazini, o avô conseguiu readquirir a calma. O que não aconteceu com Piccolino, que tinha muito medo de macaco. O avô divertia-se na companhia de Gambelini. Tomaram vinho, conversaram e não viram o tempo passar. Tudo era alegria. Ao voltarem para o carro, Gambelini pediu a Tomazini que ele tomasse jeito, pois o havia advertido de que não deveria beber, mas se bebesse, pelo menos deveria portar-se bem. Pela estrada,

Gambelini e vovô cantavam e riam. O avô queria sentar mais próximo de Gambelini, assim o duo ficava mais afinado. O menino não reconhecia mais o avô. Escutava a conversa dos dois, travada numa língua que não entendia muito, mas gostava de ouvi-la, pois, a cada nova palavra, ouvia as gostosas gargalhadas do avô e de Gambelini.

A cada instante eu ficava mais perplexo. Aquela pessoa ao meu lado não era vovô, o vovô macambúzio e só, o vovô triste de dar tristeza. De jeito nenhum. Aquele era um avô remoçado como deviam ser todos os avôs do mundo. Ele era um riacho despencando do alto da montanha que atravessávamos. A sua alegria e a de Gambelini permaneciam alheias aos saltos de Tomazini sobre o capô e às suas caretas no pára-brisa.¹²⁶

Picollino acompanhava com ternura o renascimento do avô. Achava que todos os avôs do mundo deveriam ser como o seu avô. Aquele avô que o menino estava descobrindo fazia tudo ficar mais bonito e natural. Escutava as histórias que o avô contava sobre o seu país, e perdia-se na imaginação. Tudo era alegria e felicidade. O menino experimentava, junto dos novos amigos, o sabor da nova vida que se apresentava. Ao receber do avô o carinho e a afeição, devolveu-lhe o apoio e a motivação que dariam significado para a sua vida. Ao reconhecer no avô um ser de existência, porque acreditava em seu sonho de voltar a seu *paese*, reconhece no avô a importância do legado dele. Ligia Py na obra *Testemunhas da História*, reforça a importância de o sujeito que envelhece compartilhar com os outros o reconhecimento de si mesmo:

¹²⁶ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 50

(...) o sujeito que envelhece pode compartilhar o reconhecimento de si mesmo, sendo reconhecido pelas pessoas da história de seu convívio. Pode, então, reproduzir essa sua história, na medida em que responde a uma situação presente, com vistas à criação de projetos futuro, no incessante vir-a-ser da existência, inserido na coletividade que, afinal, é o que confere sentido à vida do sujeito.¹²⁷

Picollino reconhece o projeto de existência do avô, do vir-a-ser que o menino acompanha durante a viagem que empreendem para fugir da família que o quer internar num asilo para velhos.

Toda a felicidade do avô era compartilhada pelo neto e pelas novas companhias. O menino percebia que o avô não fazia mais navios e tartarugas de fumaça com seu cachimbo, e tinha esquecido do segredo de andar pelas nuvens, mas observava que vovô temia ser localizado e levado de volta para casa. Sabia da importância daquela viagem para o avô e queria acompanhá-lo pelas novas descobertas.

Piccolino notava sinais de preocupação no avô. Provavelmente pensava sobre a fuga que empreendera com ele. Sabia que poderiam ser descobertos e enviados de volta para casa. Vendo, por duas vezes, Gambelini cochilar na direção, vovô opinou que deveriam parar, a fim de descansarem um pouco, mas a decisão chegara tarde demais, pois o guarda já pedia os documentos do carro e ameaçava prendê-los por não estarem usando o cinto de segurança. O guarda ficou mais furioso ainda, quando desconfiou que estavam rindo dele, e então pediu a documentação da autorização dos pais do macaco para a viagem. Gambelini disse ser impossível ter a documentação, porque Tomazini era um macaco. Diante da insistência do guarda pela autorização,

¹²⁷ PY, Lígia. *Testemunhas da história*. Rio de Janeiro. NAU Editora, 1999, p. 36

aconteceu um pequeno desentendimento, fez-se necessário vovô entrar na discussão e pregar uma mentira, para que fossem liberados, pois o avô temia ser descoberto.

- *Seu guarda, eu estou doente. Minha mãe também. Fomos a Porto Alegre buscar remédio. Na próxima vez viajaremos em ordem.*

- *Está bem. Mas prestem bem atenção: da próxima vez ferro todo mundo. (...)*

- *Por que tanto medo? Indagou Gambelini. – É séria essa doença de tua mãe?*

- *Não te contei ainda – falou o avô -, mas estou fugindo de casa. Por isso fiquei com medo.*

- *Ah, entendo.*

- *Dizem que estou louco e querem me botar num asilo.*¹²⁸

A fala do avô comoveu o menino e ele saiu em sua defesa, afirmando que de louco o avô não tinha nada. Embora já tivesse oitenta anos, estava bem e demonstrava que ainda tinha projetos e sonhos a realizar. Sabia que o avô não precisava ser cuidado por outras pessoas e acreditava que o dia em que o avô necessitasse de auxílio, sua liberdade estaria comprometida. Não era isso que o avô queria, sabia o menino. Gambelini disse que enviar avós para o asilo era muito comum. Queria saber para onde Beppe iria. O avô falou de seu projeto de voltar para o seu *paese*. Já tinha tudo acertado dentro de sua cabeça. Beppe disse ao amigo que precisava de um tempo para adormecer, sonhar com seu *paese*, e acordar na certeza de que de fato era aquilo que desejava. - *Eu sei. Queria apenas ouvir rumores que dormem dentro de mim. O falar das pessoas, antes da longa travessia.*¹²⁹

¹²⁸ CAPARELLI, Sérgio. Vovô fugiu de casa. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 67

¹²⁹ Ibid. p. 67

Essa travessia do tempo, essa escuta das pessoas, vovô necessitava para de fato afivelar seus sonhos e dormir no balanço da certeza da escolha de voltar para seu *paese*.

Aceitaram a oferta de Gambelini para passarem um tempo como seus hóspedes em Cuero Matto. Tempo necessário para conseguirem um trabalho, pois estavam sem dinheiro para continuarem a viagem.

O menino imaginava o trabalho que fariam. Iriam para uma praça e lá o avô soltaria de seu cachimbo fumaça de gansos, patos, cachorros, galinhas, enquanto ele recolheria o dinheiro do ingresso para assistirem às proezas do avô.

Novamente foram parados pela polícia, porque Tomazini insistia em viajar em cima do toldo do carro e não queria obedecer às ordens de Gambelini para descer. Avô e neto decidiram que era hora de abandonarem as companhias, pois Gambelini e Tomazini costumavam meter-se em embrulhadas e estavam com medo de serem descobertos e presos.

Antes de se despedirem, Gambelini lhes deixou o endereço e reforçou o convite para irem até Cuero Matto fazer-lhe uma visita, a fim de esperarem as coisas acalmarem. Falou da plantação de uva e ofereceu a eles emprego.

Depois das despedidas, decidiram ir pé. Vovô ficou desanimado quando viu uma placa indicando que Caxias estava distante 30 quilômetros. A noite não tardaria a

chegar, e o menino queixava-se de fome. Pararam, e o avô pegou da sacola tudo o que tinha guardado das refeições do quarto: salame, mortadela, leite condensado, sanduíches. Enquanto comiam, conversavam sobre a vida. Piccolino perguntou se aquelas paisagens não eram parecidas com as do *paese* do avô, ao que este respondeu que as paisagens eram semelhantes, eram quase iguais, porém as diferenças não estavam nos lugares, mas sim no coração das pessoas. O menino, então, dialogou com o avô:

- Se não for muito diferente, a gente podia ficar aqui morando para sempre.

Acho que não é difícil conseguir trabalho.

Ele me olhou surpreso.

- É quase igual. Mas no fundo, no fundo mesmo, são coisas distintas.

- Como assim vovô?

- Não sei dizer. As diferenças muitas vezes não estão nos lugares mas no coração da gente. E ninguém consegue viajar deixando seu coração para trás.¹³⁰

O diálogo que empreendem avô e neto é revelador de significado. O menino que antes temia a decisão de ter partido com o avô, agora quer morar com ele. As distâncias não mais existiam, a aproximação desvenda um avô que o menino não conhecia. Aquele avô que a família descrevia como caduco e louco, de fato não era o seu avô. Tinha aprendido com ele que sua idade não era determinante para saber quem ele era. As rugas apenas marcavam um tempo de experiência, de realizações. O tempo, as lembranças marcavam as raízes do avô. Revelando ao neto a sua história, o

¹³⁰ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 80

avô recupera um tempo de felicidade, tempo que deseja retomar, porque a saudade de seu *paese* povoa sua vida. Quanto mais olhavam para as montanhas distantes, mais o pensamento voava feito pássaro sem dono.

Antes de partirem, o menino pediu ao avô para viajarem em uma *jamanta*. Enquanto esperavam, o menino perguntou por que não saíam mais bichinhos de fumaça de seu cachimbo, nem navios. O avô lhe respondeu, dizendo:

- Precisa? Ora, Piccolino, seu avô está muito contente. Ele não precisa mais disso. E também isso nunca aconteceu. Deve ter sido impressão sua.

Fiquei confuso. Ou eu tinha na cabeça a lembrança de alguma coisa que nunca acontecera, ou vovô, caduco, até mesmo esquecia de sua vida em Porto Alegre.

Preferi apostar na caduquice de vovô.

- Ora, vovô, o senhor sabe de que estou falando.¹³¹

As palavras do avô deixaram Piccolino confuso. Era mais fácil acreditar, como toda a família, que o avô estava mesmo caduco. Na primeira dúvida, a imagem do avô voltou a ser aquela em que acreditava anteriormente. A caduquice levava-o a esquecer que fazia sair de seu cachimbo bichinhos de fumaça. Embora conhecendo um avô diferente, ainda em alguns momentos vê-se o menino reforçar estereótipos negativos sobre o ser que envelhece, confirmando o que havia aprendido com a sua família. Chama-o de caduco, esquecendo-se de que o avô de caduco não tinha nada. Agostinho Both na obra *Identidade Existencial na Velhice: Mediações do Estado e da*

¹³¹ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 82

universidade, em certo momento do texto, reflete sobre a interpretação da velhice durante a história da humanidade ocidental:

Durante toda a história da humanidade ocidental, a interpretação da velhice foi perpassada por conceitos essencialistas, que regularmente expressavam o temor e a rejeição. (...) É natural, então, que, diante do envelhecimento, não havendo mais nada aí que se possa encantar, esvazie-se o tempo presente e a velhice se torne um tempo de depressão.¹³²

Esses conceitos aos quais se refere Both sobre o temor e a rejeição do ser que envelhece, mostram-se presentes durante toda a narrativa. Ao querer internar o avô no asilo, a família confirma o seu medo e temor de envelhecer. Afastando-o do convívio, não precisam mais olhar para aquela imagem enrugada, enferrujada e envelhecida.

Piccolino e Beppe estavam preocupados, pois não encontravam a estrada que lhes indicara o motorista. Sentiam medo e frio, e o menino, ao resmungar, experimentou a raiva e a insegurança do avô, demonstradas pela impaciência para com ele.

Depois de muito andarem entre arbustos e na companhia apenas da escuridão, do piar das corujas e da friagem, encontraram uma casa. Ao baterem, não receberam a solidariedade que imaginavam receber. Foram postos para fora sem nenhuma cerimônia, pelo dono da casa.

¹³² BOTH, Agostinho. *Identidade existencial na velhice: mediações do Estado e da universidade*. Passo Fundo: UPF, 2000, p. 30-31

Procurando por abrigo, de repente viram um enorme clarão: a lua iluminava um casarão de pedra. Correram para lá, e, ao baterem insistentemente na porta, observaram que a casa estava vazia. O avô resolveu procurar pousada em outro lugar, mas desistiu e sugeriu que empurrassem a porta com força, pois acreditava que ela se abriria. Com o baque dos ombros dos dois, a porta se abriu e o que viram assombrou seus olhos:

A luz deslizou por entre os barris amontoados ao fundo, mostrou os salames e queijos em grande quantidade pendurados no teto, a balançar com o vento que vinha da porta aberta. No estômago, minha fome escoiceou inquieta. Vovô foi até o fundo. Acima dos barris, pendurado num gancho, havia um lampião. O palito de fósforo já lhe queimava a mão. Jogou-o fora. Acendeu outro. Com a mão esquerda tirou o lampião da parede. A luz então tomou conta da bodega. Antes tímida, agora expunha sem pudor as barricas deitadas; os salames flutuando, presos às vigas por um fio invisível; os queijos, luas opacas de odor forte..¹³³

O avô estava encantado com tudo o que via na casa. Contemplava cada coisa, cada canto como se fosse sua casa. Reconhecia-se nos objetos, fontes de recordações. Apontava para eles e os nomeava com a sabedoria de quem tinha vivido anos, cercado de um universo semelhante àquele que encontrara.

Feliz, o avô convidou o neto para *mangiarem*. Sentaram à mesa. Os canecos de vinho, o queijo, o salame e o pão adornavam a mesa. Comeram, assistindo à dança

¹³³ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 90

dos queijos e salames pendurados. Ao cantar a música de sua terra sentia *que sua voz tinha também o gosto da terra, um timbre de rio no fundo do vale, de vento em arvoredos*.¹³⁴

Aos poucos o avô adormeceu e restou ao menino observá-lo e zelar pelo seu sono. Enquanto o avô dormia, sonolentos navios navegavam na adega esfumaçada.

Reconhecendo a fragilidade do avô, Piccolino se preocupa. Sabe que lá fora os tempos estão difíceis, que o mar anda bravo para os pequenos navios de fumaça que aparecem. Não quer que o avô naufrague. Talvez pudesse ajudá-lo a descobrir a forma de fazerem transatlânticos seguros, que os levem para bem longe, distante dos mares bravios.

Ao acordar, pela manhã, não encontrou o avô. Descobriu, observando a natureza do lugar, o canto das águas. Ao querer se aproximar, o avô o advertiu de que poderia ficar molhado. Então viu o avô pulando sobre as pedras, firme como uma rocha em seus oitenta anos.

O avô transbordava de felicidade. Refletia uma grande paz. O fato de o avô estar feliz, deixou o neto mais feliz ainda. Pena que existia o tio Nicola, pensava Piccolino. Os sinais que Beppe mostrava a seu neto em sua velhice eram de resistência, firmeza e de um profundo apego à vida. Novamente era a oportunidade para o menino repensar o ser que envelhece. Vendo o avô feliz, acreditou na possibilidade de uma velhice mais bem aproveitada para o avô, porque, cheio de sonhos reinventava a vida. No artigo

¹³⁴ Ibid. p. 93

Psicologia do envelhecimento: uma área emergente, Anita Neri pondera em certo momento, que a velhice bem-sucedida é:

(..) assim uma condição individual e grupal de bem-estar físico e social, referenciada aos ideais da sociedade, às condições e aos valores existentes no ambiente em que o indivíduo envelhece, e as circunstâncias de sua história pessoal e de seu grupo etário.

(...) Envelhecer satisfatoriamente depende, pois, do delicado equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, o qual lhe possibilitará lidar, com diferentes graus de eficácia, com as perdas inevitáveis do envelhecimento.¹³⁵

Piccolino sabe que seu avô está bem adaptado no novo lugar em que vivem. Sente que, embora o avô tenha oitenta anos, parece ser um menino, pois ainda faz travessuras quando pula sobre as rochas. Já conhece as limitações e as fragilidades do avô, próprias da idade, mas acredita na fala dele quando este lhe diz que ainda sente-se moço.

Partiram, e encontraram as primeiras pessoas desde a noite anterior. Era um casal de meia idade. Informaram-lhes que estavam a duas horas de Cuero Matto. Andaram um pouco mais, e viram um cortejo de cavaleiros. O cortejo conduzia os noivos, Fermio e Marieta, que se casariam naquele dia.

O homem que levava o vinho da festa disse nunca tê-los visto por ali. Perguntou se estavam indo para o casamento. O avô respondeu que se dirigiam para a casa do amigo Gambelini. O Homem ficou contente em saber que eram amigos de Gino, que também era seu amigo e lhes ofereceu carona. A partir daquele momento a viagem

ficou mais divertida. Giácomo convidou o avô para ajudar a levar o vinho para a festa e depois seguiriam para a casa de Gambelini. Caso não estivesse ainda em casa, levaria os dois ao casamento, deixando o velho para mais tarde.

Depois de deixarem o vinho na casa do noivo, Giácomo achou melhor entrarem em uma bodega, a fim de esperarem a cerimônia de casamento terminar. Depois sugeriu que se juntassem aos outros, porque não ficaria bem aparecerem apenas para a festa.

Havia de tudo na festa: macarronada, canelones, nhoques, picles. Vovô já bebia o seu vinho, enquanto o gaitero ensaiava as primeiras notas. Agarrado ao ritmo de uma tarantela, o avô desfrutava de momentos de alegria. Piccolino não entendia onde o avô buscava tanta vitalidade aos oitenta anos. Mais uma vez, surpreendeu-se com a habilidade do avô, jogando mora. Da surpresa inicial, todos que jogavam passaram a admirar a habilidade do avô em acertar sempre.

Enquanto o jogo e a vida aconteciam, Piccolino experimentava sua primeira paixão. Havia-se encantado com Marieta, noiva de Fermينو. Inseguro com o novo sentimento, queria ir embora da festa, e por isso saiu à procura do avô. Poucas pessoas ainda jogavam. Vovô parecia cansado. Ao ver o neto, despediu-se de seu companheiro de jogo e foi falar com ele. Contou ao Piccolino que conseguira trabalho

¹³⁵ NERI, A L. (org) Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In: *Psicologia do envelhecimento*. São Paulo: Papirus, 1995, p. 34

para eles na cantina de Ângelo Donatello, ali mesmo em Cuero Matto, e que discutiriam no dia seguinte as bases do emprego.

Em vez de alegria, aquela novidade me deu tristeza. Eu constatava que vovô estava meio decidido a não regressar a Porto Alegre. Já eu experimentava uns repentinos, arrependido, desacorçoado. Não sei, talvez fosse devido à chaga que meu último primeiro grande amor abria no meu peito, como um punhal cruel. Além do mais, vovô tinha razão para fugir. Eu, não. Gostava de meu pai e de minha mãe. Se estava ali, era pela enorme responsabilidade que passa a ter uma pessoa quando seu avô de 80 anos resolve pôr o pé na estrada a fim de não ser levado para um sanatório. E vovô estava muito velho. Terrível responsabilidade a minha.¹³⁶

Piccolino atravessava um momento de questionamento. Sentia-se menino para tantos desafios. No entanto, tinha o sentimento do cuidado e da responsabilidade pelo avô. Não queria vê-lo internado num asilo. Porém, a responsabilidade pelo cuidado do avô o assustava. Por ser muito menino, aprendiz da vida, sentia falta de casa, de sua família, do aconchego do lar. Ao perguntar ao avô se tinham fugido para valer, o avô lhe respondeu que não. Iriam juntar alguns cobres e viajariam para a Itália. Claro que pediriam licença aos pais do Piccolino.

O menino pediu ao avô que lhe ensinasse a adivinhar tudo no jogo da mora. O avô lhe disse que adivinhava tudo porque sabia ler os olhos das pessoas. *Mas isso a*

¹³⁶ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 113-114

gente não aprende na escola. O viver ensina isso para cada um.¹³⁷ O menino perguntou ao avô como ele fazia para ler os olhos e então ele lhe contou o segredo:

*- Simples. Muito simples. Olhe nos olhos das pessoas de quem tu gostas. Um exemplo de exercício: procure ler se a pessoa em questão está triste ou alegre. Se no fim do exercício descobrires que se trata de uma tristeza, passe para a Segunda parte do exercício e tente ler as causas da tristeza. No início, caso não conseguires, pergunte. E aí com sua própria alegria, contagie o alfabeto da outra pessoa a fim de que aquela tristeza vá embora.*¹³⁸

Embora achando difícil aprender a lição do avô, o neto já a colocava em prática, lendo nos olhos do velho o entusiasmo com a idéia de juntar dinheiro para voltar a seu paese. Sonhava em encontrar Marieta para ler em seus olhos a paixão que havia nascido.

Como já estava ficando tarde, e Gambelini não havia aparecido na festa, resolveram tomar emprestados os cavalos de Giácomo e partiram em busca da casa do amigo.

Piccolino dizia ao avô que tudo era alegria naquele lugar, muito diferente de Porto Alegre. Com a experiência dos anos, o avô explicava ao neto que, junto da alegria, vinha o trabalho duro. Aquele povo trabalhava muito e o vinho que faziam era o sangue que saía dos braços para encher as barricas.

¹³⁷ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 114

¹³⁸ *Ibid.* p. 114-115

Chegaram à casa de Gambelini e não o encontraram. Grossas nuvens negras escondiam o brilho das estrelas e prenunciavam grande chuva. Ao passarem pela casa de Giacomo ouviram vozes. Discutiam a importância de colherem a uva naquele dia, pois a chuva de granizo faria enormes estragos. Giacomo não queria aceitar a oferta daqueles homens, pois não queria estragar a festa de casamento de Fermino e Marieta. Foi convencido por eles quando justificaram que já tinham estado com eles. Disseram que, quanto mais depressa trabalhassem, menor seria o prejuízo. Giacomo então aceitou a oferta dos homens:

- Está bem. Aceito o que propõem. Perder a uva significa perder a hipoteca da casa. Só por isso concordo. – E após alguns instantes pensativo: - Quanto somos?

- Dez – alguém falou.

- Onze – falou vovô, avançando um passo.

- Doze foi a minha vez.

Giacomo expôs suas condições:

- Vamos colher a uva, mas que ninguém dos Luchese ou dos Dalcane saibam disso. Deixe que a festa continue. Até de madrugada, como é de costume.¹³⁹

O encontro das gerações é a necessidade pela luta da sobrevivência, da vida. E o sangue forte da uva é que os une. Sabem que a colheita garantirá o sustento das gerações. O tempo dá o tom da vida.

Piccolino localizou o avô e foi trabalhar perto dele. Não conseguiu entender de onde o avô tirava tanta vitalidade, após um dia tão fatigante. Reconheceu que as

¹³⁹ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 120-121

possibilidades, projetos do avô podiam ser vividos e sonhados após os oitenta anos. Geraldine Santos e Cícero Vaz, no texto *O significado das experiências culturais da infância no processo de envelhecimento bem-sucedido*, apontam a importância de diluirmos os estereótipos relativos ao processo de envelhecimento:

(...) precisamos diluir estereotípias relativas ao processo de envelhecer e, assim, como nas demais fases da vida, descobrir que possibilidades podem ser abertas após os setenta anos. Não devemos continuar com a imagem de que envelhecer é sinônimo de adoecer. É necessário propiciar às pessoas a liberdade de se manterem ativas e participantes das atividades comuns às outras idades.¹⁴⁰

Ver o avô participar das atividades da colheita onde o encontro das gerações é vivenciado pela força do trabalho, aproxima ainda mais o neto do avô. A aproximação para ver o avô trabalhar junto às outras idades, é entrada para Piccolino reconhecer que é possível na velhice, mesmo aos oitenta anos, estar engajado em atividades comuns a todas as idades.

No dia seguinte, Piccolino e o avô haviam dormido até mais tarde, exaustos pela colheita do dia anterior. Gino saíra bem cedo, a fim de acertar a venda de umas uvas. Quem estava fazendo a polenta era Anunciata. Culpava-os por terem atrasado Gambelini. Por mais que explicasse as manias de Tomazini, Anunciata não mudava de idéia, e remexia a polenta com a ira de quem dormira muito mal durante a noite.

¹⁴⁰ SANTOS, Geraldine Alves dos; VAZ, Cícero Emidio. O significado das experiências culturais da infância no processo de envelhecimento bem-sucedido. *RBCEH*, Passo Fundo, Vol. 1. N.1 (Jan-Jun. 2004 p. 23-37). p.23-24

Gambelini chegou com a notícia de que tinha falado com Donatello sobre o emprego, e que iria levá-los, à tarde, na casa dele, a fim de combinarem tudo. Gambelini foi até o carro e pegou um embrulho enrolado em um jornal. Era uma caixa cheia de pintinhos. Entregou a caixa para Anunciata, dizendo ser presente de Domenico. Enquanto Gambelini explicava a vovô o que sabia do trabalho, ajudava Anunciata a levar a *caldroa* para debaixo do *jirau*, onde seria lavada mais tarde. Quando ia jogar fora o jornal em que a caixa estava embrulhada, alguma coisa chamou a atenção de Anunciata:

*Abriu novamente a folha, muito interessada. Levou a mão à boca, como se não acreditasse no que lia. Lançou sobre mim um rápido, olhar. Retornou à leitura. Seguia com o dedo as palavras que ia lendo, com suave mover dos lábios. Depois dobrou cuidadosamente o jornal, guarda-o dentro do armário.*¹⁴¹

Piccolino ficara desconfiado com a expressão de Anunciata. Só não abriu o armário onde ela tinha guardado o jornal porque temia complicações.

Piccolino e o avô foram ao encontro de Donatello para combinarem o trabalho e salário que iriam ganhar, e não observaram mais aquele homem alegre da festa de casamento. Demonstrava uma expressão fechada, os gestos eram mais formais e perdera a espontaneidade. Antes de definir o salário que iriam ganhar, Donatello os examinou:

¹⁴¹ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 130

Levantou-se, examinando-os como alguém interessado em comprar um cavalo: calcula sua idade e quantos anos tem para puxar uma carroça.

- Está bem, está bem. Têm emprego garantido. Mas há uma condição: um está muito velho, o outro muito novo. Por isso pago apenas um salário para os dois.

Vovô coçou a cabeça decepcionado.

- Mas... - ia dizer alguma coisa.

- E não percam a oportunidade. Tem assim de gente querendo o posto. O senhor sabe, a cada filho que casa dividem a terra. Depois não conseguem tirar dela o sustento. Têm de procurar a sorte em outro lugar. Quem não está disposto, vai a Porto Alegre. Os outros ficam aqui, mofando a cada dia. Ainda hoje despachei uns cinco.¹⁴²

A fala de Donatello é o reflexo da modernidade: embora ela nos revele os benefícios de vivermos mais, o mundo de consumo nos faz acreditar que é necessário valorizarmos o novo e descartarmos o velho, tido como fora de moda, fora de sintonia, não mais capacitado para enfrentar o mundo do trabalho. São as leis da oferta e da procura que definem o salário que iriam ganhar.

Como dizia Donatello, não havia tempo a perder, pois muita gente queria o posto, já que não era mais possível tirar sustento da terra, o que deixava muitos colonos sem opção. Sabendo disso, Donatello confirma a ideologia dominante de que só tem valor aquele que trabalha, que produz, que é novo. E Beppe já era muito velho como constatou, não poderia valer muito, não poderia ter um salário digno, pois produzia pouco, não era qualificado para o trabalho.

¹⁴² CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 131-132

Decidiram aceitar o emprego e ouviram as primeiras instruções do novo patrão. Explicou-lhes que iriam trabalhar no *mastel*. A princípio, vovô não entendeu as palavras de Donatello, porque nunca tinha trabalhado na fabricação do vinho. Donatello esclareceu que as uvas estavam dentro do mastel e que deveriam tirar os sapatos, arregaçar as calças, para esmagar as uvas com os pés. Se tivessem terminado a tarefa até à noite, deveriam jogar a graspa na tina de fermentação. Piccolino, surpreso por ter que amassar as uvas com os pés, quis continuar o diálogo com Donatello, que o advertiu, dizendo que ali não era Caxias do Sul e sim Cuero Matto, um dos lugares mais fiéis às tradições e que já era hora de encerrarem o palavreado, pois toda aquela conversa fiada já estava dando prejuízo.

O avô e o neto ficaram algum tempo avaliando o que estava acontecendo e, por fim, o avô decidiu que deveriam ir embora. Piccolino argumentou que não poderiam ficar muito tempo na casa de Gambelini. Propôs que trabalhassem alguns dias até juntarem uns cobres, e depois meteriam os pés na estrada.

Piccolino sentia a revolta do avô. Ao menos, pensava, não era tristeza. Frequentemente Donatello vinha conferir se estavam trabalhando. Por duas vezes chamou a atenção do avô, que não respondeu, mordendo os dentes. Mais tarde, doídos das câibras, suspenderam o trabalho. Era chegada a hora de irem para casa. Às seis em ponto, do outro dia, conforme Donatello, deveriam estar lá para reiniciarem o trabalho.

De volta à casa, encontraram Anunciata. Perceberam que ela guardara nervosamente o jornal, antes de fitá-los bem. Vovô perguntou como tinha sido sua tarde, ao que ela respondeu que tinha ido visitar as amigas. Ao ser chamada por Gambelini, deixou o jornal sobre a mesa, momento em que Piccolino o tomou nas mãos:

(...) abri rapidamente o jornal. Havia duas fotos. Uma de vovô. Outra minha. A de vovô era antiga, mostrando um homem bem mais moço. Ele aproximou-se para ver o que era. Então li: Desaparecimento. Desapareceram de sua casa, no bairro Tristeza, Giuseppe Dall Acqua e seu neto Marco Dall Acqua, na última sexta-feira. Eles vestiam na ocasião calça e paletó de brim, botinas novas, sendo que o ancião levava uma boina azul. A família desesperada acha que devem ter ido na direção da zona colonial italiana. Quem souber de seu paradeiro, avisar o posto policial mais próximo, que será bem recompensado.¹⁴³

Vovô era só silêncio. Os passos de Anunciata despertaram-nos para deixarem o jornal onde estava. Ao observar que o jornal estava no mesmo lugar, guardou-o dentro do vestido. Logo chegou Gambelini e ficou revoltado ao saber das propostas de Donatello e os aconselhou a permanecerem no emprego até arranjarem coisa melhor. O jantar foi marcado pelas cordialidades de Anunciata. Piccolino desconfiou que tantas gentilezas eram o prenúncio de alguma coisa errada.

*A prova veio de madrugada. Fomos despertados por batidas na porta da frente. Gritos. Buzinas. Motores roncando. E alguém gritando:
- Abram é a polícia.*

*Bem desconfiara que Anunciata tinha passado a tarde com amigas coisa nenhuma. Aproveitara para nos denunciar à polícia, depois de ler o jornal e saber quem éramos.*¹⁴⁴

Não poderiam perder tempo. Piccolino estava pronto, o avô ainda arrumava seus badulaques na capanga. Primeiro, o avô jogou suas coisas e depois escalou o peitoril. Pena não poder mais crescer ou flutuar como antigamente, pois esse tempo tinha-se apagado da memória. Agora era um avô fraco, fragilizado. Os projetos, antes sonhados, já não eram mais possibilidade. Acabara de cair e demonstrava dificuldade para se levantar. Piccolino sabia de sua responsabilidade para com o avô e por isso ajudava-o como podia. A cada passo, o avô mancava, impedindo uma fuga mais rápida. Tinha torcido o pé. Após meia hora de caminhada, estavam sem forças, exaustos. O terreno pedregoso atrapalhava a fuga. Além do mais, vovô sentia tonturas a todo o momento, fazendo-os parar para que se recompusessem.

Mas o pior já tinha passado. De cima do morro, podiam observar a movimentação na casa de Gambelini. Ficaram ainda por um longo tempo a olhar a movimentação na casa, até virem o carro da polícia afastar-se. Enquanto esperavam o tempo passar, o avô fez importantes revelações ao neto: achava que o seu coração tinha enlouquecido e fazia tempo, observara, não tinha mais coração. Transformara-se em três vulcões: o Etna, o Estrômboli e o Vesúvio e, a cada dia, um entrava em erupção. Piccolino dizia para o avô deixar de bobagem. Então o avô fez-lhe um pedido:

¹⁴³ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 134

¹⁴⁴ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 136

- *Quando meus vulcões se extinguirem, me promete uma coisa?*
- *Ah, vovô, não fala assim...*
- *Prometo sim. Mas não fala desse jeito.*
- *Piccolino, quando meus vulcões morrerem, me olhe profundamente nos olhos, antes que se fechem. Aí eu vou passar a luz dos meus para os teus. E quando cresceres, vá ao meu paese. Olhe o céu e a terra, homens e coisas. Eu estarei vendo tudo isso através de ti.¹⁴⁵*

O diálogo do avô e do neto é revelador da cumplicidade, do amor, do afeto que um sentia pelo outro. Ao dizer ao neto para olhar em seus olhos quando sentisse que os seus vulcões estavam morrendo, o avô deixa para o seu neto o seu maior legado: o sonho de poder voltar a seu *paese* e olhar novamente o céu, a terra e os homens daquele lugar. Seu projeto inacabado deverá ser retomado por seu neto, a quem ele deixa sua maior herança: o amor pelo seu *paese*. Freqüentar a casa da velhice é experiência da qual o menino não mais poderá se furtar, pois está impregnado da experiência de ser velho de seu avô. Experiência que o faz querer morar na casa da velhice. É desse velho andarilho, fugitivo, que desejou ressuscitar o passado, do qual o menino se orgulha. Sobre o significado de envelhecer com dignidade nos fala Both,¹⁴⁶ no artigo *Fundamentos filosóficos*:

Envelhecer significa também retornar à infância e à juventude temperando o que foi com a novidade de ser velho. Ou acaso a infância e a juventude estarão irremediavelmente perdidos? Parece que não: ser velho é poder andar no mundo, ressuscitando o passado que qualifica o presente. O tempo presente tem sua sabedoria. Estar no mundo sob o ponto da velhice é devolver à vida um universo de experiências, o que poderá alargar a situação atual.

¹⁴⁵ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p.139

Depois de ter prometido ao avô que faria o que ele tinha dito, embora achasse que ele estava exagerando, reiniciaram a caminhada. O avô, depois de alguns passos, parou novamente e disse ao neto que sentisse seus vulcões extinguindo-se, sua vista escurecendo. O menino respondeu que aquelas sensações o avô estava sentindo por causa da altura. O avô falou que não se tratava de altura, mas de distância. Que odiava as distâncias e, se pudesse, as estrangularia. Piccolino então perguntou ao avô:

- Mesmo as distâncias das coisas e dos lugares ruins, vovô?

- É mesmo Piccolino. Não tinha pensado nisso.

Eu me achei importante, porque falava a vovô de igual para igual um tanto de filosofia. Ele me dava razão. E completei:

- Agora eu também estou de acordo. A distância das coisas boas... – e a fala sumiu da minha garganta. Vovô abria os braços como se quisesse cantar, mas sua voz também não saía. Ele cambaleou.

Fiquei desesperado (...)

- Vovô! Não morre vovozinho.¹⁴⁷

Diante da possibilidade da morte do avô, o menino revelou seus medos. Disse ter sentido medo dele e de Tomazini. Contou do medo que teve do riso deles e o avô lhe explicou que o riso tinha sido uma luta, e que Tomazini o havia ajudado.

- Luta? Eu não vi mais ninguém.

- Havia, Piccolino. Havia. A morte estava ali, querendo me levar. Ela, a fria, escalava meus três vulcões, para vender suas crateras. Com a morte, Piccolino, só o riso, a gargalhada. E Tomazini sabe disso. Os animais pressentem quando

¹⁴⁶ BOTH, Agostinho. Fundamentos filosóficos. In: BOTH, Agostinho; PORTELLA, Marilene R.; BOTH, Solange L. *Fundamentos de Gerontologia*. Passo Fundo: UPF, 1994, p. 20

¹⁴⁷ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 139-140

*a morte anda por perto. Se ela os acua, riem na sua cara. Ela foge de medo, achando que bateu na porta errada. E demora, até que volte para a hora definitiva.*¹⁴⁸

Piccolino achava as palavras do avô estranhas, mas ao mesmo tempo começava a entendê-las e principalmente entendia Tomazini. Sabia que Tomazini enganava a fria (a morte), como dizia o avô, com uma garrafa de vinho tinto.

Era tarde demais para fugirem dali. À sua frente já estavam o Buldogue com mais dois ou três perdigueiros. Tudo estava acabado:

A volta a Porto Alegre foi logo a seguir. O Buldogue e um perdigueiro receberam as instruções do Delegado e deram ordens ao motorista. Na frente do Studebaker, os dois mais o motorista pouco falavam. Raras vezes viravam-se para dizer alguma coisa.

*- O vovozinho fujão volta para casa, hein? Vejam só: ainda por cima bota o neto no mau caminho... – e outras coisas sem graça que me enchiam de raiva. Vovô não respondia, amuado no canto. Às vezes murmurava uma canção qualquer. Pela janela, eu ia procurando lembrar o trajeto de alguns dias antes, naquela estrada tortuosa cheia de plátanos amarelecidos.*¹⁴⁹

Tudo se repetira como no início. Tia Angelina dizia que vovô era um mal-agrado, tio Nicola, indignado com os acontecimentos, saíra para passar um telegrama para Carluccio.

¹⁴⁸ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 142

¹⁴⁹ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997, p. 143

Vovô já se sentava em seu lugar e deixava sair de seu cachimbo navios vermelhos, que soprava com cuidado para que não se chocassem, indo a pique. Chamava o menino para que encostasse o ouvido em seu peito para poder ouvir o Vesúvio, o Estrômboli e o Etna que insistiam em entrar em erupção. Piccolino então fez o que o avô lhe pediu:

- Che ascolta, ragazzo?

Eu não sabia ainda a língua de vovô mas naquele momento entendia tudo. Até chinês se fosse preciso.

- Não sei bem vovozinho. É diferente de um coração batendo – lembrando-me da cara assustada do médico, quando pôs o aparelho cromado no peito de vovô.

-É o Vesúvio. O Etna, o Estrômboli. Hoje os três entraram em erupção ao mesmo tempo.

E dizendo isso, saiu andando no ar, como se fosse uma folha de outono tocada pelo vento. Corri atrás. Ele ia para a rua. Quando consegui abrir o portão, ele já andava por cima do Guaíba. Abanei para ele até meu braço cansar Tornou-se um ponto cada vez menor no horizonte, na direção do oceano. Não agüentei; comecei a chorar no meio da rua. Um homem que passava quis me ajudar, perguntando o que tinha acontecido.

- O Vesúvio, O Etna e o Estrômboli levaram vovô – respondi.

Ele olhou-me assustado e foi embora.¹⁵⁰

Piccolino sabia que o avô tinha partido e desta vez não o tinha levado. Tio Nicola havia chegado com o táxi que levaria o avô para o asilo. O menino sentia que o desejo da morte a que se referia o avô, devia-se à desesperança. Sobretudo tinha certeza de

¹⁵⁰ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. Ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 146

que a vida ainda existia no avô. Era esta a imagem do avô que ele havia conhecido, é a que eternizaria.

Cumpriria a promessa que fizera ao avô: quando crescesse, visitaria o *paese* do avô, procuraria o Vesúvio, o Etna e o Estrômboli e pediria que lhe mostrassem seu vovozinho.

4.2.3 *Outro Lado do Tabuleiro, de Eliane Ganem*

Judith, Tide, como era chamada, senhora de setenta e dois anos, não aparentava a idade. No máximo aparentava sessenta e seis. Viajava num vagão superlotado, quando presenciou a morte de um passageiro.

A voz do microfone avisava a próxima estação: Botafogo. Todos os passageiros deveriam desembarcar. Pouco a pouco se chegavam até a porta da saída, quando Tide escutou a voz desesperada de uma menina, que, ao tentar acordar o tio para descerem do trem, percebeu-o morto. A porta do trem abriu, alguns saíram, outros ficaram, tentando ajudar a menina. Tide correu para acionar a campainha do alarme. Quando voltou, escutou que alguém tinha levado a menina. Apontavam mostrando quem era. Tide não teve dúvida. Saiu em disparada atrás dela, subiu a escada rolante, sem rolar por ela, pulou degraus até alcançar o homem com a menina. Ao chegar próximo do homem, enfiou-lhe a sombrinha entre as pernas, ele tropeçou e os dois caíram. Tide aconchegou a menina como pôde, enquanto via o homem fugir.

A descrição do narrador da imagem de Tide, uma senhora que não aparentava a idade, cheia de vigor para correr atrás da menina que fora raptada, nos prenuncia que há diferentes itinerários para o ser que envelhece. Tide parece confirmar que os velhos não envelhecem da mesma maneira, cada um carrega uma bagagem diferente. Sobre os diferentes itinerários do envelhecimento, podemos ler Newton Aquiles Von Zuben no artigo *Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o, signo da finitude*¹⁵¹:

(...) os diferentes indivíduos não avançam em idade com a mesma bagagem. Em termos simples, não envelhecem do mesmo modo e no mesmo ritmo. Cada qual encontra seus obstáculos e passa por experiências diferentes, tecendo assim a trama de seu existir de modo quase que idiossincrático. Assim se processa a construção de sua existência. Pode-se, então, reconhecer dois grandes modelos: o envelhecimento pode ser percebido como uma trajetória, um processo marcado pelo declínio fisiológico em que fica evidente a diminuição das capacidades cognitivas e psicomotoras numa série de perdas – perda de pessoas amadas, perda do trabalho, perda da autonomia. Por outro lado, outros perceberão o envelhecer como a ocasião de realização de vários projetos existenciais, de enriquecimento pessoal, propiciando assim uma fonte de crescimento e conquista das suas potencialidades como pessoa.

Tide tinha ido até a delegacia com a menina e conversava com o inspetor. Cansada de tantas perguntas e preocupada com a hora, discutiu com o inspetor, pois ele queria encaminhá-la para o Juizado de Menores, porque não tinham conseguido localizar a família. Tide não aceitou o propósito do inspetor e decidiu levá-la para sua casa.

- *Levo a menina, inspetor. Amanhã a gente pensa o que fazer.*
 - *Não podemos, a menina precisa estar em segurança. Querem raptá-la, minha senhora! A menina deve valer uma nota! Aqui ela está segura até amanhã.*
 (...) – *Claro que posso! Salvei a menina! Não fosse por mim ela não estaria aqui ... e não tente me impedir, sou bem relacionada.*¹⁵²

Judith mostrava-se determinada. Não aceitava as ponderações do inspetor e respondia aos repórteres tudo o que queriam saber sobre a menina bem-nascida, que se chamava Alice Vieira da Costa. O inspetor assistia à performance de Tide e fazia conjecturas a respeito dela:

*A velha era comum, magra, pequena, ligeira. Parecia a tia de alguém, uma solteirona caduca, era o mais provável, que ficava arrumando confusão para se distrair. Tem gente que gosta de se intrometer, pensou. Era forte. Não tão velha assim. Uma senhora de bem, isso parecia. (...) O nariz empinado às vezes, às vezes caído tal o peso dos anos. A boca fina, enrugada, meia torcida, mastigando os dentes, fazendo barulho um pouco de lado esquerdo, depois o direito. Os olhos é que eram de menina. Espertos. Meio apertados, a sobrancelha fina, levantada. Não há dúvida, cara de tia, fixou os olhos mais uma vez. Podia impedir, se quisesse, mas estava cansado. Vá lá, que a velha levasse a menina.*¹⁵³

A primeira imagem do inspetor sobre o ser que envelhece é carregada de aspectos negativos. Tide era velha, solteirona, caduca e por não ter o que fazer, ficava arrumando confusão. O inspetor revela-nos, a partir de sua fala, o que havia aprendido do processo de envelhecimento. Todo o velho é caduco e não tem o que fazer. Esses

¹⁵¹ ZUBEN, Newton Aquiles von. Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o, signo da finitude. In: NERI, Anita L.(org). *Maturidade e velhice: Trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas, SP:Papirus, 2001. p. 161

¹⁵² GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 10

conceitos confirmam uma imagem generalizada do envelhecimento. Todos os velhos necessariamente, para o inspetor, percorrem os mesmos trajetos e Tide não seria diferente. Podia até impedi-la de levar a menina, mas a velha não oferecia, por sua condição, nenhum perigo. Então, que a velha levasse a menina.

Quando chegaram em casa, tranqüilizou a menina de que aquela noite ficariam ali, e amanhã a levaria para a casa dos pais. Do pai, disse a menina, pois sua mãe havia morrido quando era pequena. Sobre o pai não sabia dizer muita coisa, porque ele viajava muito.

A menina contou a Tide que tinha nove anos. Tide então ofereceu suco e biscoitos de nata, falou com a menina sobre o nome dela, Alice. Perguntou se ela havia lido *Alice no País das Maravilhas*. A menina contou-lhe que todo mundo fazia a ela a mesma pergunta. Disse que o tio havia contado a história para ela. Tide perguntou sobre o trabalho do pai. Alice disse não saber. Não estava interessada e não gostava de saber o que o pai fazia. Alice queria era o tio.

O apartamento de Tide era pequeno, porém grande demais para uma pessoa. Lá ela guardava todos os móveis que havia colecionado durante a vida: o baú do Maranhão, o sofá de veludo, as poltronas, a louça fina, o grande espelho de cristal.

Alice e Tide foram para o quarto. Tide queria dormir, estava exausta com todos os acontecimentos.

¹⁵³ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 10 - 11

Acordou pela manhã assustada. O relógio marcava oito e meia. Pulou da cama, porém sentiu o corpo moído. Lembrou-se de Alice. Faria um lanche bem gostoso para ela. Ao chamá-la, percebeu que não estava. Procurou em todos os cantos da casa e não entendeu como podiam tê-la levado se havia guardas em todos os cantos. Abriu as portas, e pediu socorro aos guardas:

O inspetor foi chamado. Já chegou de dedo em pé, dizendo:

- A senhora foi culpada! Agora a minha situação está complicada! E a sua também. É uma das suspeitas do rapto, não há dúvida!¹⁵⁴

O inspetor não compreendia como tinham levado a menina, e Tide não tinha visto nada. Defendia-se, dizendo serem incompetentes os homens do inspetor. Mostrava-lhe a corda amarrada com nó de marinheiro que encontrara.

Falava ao inspetor que os bandidos poderiam ter entrado pela porta comercial, com elevador independente, por isso os homens não tinham visto. Tide tentava de todas as maneiras responder aos questionamentos do inspetor. Explicava que o prédio tinha saídas independentes do primeiro ao terceiro andar, onde ficava a área comercial.

A hipótese de Tide era: eles teriam ido até o terceiro andar, escalado a escada até o quarto andar, entrado no apartamento de baixo, subido pelo lado de fora até chegar a sua janela e levado a menina. A proximidade do Natal deixava o prédio mais vazio, e, aproveitando-se da ausência dos moradores, os raptos teriam chegado até o apartamento de Tide e levado Alice.

No outro dia estava estampada no jornal a notícia da tentativa de seqüestro de Alice:

MORTE E TENTATIVA DE SEQÜESTRO NO METRÔ DO RIO

Às 17h35m de ontem, o Metrô do Rio viveu seu primeiro grande mistério – a morte de Samuel Alves da Costa, que ainda está sendo apurada pela Polícia, e a tentativa de seqüestro de Alice Vieira da Costa, que estava em sua companhia.

A menina, de nove anos de idade, filha de Claudinei Alves da Costa, irmão do morto e considerado por muitos como o poderoso chefão de uma rede de supermercados, foi salva pela sombrinha de uma velha senhora que desembarcava na Estação Terminal do Metrô, em Botafogo. Segundo algumas testemunhas, Judith Gonçalves Porto, de setenta e dois anos de idade, demonstrou bastante coragem e presença de espírito ao bloquear passagem do seqüestrador...¹⁵⁵

A notícia informa a morte e a tentativa de seqüestro no metrô, mas também apresenta Judith, uma velha senhora que demonstra coragem e determinação nos seus setenta e dois anos. A idade cronológica não impede Tide de agir como uma jovem com todo o seu vigor físico. A luta que trava com o seqüestrador mostra-nos o desejo de Tide de estar envolvida em causas e projetos que lhe acenem a possibilidade de ocupar um lugar de destaque na sociedade.

¹⁵⁴ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 15

¹⁵⁵ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998 p. 19

Tide não necessitava ler mais nada, estava cansada. Resolveu arrumar a casa e armar o cavalete de pintura. Queria captar o olhar de Alice. Tentaria um esboço a lápis. Sentia que queria proteger Alice. Sabia que à tarde sairia o resultado da autópsia. Tinha certeza, pela cor do morto, que era envenenamento.

Ao dar-se conta de que já era meio-dia, e que Rogério, seu filho, viria almoçar, tratou de esconder rapidamente o jornal. O filho chegou, trocaram idéias e Tide foi preparar o almoço. Conversaram sobre Bruno, Pedrinho e Kátia, seus netos. Rogério reparou no pó que havia no apartamento e perguntou se tinha acontecido alguma coisa no prédio, pois encontrou guardas na porta. Tide desconversou e falou ao filho sobre o pulôver que estava fazendo para ele.

Chamou o filho para a mesa e Rogério mostrou a ela o que havia encontrado:

(...) só estava lendo isso aqui. Parece letra de criança.

- *Hein?*

- *É! Tava aqui no vão do sofá.*

- *Me dá! – Tide correu, pegou o papel. Era uma letra miúda, malfeita, de criança.*

- *Alice!!!*

- *Quem é Alice?*

- *Rainha Branca... Ela escreveu isso aqui. Rainha Branca. Meu Deus! – correu pra estante. Isso é um código. Só pode ser a Rainha Branca de Alice ... Alice Através do Espelho. Mas, onde está Carrol?*¹⁵⁶

¹⁵⁶ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998 p. 23

O filho não entendeu o que a mãe quis dizer com tudo aquilo e pediu-lhe calma. Ajudou Tide a encontrar o livro *Alice no País de Espelho* e a localizar o capítulo V. “*Ah, mas é aquela rainha maravilhosa que vive pra trás*”¹⁵⁷. Tide queria encontrar o enigma que teria de decifrar. Perguntava-se o que a menina queria dizer com Rainha Branca. Será que ela também vivia para trás?

Na hora do almoço, Tide contou para o filho a aventura do Metrô. Foi contando aos poucos, pois temia a reação do filho. Já tinha passado por outra situação semelhante. Rogério ficou furioso com o relato da mãe:

- *Calma, meu filho!*
- *Calma, Tide? Você me pede calma? Lembra do caso do Elefante Dourado, que você se meteu, ou já esqueceu?*
- *Ah, mas foi sem querer, você sabe.*
- *Ficou de dívidas até a alma. Ainda tá pagando, não é??*
- *Tide não respondeu. – Ficou dias trancada naquela delegacia nojenta até aquele bandido miserável confessar que você não fazia parte do bando.*
- (...)- Nem quero lembrar...*
- *Mas é bom pra refrescar a memória. Como é que foi mesmo? Ah, assim, letras bem grandes: “ Velha Controla Bando de Traficantes na Baixada” – falou, fazendo gesto de letreiro.*¹⁵⁸

Rogério achava que a mãe não devia se intrometer nas coisas alheias. Sabia que, com a mãe, as coisas eram diferentes. Era só olhar para a estante de livros dela que descobririam Agatha Christie, Simenon, Poe. Pedia para a mãe parar, não podia

¹⁵⁷ Ibid. p. 24

¹⁵⁸ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 24

sair por aí querendo prender bandido, correndo atrás de assassino com uma sombrinha. Depois de saber que Tide não lhe obedeceria, resolveu não mais discutir com a mãe. Avisou-lhe que, se a prendessem de madrugada, não ligasse mais para ele, pedindo socorro. Tide respondeu:

- Você é igual a seu pai. O que você quer mesmo é que eu fique em casa parada feito velha...

- Mas você tá velha, Judith!

- Por fora. Por dentro você não sabe, nem vê – e emburrou. O filho percebeu nela um olhar de vaga-lumes, estranho olhar.

(...) Mas tinha muitas coisas nela que eram diferentes. Esse jeito de enfrentar as coisas, de curtir a vida, essa falta de medo. Lembrou das bodas de prata, a festa que ela havia armado, convidando toda a família. Ainda lembrava da cara do pai dele, da cara de todo mundo quando ela anunciou que o que todos acabavam de comemorar, além das bodas é claro, era o descasamento.

(...) Uma bela figura, profundamente amável, dessas pessoas que a gente ama não porque é mãe da gente, mas porque é gente pra valer. O pai, não, sempre frio.¹⁵⁹

A fala de Tide revela exatamente seu sentimento em relação à velhice. Não quer, como acredita o filho, que as rugas que se mostram, sejam motivo de impossibilidade para a realização de seus desejos. Embora perceba que sua aparência, suas rugas revelam a velhice aos olhos do filho, sente-se que do seu interior ainda brota a força e o desejo de continuar em frente. Sobre o descompasso da imagem que o velho apresenta

¹⁵⁹ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 27-27

e aquilo que ele de fato acredita ser, nos fala Pedro Paulo Monteiro¹⁶⁰ no livro *Envelhecer: Encontros, Histórias e Transformações*:

Quando a aparência física denuncia aos outros aspectos referentes à velhice, como cabelos brancos, rugas, atitudes corporais, associada aos conhecidos atributos negativos, o velho sente a força do conflito. Há um descompasso entre sua imagem do corpo – aquilo que ele acredita ser ele mesmo – e o seu corpo físico – aquilo que os outros vêem como sendo um corpo velho.

Não queremos fazer parte dessa identidade estigmatizante que os outros nos forçam a assumir. Sentimos medo de nos perceber situados em uma categoria que reserva poucos atributos positivos – a velhice.

Embora o filho reconhecesse que a mãe estava velha, via nela algo de diferente, uma força que não encontrava em outras pessoas. Admirava na mãe a falta de medo, essa vontade de curtir a vida, apesar da idade. Percebia claramente na mãe o descompasso entre a imagem que seu corpo revelava e aquilo que de fato a mãe desejava ser.

Tide recebeu a visita do inspetor. Percebeu, tão logo ele chegou, o mau gosto para se vestir. Ofereceu-lhe um chá e se ausentou para prepará-lo. Enquanto isso, o inspetor olhou a casa de Tide atentamente. Não entendeu, ao ver tantas quinquilharias, por que a velha guardava tantas coisas. Disse à Judith não saber que ela pintava. Tide lhe contou que havia descoberto o dom depois de velha. A fala de Tide é carregada de significado, pois nos revela que na velhice é possível descobrir e aprender a arte da pintura, que é necessário cultivar tarefas, descobrir desejos. Aproveitou para perguntar o nome do inspetor. Ernesto, disse o inspetor.

¹⁶⁰ MONTEIRO, Pedro P. *Envelhecer: Encontros, Histórias e Transformações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 112-113

O inspetor contou a Tide que o morto não fora assassinado como ela havia pensado. Tinha morrido de síncope cardíaca. E que o corpo fora identificado por um criado da casa, pois o pai de Alice não queria ver o irmão. O inspetor falou a Tide do sofrimento do pai de Alice. Disse a ela do quanto o pai sentia falta da filha, e do quanto se culpava por sua ausência. Embora ainda não tivessem encontrado pistas dos raptos, disse a Tide o que descobrira sobre o pai de Alice: era filho de lavadeira e de marinho. Saía de casa aos doze anos para trabalhar e hoje era dono de uma rede de supermercados. Já o irmão, tinha sido criado por uma madrinha, que lhe deu estudos, porém não conseguiu ganhar dinheiro.

Ernesto interrompeu a conversa e pediu licença a Judith para dar uma olhada mais uma vez no apartamento dela. Antes de começar a busca pelo imóvel, perguntou se ela não havia encontrado nada. Ela disse ter encontrado um papel escrito Rainha Branca. O inspetor não entendeu o significado do bilhete.

- Ah, inspetor – Tide desabafou no sofá. Tudo, menos burrice. Odeio pessoas burras! – o inspetor se recompôs. Alice Através do espelho – Judith falava pausado – é o nome de um livro do Lewis Carroll. Este aqui! – levantou e mostrou o livro pro inspetor. Foi uma pergunta que eu fiz pra Alice na noite em que ela dormiu aqui.

- Sei...

- Perguntei se ela já tinha lido esse livro.

- Quer dizer que Rainha Branca...

- É ... é nome de uma personagem do livro. Ela quis dizer alguma coisa com esse bilhete, inspetor.¹⁶¹

¹⁶¹ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 33

Antes de ir embora o inspetor entregou à Judith um cartão do pai de Alice. Desejava falar com ela. Estaria em casa a sua espera.

Tide escolheu o melhor vestido e contou o dinheiro. Não sabia onde ficava a rua Araucária e era péssima para localizar ruas. Achava mais prudente pegar um táxi, porém contou o dinheiro novamente e reclamou:

- Todo fim de mês é essa porcaria. Ó miséria desgraçada. Também, dinheiro de aposentadoria e mais uns trocados daquele velho pão-duro – lembrou da cara do marido. Gordo, rindo, olhando pra ela como se dissesse: vai, Tide, vai ser gauche na vida desgraçada.¹⁶²

Tide, na sua fala, nos apresenta a sua condição de aposentada. O trabalho de uma vida inteira não foi suficiente para garantir-lhe uma vida tranqüila na velhice. Necessitava da pensão do ex marido para completar-lhe a renda. Ainda assim, a aposentadoria para Tide representava um tempo em que é possível estar socialmente produzindo. Mostra que é viável ter projetos e que é possível aproveitar com dignidade esse tempo. Jaime Lisandro Pacheco, no artigo *Trabalho e aposentadoria*, ao discutir a relação do ser humano com a preparação com trabalho e com a aposentadoria, pontua que a velhice não foi pensada pelo mundo do trabalho. Porém, acredita Pacheco, que acima das ideologias está a capacidade do ser humano resistir a essa despersonalização. Além da velhice não ser pensada pelo mundo do trabalho, também, conforme Pacheco, não foi enfocada pela escola.

¹⁶² Ibid. p. 35

A velhice, etapa da vida desejada e temida, não foi pensada pelo mundo do trabalho – a não ser pela aposentadoria, como um processo de desengajamento – e muito menos enfocada pela escola que não pensa o processo de envelhecimento humano, o não trabalho, o ócio criativo, a capacidade de cada um se realizar de formas diferentes daquelas apregoadas pelo capitalismo de consumo.

Mas acima das ideologias está a capacidade do ser humano de resistir à sua despersonalização e buscar formas de resistência na prática cotidiana. Assim, mesmo que a aposentadoria e a velhice o introduzam num mundo em que os papéis de mais baixo status lhe são reservados e em que esteja sempre num plano secundário, ele, a partir da tomada de consciência de sua história socialmente construída, pode ontocriativamente se lançar a novos projetos de bem viver.¹⁶³

Tide, com seu jeito único, mostra todas as formas de resistir ao que está posto, determinado. Não aceita o seu projeto de velhice ser pensado pelos outros. Ela é protagonista da sua vida, de sua história. Precisa estar ocupada, estar participando da vida para se sentir viva. Esse desejo a impulsiona a ir adiante. Com sua postura frente à vida, desconstrói as verdades de que o processo de envelhecimento é vivido da mesma maneira por todos. Lançando-se a novos projetos, Tide não aceita o papel de baixo status que lhe foi reservado.

A casa de Alice era uma mansão. Levaram-na para uma sala toda de mármore. Depois abriram uma porta para uma saleta onde estava um homem gordo, pequeno. Era o pai de Alice. O pai da menina queria oferecer-lhe dinheiro. Achava que ela era a seqüestradora da menina. Surpresa com a oferta do pai de Alice, Tide disse não ser ela a seqüestradora. O pai de Alice desculpou-se e apresentou-se. Seu nome era Claudinei.

¹⁶³ PACHECO, Jaime Lisandro. Trabalho e aposentadoria. In: Py, Lígia [et al]. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004. p. 122

Tide comentou com o pai de Alice que a menina tinha falado pouco, revelava não saber em que o pai trabalhava e que não tinha mãe. Tide dizia ao pai da menina sobre o amor de Alice pelo tio. Claudinei falou sobre os hábitos de Alice e os do tio:

- É ... eu sei. Nos fins de semana ele ficava contando histórias pra ela, lendo aqueles seus livros diabólicos. Iam à praia os dois. Nunca entendi isso. Com piscina em casa, com quadra de tênis, os dois iam à praia – abriu os braços lentamente, os ombros erguidos como se pedisse desculpas.¹⁶⁴

Tide ainda não tinha entendido e comentava com Claudinei o motivo de a menina, tendo motorista, estar com o tio num metrô às cinco da tarde. O pai de Alice achava que era mais uma das invenções do irmão. Falava dele com ódio. Dizia ser hábito do tio sair a pé, de ônibus, com a menina. Como se ela fosse uma qualquer. Quando falava à Alice, a menina chorava e dizia que era assim que gostava.

Antes de ir embora, Tide pediu permissão para averiguar o quarto de Alice. Embora o pai da menina tivesse informado que a polícia já tinha estado lá e que não havia encontrado nada, Tide insistiu para conhecer o quarto.

O pai de Alice chamou Alexandre, empregado da casa, para acompanhar Tide até o quarto da menina. Percorreu cada detalhe do quarto em busca de alguma pista que a ajudasse a desvendar o seqüestro. Ficou surpresa ao encontrar o livro de Carrol.

¹⁶⁴ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 39

Ao folheá-lo, descobriu que estava todo assinalado. Talvez a letra firme, grande e forte indicasse ser do tio. Percorreu o capítulo V. Lá estava a Rainha Branca.

“- É o resultado de se viver pra trás - disse a Rainha com benevolência. Sempre confunde um pouco a princípio.

“- Viver pra trás! – repetiu Alice com assombro. Nunca ouvi falar disso antes!” – Tide fechou o livro: Viver pra trás, falou baixinho e olhou o criado..¹⁶⁵

Tide perguntou ao criado se Alice conversava com ele. Alexandre contou que a menina passava a semana no Colégio em Teresópolis e que só voltava para casa no final de semana, quando ela estava cheia, devido às festas que o pai dela fazia.

Alexandre disse que Alice ficava mais com o tio e às vezes com Estela, a governanta. Porém, ela não trabalhava mais na casa. A polícia lembrou à Tide que tinha seu endereço e desconfiava que ela tivesse algo a ver com o seqüestro da menina.

Tide pediu mais um favor a Alexandre. Gostaria de ver o quarto de Samuel. O quarto ficava no porão da casa e Claudinei chamava-o de fossa maldita. Ao descerem as escadas, Tide percebeu Alexandre quieto. Evitava falar mais do que devia. Tide insistia para que ele contasse como era o tio de Alice.

¹⁶⁵ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 41

No quarto de Claudinei, em cima da mesa, Tide encontrou um papel em branco. Mexeu nas folhas. Um rabisco numa das folhas, bem no fim do monte, chamou sua atenção. A mesma letra que anotara no livro de Carroll, tinha escrito na folha: *“Fossa Maldita. Logo abaixo, A –240”*.¹⁶⁶ Sorrateiramente, Tide guardou o papel na bolsa.

Antes de irem embora, Alexandre perguntou a Tide se ela era da polícia. Ao ouvir a resposta, que não era da polícia, olhou para ela sem entender e esboçou um sorriso:

Não gostava de velhas, jamais tinha gostado. Ainda mais aquela, muito à vontade, segura do próprio nariz – olhou pra ela enviesado. (...) Não se sentia bem com ela. Apertou o passo. Ainda subiam as escadas, quando Tide viu, pelo espelho de uma das paredes, o pai de Alice na sala de mármore. Tinha uma carta na mão.

(...) – Chegou agora! – estendeu a carta pra Judith. Estava datilografada.

A menina está bem.

Seiscentos milhões na Terça-feira.

*Aguarde contato.*¹⁶⁷

Tide achava importante chamar o inspetor, a fim de que ele visse a carta que o pai de Alice havia recebido. Examinou bem o bilhete, teceu considerações e deixou o bilhete em cima da mesa do hall e foi embora.

Alexandre não gostava de velhas, jamais tinha gostado, ainda mais de velhas seguras demais. A imagem de Tide ou a possibilidade de perceber-se ser que envelhece, não é projeto de Alexandre. As transformações do corpo envelhecido, as

¹⁶⁶ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 43

¹⁶⁷ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 43

rugos que marcam o tempo da velhice revelam em Alexandre a incapacidade de lidar com sua finitude, pois como todo ser humano, Alexandre quer-se eterno. No texto *envelhecimento e subjetividade*, Lygia Py, em certo momento, disserta sobre a dificuldade de o sujeito desta época conceber a velhice, envelhecer, porque acredita que envelhecer é basicamente perder. E perder está ligado na velhice, à incapacidade, à morte, sentimentos que levam os sujeitos a não quererem envelhecer:

Assim pode acontecer a revelação da velhice. Para o sujeito desta época, envelhecer, é, basicamente, perder. É algo estranho ao sujeito que deseja a eternidade, perpetuando-se em vigor e beleza, poderosos atributos glorificados pelo social. O sujeito, então, funda o seu desejo em viver muito e prazerosamente, porquanto abomina a incapacidade e a morte, o que o leva a “recusar-se” a envelhecer.¹⁶⁸

No entanto, se observa em Tide seu projeto de vida, projeto permanente. Recusa-se a aceitar que, sendo velha, já não tem mais condições de ser. E, na medida em que assume a condição de velha com suas dores, com suas fragilidades, próprias da idade, Tide vai nos revelando que envelhecer não é apenas perder, mas também ganhar. Mostra-nos isso quando conquista seu espaço ao ajudar a polícia a desvendar tão importante caso.

Tide preparava-se para as festas de fim de ano. Era véspera de Natal, receberia os netos, a nora e o filho, e ainda não tinha preparado nada. A agitação dos últimos dias tinha-a deixado cansada. Sabia ser preciso retirar dinheiro da poupança para fazer as compras de Natal.

¹⁶⁸ Py, Ligia [et al]. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004, p. 126

Enquanto pensava em tudo, recebeu a visita do inspetor. A polícia precisava dela para entregar o dinheiro para os seqüestradores. Judith disse ao inspetor que o filho dela ficaria furioso se ela se envolvesse no seqüestro. Porém, o inspetor insistiu que ela já estava envolvida e que muita gente desconfiava dela.

O inspetor ainda não sabia o local para a entrega do dinheiro. Achava que diriam na terça-feira, dia da entrega. Teriam até aquele dia para descobrirem os raptos. Tide perguntou ao inspetor se ele havia lido o livro *Alice* e se ele sabia quem era a Rainha Branca. Ele disse ter lido um pedaço, mas tinha achado o livro muito maluco e não sabia quem era a Rainha Branca. Agora só esperava a leitura do testamento do Tio na segunda feira. Samuel, contou-lhe o inspetor, havia deixado um seguro de vida. Tide queria informações do inspetor sobre o testamento:

- É, não sei. Só sei que o tal Samuel fez um seguro de vida pouco antes de morrer.

- Duzentos e quarenta milhões, inspetor?

- Por que, dona Judith?

Um palpite.

- Prá governanta, a senhora acha? Parece que ele tinha um caso com ela.

- Não, inspetor, pra Alice!¹⁶⁹

O inspetor desconfiava de Tide. Não sabia como ela havia chegado no valor de duzentos e quarenta milhões. No fundo achava que ela era a Rainha Branca. Perguntava-se o motivo de o pai de Alice confiar tanto numa velha que acabara de conhecer. Desconfiava que eram cúmplices.

Tide foi ao súper fazer as compras do Natal. Levou com ela a bolsa que fizera. Na frente, um fecho-ecler onde guardava o dinheiro. Dobrava em quatro, e depois enrolava. Nos vãos, ela enfiava o que podia, o que não fazia volume, a fim de não chamar a atenção de nenhum fiscal do supermercado. Sempre tentava fazer a compra para o mês todo, mas o dinheiro era sempre insuficiente.

Agora, o dinheiro minguado, mal dava pro arroz, pro feijão, pro sabonete, pasta de dente, pro papel higiênico. Afinal, era gente, e gente caga, toma banho, areia os dentes. Não podia ficar sem o essencial. Fruta quase não comia, só banana e laranja. Uva, às vezes, quando ia no supermercado. Aí roubava um cachinho e mordida lentamente as rechonchudinhas, a boca aguando de vontade.¹⁷⁰

A forma que Tide encontrava para ter todas as coisas que desejava, era enfiar, sem ser vista pelos fiscais, dentro da bolsa, aquilo que não podia comprar. Quem desconfiaria de uma senhora tão séria, pensava Tide. Cada vez que precisava roubar, lembrava com raiva do governo, do salário injusto que recebia na aposentadoria, insuficiente para garantir-lhe o sustento. Pensando assim, talvez a culpa pelo ato ilícito diminuiria.

A velhice tem suas vantagens, pensou rindo quando passou pelo caixa. Ainda teve que tirar um pacote de fubá e meio quilo de café das compras, que o dinheiro não dava. Não faz mal – falou alto, e arrematou no pensamento: depois eu volto com meu sapo.

¹⁶⁹ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 48

¹⁷⁰ *Ibid.* p. 50-51

*(...) E como sempre aquela raiva fininha apareceu. Raiva do governo, dos impostos, das prestações, mas principalmente dos donos de supermercado, com casa na Gávea, Teresópolis, com motorista, mordomo, com muita mordomia, enquanto o povo morria de fome. Bem que merece essa situação, o salafrário, melhor distribuição de renda que essa não tem. Pena que só tem uma filha, senão a outra eu seqüestrava.*¹⁷¹

Tide, a partir da sua fala, nos remete a pensar na fragilidade do ser que envelhece. O velho não oferece nenhum perigo, portanto não é preciso preocupar-se com ele. E estar velha, na fala de Tide, neste momento, só tem valor porque pode, no súper, levar, mesmo que escondido, aquilo que não consegue comprar. Ao dizer que a velhice tem suas vantagens, nos faz pensar que, por ser velha, não será descoberta pelos seus furtos. E é somente desta maneira que ela consegue preparar a ceia de Natal, que tanto deseja para sua família. Embora sinta os anos a lhe pesar e dificuldade de sobreviver com a mísera aposentadoria, é realidade que não pode modificar. Sobre as diversas formas de viver, de sentir e de encarar a velhice, no texto *Idoso, vida cotidiana e participação social*, Marisa Silvana Zazzeta de Mediondo e Leonia Capaverde Bulla¹⁷² comentam:

Constata-se que existem diversas formas de viver, de sentir e de encarar a velhice, o que também leva a repensar a concepção de que “todo velho é igual”, um preconceito bastante difundido na cultura. Existem idosos que, através de sua prática de participação social, conseguem reforçar a autonomia e a independência na condução de seu cotidiano. Tal forma de viver a velhice, sem dúvida, influencia as gerações futuras em relação às possibilidades dessa etapa de vida. Produz-se no cotidiano desses idosos um jogo entre o tradicional e o novo.

¹⁷¹ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 52

Tide chegou em casa, feliz com as compras do súper. Enquanto se preparava para a ceia de Natal, examinava com cuidado as pistas que tinha reunido e aproveitava para reler o capítulo V de *Alice*. Lá, achava ela, estava a resposta para todas as suas perguntas. Depois de muito analisar a leitura do capítulo V, fechou o livro, pensando em como estava velha, pois não lembrava as regras de xadrez. Foi quando, de súbito, descobriu que a resposta poderia estar no jogo de xadrez, porque a Rainha Branca vivia para trás. Pensava Tide, então, que tudo era xadrez. Lembrou de convidar o ex-marido, para jogar uma partida, pois sabia que ele não perdia um desafio.

A única coisa chata seria agüentar a família, torcendo para que eles reatassem. Judith foi até a casa de Estela, ex governanta de Alice. Queria conversar sobre o rapto da menina. Insistiu para entrar, pois observou que Estela não queria recebê-la.

Diante da dúvida de Tide sobre o motivo de a governanta ter saído da casa, justamente na semana do rapto, Estela lhe respondeu que, se soubesse de antemão que a menina seria seqüestrada, não se teria desligado do emprego. Tide não acreditou na possibilidade aventada pela polícia de que Claudinei era o responsável pelo rapto da menina. Seria tão óbvio quanto a saída de Estela da casa. Além do mais, se ele sabia do seguro do irmão, por que o mataria? Estela achava que Claudinei não sabia que o irmão ia morrer. Por isso, dizia Tide, a polícia suspeitava dele. O seguro só valeria se a menina estivesse aí para recebê-lo.

¹⁷² MENDIONDO, Marisa S. Z. de.; BULLA, Leonia C. Idoso, vida cotidiana e participação. In: TERRA, N. L.; DORNELLES, B. (org) *Envelhecimento bem-sucedido*. Programa Geron, PUC-RS. – 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 278-279

A habilidade de Tide para fazer as descobertas para desvendar o mistério do crime, vai descortinando, vai-nos revelando que Tide não desistiu de buscar seu espaço na sociedade. Sua atitude determinada diante da vida mostra que é possível, pelo seu exemplo, aprender com o ser que envelhece.

Judith jogava xadrez na mesa da saleta enquanto Bruno e Pedrinho, seus netos, divertiam-se com as lâmpadas da árvore de Natal. Rogério brigava com os filhos entre uma castanha e outra e a esposa, Kátia, observava o tempo em volta.

O jogo continuava, e Tide começava a relembrar as regras. Nelson nunca tinha entendido Tide de fato. Ele, ali na noite de Natal, jogando xadrez. A princípio achou o convite estranho, pensou até que era pretexto para uma possível reaproximação, mas não era. Enquanto Nelson fumava, a ex-mulher movia as peças de xadrez melhor do que ele. Jogando, Tide destecia os fios que envolviam a trama do seqüestro.

Interromperam o jogo, pois era quase meia-noite. Nenhum deles gostava de Natal, com exceção de Bruno e Pedrinho, que esperavam a hora de abrir os presentes debaixo da árvore. Depois dos discursos, da entrega dos presentes, Nelson sugeriu a Tide que continuassem o jogo. No entanto, Tide pediu que retomassem a partida no Ano-Novo, pois estava cansada e precisava dormir.

Todos os anos, Tide encontrava uma velha amiga, Odete, e almoçavam juntas no dia de Natal. A amiga tinha novidades. Estava de namorado novo, mais novo que ela e iria casar. Odete perguntou à amiga o que ela estava esperando. Tide dizia ter medo.

Achava que a vida já tinha completado um ciclo e, nessa etapa da vida, recomeçar era uma temeridade. Odete aconselhava a amiga:

- *Depressa, mulher! Recomeça depressa, senão só na outra encarnação – as duas riram.*

- *Tem dinheiro?*

- *O suficiente pra ele. Eu tenho o meu. Dá, pra mim dá. Ele é divertido. Gosta de mim. Me abraça. Me acha bonita, veja só!*

- *Mas você é bonita.*

- *E quem disse que ruga enfeia, só muda a fachada. É bom porque aí não cansa. A gente tem várias caras durante a vida, já percebeu? Primeiro criança, depois mocinha, depois mulher verde, depois madura..¹⁷³*

Odete revela ser uma velha-mulher consciente de que o tempo operou mudanças em sua imagem, em sua vida. Porém, está madura para perceber que envelhecer faz parte da vida, é parte do processo. Essa vontade própria de viver a vida, de retomar afetos, de ressignificar esse período de existência, motiva Odete a buscar o que ainda deseja. As rugas para ela são marcas de uma existência, de um tempo vivido e portanto, não podem desacreditá-la. No artigo *Gostando de si mesma: a auto-Estima*, Regina M.P. Leite Erbolatto¹⁷⁴ tece comentários sobre a importância de o idoso gostar de si mesmo para o equilíbrio psicológico na velhice:

Talvez o mais importante, para os que estão envelhecendo, seja compreender que essas modificações fazem parte do processo. Assim como vamos nos modificando psicologicamente ao longo da vida, e procuramos nos adaptar, assim ocorre com o corpo.

¹⁷³ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 66

¹⁷⁴ ERBOLATO, Regina M.P. Leite. *Gostando de si mesma: a auto-estima*. In: NERI, Anita. L. e FREIRE, Sueli Aparecida: *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papyrus 2000. p. 51-52

Se por um lado, a aparência física é bastante valorizada pelos meios de comunicação, por outro, algumas pesquisas mostram que, quando se busca um relacionamento significativo, ela não é fator importante: o que cada pessoa pode trazer para o relacionamento, suas qualidades, seus valores, sua capacidade de ouvir e de compreender o outro são fatores muito mais atraentes do que a “perfeição” de seu invólucro”.

Tanto Odete como Tide vão-nos ensinando a revisitar nossa visão a respeito da velhice. E vamos percebendo através de seus diálogos que, embora falem dos medos, das perdas, das dores e da dificuldade de realizar atividades, que antes eram mais simples, vale a pena descobrir novos horizontes, experimentar sensações novas, viver novos amores.

Resolveram comemorar o casamento. A princípio, pensaram em brindar com champanhe francês, mas depois perceberam que estavam sem dinheiro. Serviria cachaça mesmo, porém Odete pede steinhäger. Diante da surpresa da amiga diz: *“Pra tomar com cerveja sua boba! Não há melhor comemoração.”*¹⁷⁵

Odete disse à amiga que havia comprado cigarrilhas para elas. Achava que Tide gostaria de comemorar. Não iria se sentir bem ali, diante dos outros, fumando. Mas mesmo assim, Tide acendeu a cigarrilha. Depois de tragar e tossir, chegou à conclusão, como dizia o seu neto, de que valeu!

As duas se apoiavam quando saíram de lá. Odete, mais embriagada, ria escancarada. Parecia uma adolescente passada no vestibular. Feliz por ter passado em todas as provas da vida, achando, afinal, que ainda valia a pena viver aquele restinho de sol, tanta água rolada, tanta chuva passada, tanto

¹⁷⁵ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 67

*medo escondido e disfarçado. Tide compreendia, apesar das pernas finas que se enroscavam.*¹⁷⁶

Tide sabia o que a amiga sentia. Passava a acreditar, também, que valia a pena como dizia a amiga, viver aquele restinho de sol. Tinha vivido momentos bons, momentos difíceis, e de todos eles, achava, tinha se saído muito bem. Embora o peso da idade, às vezes, a encurralar suas vontades, mantinha-se firme nos seus ideais, nos seus objetivos. Isso a mantinha viva. Tinha decidido que precisava ajudar Alice. Para isso não media esforços.

O plano das amigas era irem para a casa da Tide, para tomarem um chá de carqueja e assim desfazer o mal-estar do almoço. Enquanto a água esquentava, Tide dava uma busca na casa, como quem verifica se a casa era dela mesma. Ao voltar para a sala, a fim de juntar-se à amiga, notou um papel enfiado embaixo do tapete da sala. Leu devagar, letra por letra:

*A menina está bem.
A troca será feita com a senhora
Mantenha a polícia fora.
Aguarde contato.*¹⁷⁷

O inspetor tinha sido chamado para fazer café para as amigas e para ler o bilhete que Tide tinha recebido. Tide desconfiava de que algo estivesse errado com seu

¹⁷⁶ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 67

¹⁷⁷ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998 p. 68

telefone. O inspetor disse-lhe que o telefone fora grampeado, pois achavam que o próximo contato dos seqüestradores seria por telefone.

Judith disse ao inspetor que o homem do bilhete havia passado pelos homens dele. O inspetor lembrou a Judith que era Natal e que o número de visitas ao prédio tinha aumentado. Tide declarou, provocando o inspetor, que, com aquele seguidor, era possível ter idéia de todo o resto. Aborrecido o inspetor dirigiu-se a Tide:

- Não se preocupe com a polícia, dona Judith. Continue fazendo seus biscoitinhos de nata, e deixa o resto com a gente. Cada um no seu departamento!

- Judith teve vontade de dizer, eu achava melhor a gente trocar um pouquinho, mas não disse nada, não queria brigar com o inspetor, gostava dele.¹⁷⁸

Ao levantar, Judith lembrou-se de que tinha sonhado. Estava casando. O noivo, às vezes, era o inspetor, às vezes o pai de Alice, e às vezes o seguidor. Tide sabia que não podia viver sem uma paixão. Embora se sentisse velha e cansada, sabia que podia suportar aquele corpo velho que pedia mais.

Pensou em Alice. Invejava-a, pois a menina, plena na sua idade, ainda tinha a vida toda pela frente. O tempo para Tide, embora executasse sorrateiro e mudo a dança das horas a marcar a vida que passava, não era para Tide impedimento para a execução das tarefas que se tinha proposto realizar. Entretanto, às vezes, sentia-se

¹⁷⁸ Ibid. p. 70

triste, desiludida com a percepção de que o tempo roubava-lhe a vida. Tide filosofa a respeito do tempo:

O que era um rapto, afinal, comparado com o roubo que o tempo executava ávido, transparente, sorrateiro, mudo.

Ela vivia a morte intensamente, enquanto a amiga ainda podia tirar da vida o seu último trocado. Estava desiludida. Invejava o mundo naquele momento. Tentou reagir. Sentou em frente à tela começada no outro dia. Ainda lia ali Montanhas de Palavras. Pincelou tinta branca em cima de tudo aquilo ali. Lentamente cobria o passado de branco apagava os garranchos. Pegou outra tela, por cima dela executava outro esboço. A mão corria livre, desenhava um homem. Qual deles, ainda não sabia..¹⁷⁹

Tide, ao desenhar, queria resgatar na memória a imagem daquele homem que poderia ser o raptor de Alice. Ao acabar a imagem, ficou surpresa. Parecia alguém que ela conhecia. Tinha construído a imagem do raptor com o pai de Alice, porém achava que aquilo poderia não dizer nada. O que interessava para Tide, naquele momento, era a beleza do quadro. Tinha tempo para terminá-lo. Aos poucos, foi desatando os nós e descobrindo toda a verdade. Encontrou entre as coisas de Samuel um conto dedicado a ele mesmo, e, ao observar o verso do papel, descobriu uma carta.

A carta era de Ramon, companheiro de Samuel, no movimento antinuclear, pacifista. Queria colocar o amigo a par dos últimos acontecimentos. Era uma descoberta nova, cujo significado Judith ainda não sabia.

¹⁷⁹ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 71-72

A leitura do testamento havia acabado, e Tide precisava se reunir com o pai de Alice e a polícia, para acertarem os detalhes da troca de dinheiro. Quando aguardava, no jardim da casa, ser chamada, viu um vulto na janela. Era o vulto de uma mulher, parecia que era loira. Ficou surpresa com o que enxergou.

O pai de Alice e o inspetor ficaram perplexos ao saberem que Tide conhecia a existência de uma mulher na casa. Tide recebeu a confirmação de que a mulher era a mãe de Alice, mas que não poderia dizer a ninguém, pois a menina não sabia que a mãe estava viva. O pai de Alice contou a Tide a história da mãe de Alice.

Claudinei havia chamado Luzia, a mãe de Alice, para que ela participasse da abertura do testamento. Ficaria somente aquele dia e depois iria embora. Estava hospedada num hotel perto da casa. Tide desejava marcar um encontro com a mãe da menina. Queria conversar com ela sobre Alice.

Luzia perguntou a Judith o que ela queria dela, se ela era da polícia. Tide disse a Luzia que não era da polícia e que apenas tinha gostado de Alice e queria ajudá-la. Luzia falou a Tide que estava morando no Paraná, levando a vida e não mais lembrava da filha. Não sentia necessidade de Alice, porque tinha preenchido sua vida com outras coisas. Queria ir embora logo, no entanto, a polícia, por estar desconfiando dela, não queria liberá-la. Estava constituindo advogado. Não agüentava aquela espera. Não queria encontrar Alice. Não entendia o porquê do inspetor querer obrigá-la a encontrar Alice. Apontou para Tide todas as razões por que não queria ver Alice. Achava que a

menina iria sofrer, odiar o pai, por ter mentido sobre a morte dela. Não via necessidade de uma aproximação.

Enquanto olhava os fogões, todos velhos e enferrujados, decidiu comprar o fogão que havia visto na propaganda da televisão. Não gostava de prestação, mas achou que valia a pena o sacrifício do ano inteiro. Quando voltava feliz da vida com a compra, já na rua, levou um encontrão de um menino. Ao tentar chamá-lo, falar alguma coisa, percebeu que o menino havia sumido. Ao inspecionar a bolsa para saber se não havia sido assaltada, reparou num papel por dentro da sombrinha. Já sabia, pelo tipo da letra de quem era:

Troca de Alice – Sábado – dia 31.

Avise o pai – o dinheiro ou a menina morre.

Aguarde contato.¹⁸⁰

Tide precisava correr para casa, a fim de avisar o inspetor o mais depressa possível sobre o bilhete. Embora se esforçasse, não conseguia juntar os pedaços. Todos pareciam envolvidos no crime. Entretanto, desconfiava de que o rapto era coisa daquela casa da Gávea.

Voltou a pintar, continuar o quadro que fora abandonado, talvez pudesse levá-la a alguma descoberta, porém não conseguia retomá-lo. Não sabia o que faltava, não era bem aquele rosto que queria.

Pouco tempo depois, Tide recebeu a visita do filho e do neto. Lia novamente o capítulo V da Alice, somente a parte da Rainha mãe, porque queria ouvir a opinião do menino. Quando perguntou ao Bruno se ele tinha entendido o capítulo, este disse que era só ver o tempo ao contrário. Se podia ser pra frente, podia ser pra trás. Bruno disse à avó que parecia que o livro tinha sido escrito ao contrário, com o tempo pra trás. Tide ficou surpresa com a interpretação do neto.

Para Tide o tempo da velhice não é um tempo sem glórias, sem alegrias. Tide representa a imagem da velha saudável, em construção. Continua realizando coisas notáveis para sua idade, conseqüentemente agarra-se à vida. Para ela, definitivamente, o que caracteriza a velhice, não é a quantidade dos anos. A velha Tide recusa-se a descer do palco. Esta maneira de pensar conduz-nos a refletir na velhice como uma etapa de vida que ainda pode ser desvendada, valorizada e redescoberta. Na obra *Educação Gerontológica: Posições e Proposições*, Both, em certo momento do texto, fala-nos da importância de entendermos que o ser humano não está aí pronto e tampouco a velhice:

A velhice, portanto, é um fenômeno a ser constituído e a ampliação dos entendimentos e da renovação dos costumes permite conciliar as esperanças com as verdades que se tornam flexíveis no pensar e nas mãos de quem pesquisa e de quem renova posições e papéis. Educar-se e educar na velhice significa uma promessa enquanto percorre comunicativamente caminhos desconhecidos, denunciando as limitações da liberdade e promovendo entendimentos e perspectivas existenciais.¹⁸¹

¹⁸⁰ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 91

¹⁸¹ BOTH, Agostinho. *Educação Gerontológica: posições e proposições*. Erechim: São Cristóvão, 2001. p. 16

Este desejo de continuar existindo toma conta da vida de Tide. A convivência com o neto e as descobertas que ele faz motivam a velha Tide para continuar no jogo. Enquanto tiver a força para isso, permanecerá viva. Quando não mais puder jogar, então seus sonhos já não poderão mais ser realizados.

A conversa com Bruno tinha sido proveitosa. Tide chegou à conclusão, após as descobertas do neto, de que deveria convidar Nelson a jogarem outra partida de xadrez, agora ao contrário.

Pela leitura do testamento, Tide ficou sabendo que o palpite dela estava correto. Samuel havia deixado duzentos e quarenta milhões para Alice, e os trocados que ele recebia dos direitos autorais, para o irmão.

O inspetor indagou a Tide se ela havia terminado de pintar a tela. O retrato, conforme o inspetor, revelava quase o rosto do tio de Alice. Mais um pouco, mais algum retoque e o rosto estaria perfeito. Judith dizia que o rosto parecia com o do pai de Alice. Não mais lembrava do rosto do morto e não gostava de recordar. Disse ao inspetor que ela gostaria de pintar o raptor. Então, com a ajuda do inspetor, ela retocou o rosto, porém, quando ele ficou pronto, não encontrou semelhança com o morto que tinha visto no metrô.

Já conseguia manipular melhor as peças do jogo. Lembrava da dedicatória no conto de Samuel para a Rainha Branca e imaginava quem era, porém precisava

descobrir. Já movia as peças do jogo com certa precisão, mas cada dia, mais peças novas despontavam no tabuleiro. Faltava pouco, pensava Judith.

Tide voltou ao tabuleiro, a fim de mover as peças em todas as direções. Pensando em todas as possibilidades, poderia chegar ao culpado e decifrar o mistério.

Para completar o movimento das peças, Tide necessitava de outra informação. Foi até o Instituto Médico-Legal para saber mais sobre o defunto. O corpo já fora removido e o reconhecimento tinha sido feito por um antigo funcionário, que, ao olhar para o morto, desmaiara. Tide recebeu informações do médico. Tinham feito um estudo minucioso do cadáver: exame da arcada dentária, exame datiloscópico. Tide então pediu uma foto. Apenas uma em close mostrava bem o rosto. Tide guardou a foto no bolso e saiu às pressas.

Foi direto para a casa do pai de Alice. Lá, foi recebida por Alexandre, que lhe pediu que aguardasse no jardim, pois o patrão estava numa reunião importante e tão logo terminasse, ia recebê-la.

Tide lembrou que estavam reunidos para combinarem como seria o resgate de Alice. O inspetor apresentou-lhe os cinco homens que estariam fazendo a segurança de Alice e Tide e explicou que o dinheiro estava guardado numa maleta e que os homens a escoltariam com a maleta até o local. Lá ela ficaria só, aparentemente, e a troca seria feita.

Embora temerosa, Judith aceitou o plano. A única coisa que achava estranha era carregar uma mala como se fosse o 007. Achava melhor levar o dinheiro na bolsa dela. Como não sabiam sobre o esconderijo dentro da bolsa, resolveu deixar pra lá.

Tide saiu da Gávea com uma sensação ruim. Estava sendo usada pelo pai de Alice, pela polícia e pelo raptor. Achava-se uma velha coitada. No entanto, essa fala não revela a personagem Tide durante a narrativa. Tide não aceita incorporar preconceitos e estereótipos relativos à velhice e assim corresponder ao modelo socialmente imposto. Não aceita o papel de velha dependente. Sabe que é possível levar a embarcação em direção ao mar e conduzi-la com a força de quem conhece que a soma dos anos são limitação, mas também possibilidade. Em seu famoso tratado sobre a velhice, Cícero apresenta argumentos desfavoráveis à velhice e depois os rebate, concluindo que a arte de envelhecer é descobrir o prazer que todas as idades proporcionam e para isso é preciso ser sábio – e a sabedoria é coisa natural da velhice. Sobre essa sabedoria, fala-nos Cícero:¹⁸²

Os que negam à velhice a capacidade de tomar parte dos assuntos públicos não provam nada, portanto. É como se dissessem que, num barco, o piloto repousa, tranqüilamente sentado na popa, apoiado ao timão, enquanto os outros escalam os mastros, se ocupam sobre o convés ou esvaziam a latrina. Em verdade, se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidade das quais a velhice não só não está privada, mas, ao contrário, pode muito especialmente se valer.

¹⁸² CÍCERO. Marco T. *Saber envelhecer e a Amizade*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre. L&PM, 2002 p. 18-19

Essa sabedoria de Tide acompanhamos em toda a narrativa. Embora, em alguns momentos, reconheçamos a força, a agilidade de Tide durante a leitura, o que mais se destaca é a sua sabedoria, seu discernimento, qualidades de que a velhice não está privada, conforme nos ensina Cícero.

Estava claro para Tide que os homens que o pai da Alice tinha contratado tirariam o dinheiro dela e tomariam Alice de supetão. Tinha medo de morrer, porque ficaria exposta sem nada para trocar com o seqüestrador. Era a mais fraca na história, na verdade era um mísero peão. Tide sabia que uma peça se interpunha na jogada impedindo o final da partida, o xeque-mate. Precisava ser esperta para resgatar Alice e se livrar de um exército de homens.

Judith acordou assustada, pois era o dia da grande troca. Era o último dia do ano e precisava ler o horóscopo para saber o que aconteceria. Ao abrir a porta, pronta para pegar o jornal do vizinho, dá de cara com um par de botas. Parecia o raptor, mas era Bené, da Polícia Especial. Tide disse a ele, após o susto, que só queria ler o horóscopo no jornal do vizinho. Então o policial se ofereceu para comprar o jornal, pois afinal, ela, agora, trabalhava para a polícia.

Lia o jornal enquanto tomava o café. O horóscopo previa que era o dia de resolver problemas pendentes. Folheou os classificados e encontrou bem destacado:

*Querida Judith. Alice hoje vira
Cinderela ou Bela adormecida.*

Meia-noite. Praia Copacabana.

*Posto cinco. Leve dinheiro.*¹⁸³

O inspetor conta a Tide que havia sido a própria Alice que tinha posto o anúncio. Chegavam à conclusão de que, certamente, a menina tinha sido forçada pelo seqüestrador. O jeito seria esperar, dizia Judith ao inspetor.

Ao chegar na esquina da praia, milhares de pessoas já circulavam, aguardando a meia-noite. O relógio marcava onze e vinte. Judith já via os dois homens que o pai de Alice havia contratado. Atravessou a segunda pista, tirou o sapato e pulou na areia. A praia estava tomada de flores, despachos para lemanjá. Vó Joana, uma mãe de santo, a esperava para uma consulta.

Os amigos do pai de Alice não contavam com uma velha metida em macumba. Ao se aproximarem lentamente de Tide, ela avançou para Vó Joana e caiu.

Uma roda de capoeira acabou salvando Judith dos homens do pai de Alice. Os cinco policiais a cercavam, queria livrar-se deles também, pois não confiava mais em ninguém. Dirigia-se para o posto seis, enquanto os outros dois capangas do pai de Alice desvencilhavam-se da capoeira e a cercavam pela parte mais elevada do calçadão. De repente uma roda de mulheres cercava Judith. Pareciam adivinhar o desespero dela. O relógio marcava onze e quarenta e cinco. Faltava pouco para encontrar a menina.

¹⁸³ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 116

Os dois homens, capangas do pai de Alice, conseguiram furar a roda. Um deles arrancou a bolsa de seu ombro. Tide gritou. Os policiais tentavam impedir e muitas mãos a agarravam. A maleta caiu de sua mão e os dois homens pularam em cima. Quando viu, Tide estava sendo carregada pelas filhas de santo para um barco de lemanjá.

Judith sentia que a praia estava longe, pois via dali o Clube Marimbá. Ao olhar para trás, viu um barco se aproximando. Ao observar o barco, descobriu que nele estavam Samuel e Alice.

Samuel perguntou a Judith como ela descobrira tudo. Jogando xadrez ao contrário, diz Tide. Sabia que ele não tinha morrido no metrô. Quem tinha morrido era outro homem muito parecido com ele.

Samuel preocupava-se com o fato de alguém mais saber das descobertas de Tide, mas ela não revelava nada, pois era a única maneira que tinha de sair viva dali. Samuel queria saber do dinheiro, porém Tide disse que tinham tirado dela antes de ir para o barco. O tio de Alice não acreditou nela e pediu que tirasse a roupa. Enquanto tirava a roupa, foi depositando o dinheiro numa imensa sacola de plástico que Samuel tinha levado. Judith então perguntou o que ele faria com seiscentos milhões:

Primeiro vou conhecer um pouco desse mundo doido. Depois pretendo morar na suíça (...) – e olhou pra Alice, abraçou a pequena. Alice vai mais tarde. O

pai dela pretende mandá-la pra lá ... completar os estudos. Todos acham que morri e quero que continue assim.

(...) Vou finalmente fazer o que sempre sonhei. Financiar uma parte do movimento pela Paz Mundial. Não quero uma vida de ameaças pra mim e pra Alice. Quero que ela cresça livre e sadia.¹⁸⁴

Judith, depois de ouvir as razões de Samuel, percebeu que ele não era um bandido. Via o afeto de Alice para com o tio. E descobriu que Samuel não havia matado o homem do metrô. Samuel contou que o homem fazia parte do plano. Ele iria disfarçado de tio de Alice para pegá-la na escola, enquanto ele ficava em casa na Gávea. Assim ninguém desconfiaria. Ele roubaria Alice, exigiria o resgate e tudo mais. No entanto, tinha ficado com medo, e naquele dia seguia os dois para ver se tudo dava certo quando ele morreu.

Tide confirmou com Samuel que o raptor era ele mesmo fantasiado. E que a própria Alice tinha fugido da casa dela para encontrá-lo. Nesse momento, Tide fechou o ciclo e entendeu tudo: Alice era a Rainha Branca. Não poderia voltar de mãos abanando. Disse a Samuel, então, que ele iria com ela. Samuel tentou convencê-la do contrário:

- Ainda não houve xeque-mate nessa partida. Só empate, querida. Estou em suas mãos.

- Mas por outro lado, desde que eu era pequena, é chato confessar isso – Judith olhava para o chão do barco – eu sempre, no fundo, no fundo mesmo, sempre ... torci pelo bandido. Achava chato aquele mocinho todo engomado cantando de galo. De mais a mais, quer saber de uma coisa, Samuel, odeio donos de

*supermercado. Vai, vai embora, sai da minha frente. Afinal, que merda de bandido é você.*¹⁸⁵

Alice abraçou o tio. De repente, lá longe se avistou um barco veloz: era a guarda costeira que se aproximava. Restava a Judith convencer o inspetor junto de Alice, como os fatos tinham acontecido. Então acordou do torpor, pegou o revólver e atirou para cima, fazendo um enorme estardalhaço. Tide fazendo cena, consolava Alice, tranqüilizando-a de que os homens já tinham ido embora e que não fariam mal a ela. Foi então que Ernesto apareceu, querendo saber como tudo tinha acontecido, como eram eles:

- Eram cinco, inspetor, com metralhadoras, todos desdentados. Maltrataram até a menina – e deu um beliscão em Alice. No que Alice berrou, Tide emendou: Viu, nem se pode encostar.

- E a senhora?

*- Eu estou bem! Só a cara deles é que não deu pra ver direito, escuro, inspetor, sabe ... não vai dar pra reconhecer jamais...*¹⁸⁶

O valor atribuído aos seres que envelhecem é nítido no texto de Eliane Ganem. Através da personagem Tide, temos a possibilidade de nos encontrarmos com uma velha que nos ensina que a velhice pode ser vivenciada de maneira diferente por cada indivíduo. Mostra-nos, que, mesmo velhos, podemos resgatar o tempo de viver. Que novos afetos, possibilidades podem ser descobertas nesse período. Tide nos revela

¹⁸⁴ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 123

¹⁸⁵ GANEM, Eliane. *O outro lado do tabuleiro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 126

¹⁸⁶ *Ibid.* p. 127

uma imagem mais bonita do que seja o envelhecer. Imagem que pode ser esculpida na medida em que entendermos que a velhice não é apenas tempo de perder, mas que efetivamente é tempo também de ganhar. É Tide, uma velha de 72 anos, quem conduz até o fim o barco de uma história na qual ela é protagonista.

Considerações finais

Desejo que você, sendo jovem,
não amadureça depressa demais
e, sendo maduro, não insista em rejuvenescer,
e que sendo velho, não se dedique ao desespero.
Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor.
E é preciso que eles escorram entre nós.

Victor Hugo

Comecei o trabalho falando dos meus sentimentos, das minhas percepções e das minhas descobertas ao enveredar por tema tão temido, porque associado ao medo que temos de envelhecer. Da intranquilidade que senti tão logo percebia a velhice se acomodando dentro de mim e, incomodada com o novo, às vezes não mais queria ser útero a gestá-la. No entanto, notava a gestação da velhice cumprindo seu ciclo, com as descobertas, com as incertezas, com as indefinições, com o medo do novo, mas essencialmente com a convicção de que, como processo, realizaria seu périplo no mar de meu ideário.

A dor do parto do nascimento da velhice revelou-se apenas o início de uma vida da qual começamos a cuidar, que começamos a conhecer, a revelar, na medida em que acreditamos na nossa responsabilidade como agentes de transformação. Nossas

reflexões não se pretendem finais, porque, cada volta ao trabalho gera desejo de um novo olhar, de um novo acrescentar, de refazer aquilo que já acreditávamos pronto. O abandono momentâneo se faz necessário para concluirmos uma parte daquilo a que nos propomos. Entretanto, ainda temos muito a descobrir, a aprender. O que vislumbramos a nossa frente é horizonte, estrada, caminho, possibilidades. Estamos cientes da nossa responsabilidade. Acreditamos que nosso trabalho descobre mais um trajeto. Mas aquilo que de fato desejamos tal qual a vida a pulsar, é ser caminho para encontrar outras ramificações, a fim de que, a partir dele, possam ser abertos outros trajetos nunca antes percorridos.

Os caminhos escolhidos e os procedimentos metodológicos ofereceram-se como lentes apropriadas para analisarmos quais imagens de velhice aparecem no corpus selecionado: *Receita para um Dragão*, de Simone Saueressig, *Vovô Fugiu de Casa*, de Sérgio Caparelli e *O outro Lado do Tabuleiro*, de Eliane Ganem.

Nossa entrada no mundo da ficção trará de volta Judith, Tide, senhora de 72 anos, com seu exemplo e com sua postura frente à vida, desconstruindo as verdades socialmente construídas e aceitas, vovô Beppe, aos seus oitenta anos, a nos levar a acreditar ser possível termos projetos, estarmos engajados em atividades que dêem sentido à vida e Joana, catadora de papéis, vista com desconfiança pelas crianças, ensinando a desconstruir a primeira impressão que temos sobre a velhice.

Nosso olhar atento ao que nos propomos a investigar não será fim, apenas começo de descobertas, tempo de possibilidades, de assumir responsabilidades, de

abrir fronteiras. Então, que comecemos a percorrer o caminho da nossa escolha, da nossa estrada.

A personagem Joana, da obra *Receita para um Dragão*, morava distante de todos numa casa no alto da colina, bem no fim de um longo e estreito caminho de terra e, embora suscitasse curiosidade, as pessoas não se importavam com ela. Era velha, não tinha mais a beleza da juventude a confirmar-lhe os adjetivos próprios da idade. O que se via nela era apenas aquilo que seu rosto, seu físico revelavam. Esse primeiro olhar de desencanto, de preconceito, mostrando as rugas, sinal negativo que confirmava um tempo de perdas, o tempo da morte, são as marcas daquilo que as pessoas tinham aprendido a conceber e acreditar como verdades.

No alto da colina, no fim de um longo e estreito caminho de terra, havia uma casa verde de aparência antiga, telhado pontudo e chaminé torta. Era a única sobre a campina, e nela vivia uma só pessoa. Chamava-se Joana.

Era uma velhota gordinha com chapéu velho, cheio de flores coloridas. Levava sempre uma sacola onde metia os papéis que encontrava pela rua, sobretudo os menores que as pessoas encontravam pela rua.

(...)Na cidade, todos conheciam Joana – sobretudo quem ia à praça nas manhãs de sábado para ouvir a banda municipal executar seu repertório -, mas poucas pessoas se interessavam por ela, e muito menos, se preocupavam com sua casa sobre a colina.¹⁸⁷

O olhar de Tina, de seus amigos, das pessoas da cidade não poderia ser diferente. Joana, acreditavam os meninos, era uma bruxa, talvez fosse louca ou

¹⁸⁷ SAUERESSIG, Simone. *Receita para um Dragão*. São Paulo: Scipione, 1999. p. 5-7

poderia ser uma falsificadora de dinheiro. A distância da casa isolando Joana, o ofício de catadora de papéis, o chapéu velho revelando sua condição, o seu corpo descuidado, fortalecem o primeiro olhar da meninada, do povo da cidade.

Essa primeira imagem negativa da velhice é motivo de afastamento. Ninguém quer ser velho, parecer velho. O velho é sempre o que está ao meu lado. A lente que descobre o olhar a respeito de mim mesma não consegue enxergar aquilo que de fato sou. São os olhos alheios que revelam nossas rugas e nos lembram nossa idade.

Todos da cidade conheciam Joana de vista, mas poucas pessoas se interessavam por ela e muito menos se preocupavam com ela. Porém, a figura de Joana, cercada de mistério, estimulava a imaginação das crianças. Foi tarefa da aula de botânica recolher algumas folhas, que impulsionou a gurizada até a casa. No entanto, o que Tina vê dentro da casa de Joana causa-lhe grande susto: duas pilhas de coroas de enterro meio ocultas nas sombras. Tudo leva a menina a fugir e a temer ainda mais a velha. Ao vê-la chegando na casa, sai correndo atrás dos amigos sem olhar para trás.

Para vovô Beppe, personagem da obra *Vovô Fugiu de Casa*, tudo já estava determinado, terminado. Apenas aguardavam o tempo em que se cumpriria a decisão: a família resolvera interná-lo num asilo, porque o velho estava esclerosado.

A idade avançada de Beppe para a família era tempo de *secura*, isolamento, confirmando a crença de ser a velhice um tempo de maldição, de dar crédito para as

verdades que apontam apenas a juventude como tempo de ser feliz. O olhar para o exterior, a pele enrugada, o corpo encolhido, os olhos menos brilhantes de Beppe são verdades para a família confirmar que não há mais tempo para viver, o relógio biológico está marcando o que os ponteiros sinalizam: envelhecer não é caminhar, ir a frente, mas sim endurecer, consumir-se, definhar. Então, que se cumpra o trajeto que lhe foi escolhido!

Quando chegava, vovô já estava sentado no degrau da escada, fumando cachimbo. Sempre quieto, sempre sozinho, sempre olhando as coisas de um jeito esquisito. (...) Nunca falava comigo, o vovô. (...) Ficava quieto horas a fio. Uns diziam que estava pensando nas montanhas de sua Itália, onde a uva plantada espalha pelos vales um cheiro de vinho e de festa. Outros achavam que estava apenas fumando seu cachimbo e nada mais. Porém, concordavam num ponto: estava caduco e esclerosado. Caduco eu sabia o que era. Esclerosado papai me explicou. Era uma doença que dá nas pessoas mais velhas, em que o sangue está cansado e não consegue irrigar o cérebro direito. A pessoa torna-se esquecida e cheia de manias.¹⁸⁸

A Judith, de *O outro Lado do Tabuleiro*, senhora de 72 anos, não aparentava a idade, no máximo, nos informa o narrador, aparentava sessenta e seis anos. A roupa que Tide usava sempre lhe assentava bem, usava junto com ela um colar de pedrinhas, conforme o relato do narrador. Embora os sinais de velhice do rosto, a descrição de Tide nos aponta para uma perspectiva mais positiva da chegada na velhice. A idade não é impedimento para as realizações. Isso mostra Judith quando sai em disparada atrás do homem que havia raptado a menina Alice. Somos, já de início,

¹⁸⁸ CAPARELLI, Sérgio. *Vovô fugiu de casa*. 15. ed. Porto Alegre: LPM, 1997. p. 9

levados a acreditar que estamos diante de Judith, velha de personalidade forte, que não aceita fazer de conta que não vê as coisas a sua volta, que não desiste de lutar pelo que acredita, mesmo se metendo nas maiores dificuldades.

Tide correu, acionou a campainha do alarme. Quando voltou o rosto, a menina tinha sumido. Alguém carregou com ela, diziam. Ainda apontavam. Aquele ali, vai pra escada. Salvem a menina, uma moça gritava. Tide correu como podia, subiu a escada rolante, sem rolar por ela, pulando os degraus, as pernas finas, mas ainda fortes, abrindo espaço pelo poveréu. Avançou pro homem já no corredor. Enfiou a sombrinha no meio de suas botas. Ele tropeçou. Os dois caíram, a menina chorava. Tide aconchegou a menina como pôde. O homem corria agora em debandada, meio manco, como cachorro ferido, uivando no meio da multidão.¹⁸⁹

A entrada na casa da velhice, possibilidade que nos oferecem as obras literárias selecionadas para análise, a princípio, nos encaminha pelo menos nas duas primeiras descrições da figura do velho, na direção de acreditarmos apenas naquilo que o corpo enrugado nos revela, naquilo que nosso primeiro olhar acredita como verdade, naquilo que enxergamos através das lentes da superficialidade. O corpo cansado, o rosto envelhecido, as rugas que rasgam em riscos um tempo vivido acreditamos ser fim e não renascimento. É isso que nos revelam Beppe e Joana. Não queremos perder, nos recusamos a envelhecer porque acreditamos que, ao envelhecer, não seremos mais capazes de escolher nosso roteiro, não será mais possível tecermos naturalmente a trama da existência.

¹⁸⁹ GANEM, Eliane. *O Outro Lado do Tabuleiro*. 11.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998 p. 8

Sabemos, depois de termos percorrido um longo caminho pelas análises literárias, que a velhice só se revela na medida em que a conhecemos. E, para conhecê-la, é necessário antes de tudo vivê-la, experimentá-la. Diante disso poderemos escolher dois caminhos, como nos ensinam vovô Beppe, Joana e Judith. Podemos optar pelo eterno descontentamento, pois é muito mais fácil queixarmo-nos da sorte, da vida, acreditando não ser mais possível ter escolhas na velhice ou acreditamos ser possível, mesmo na velhice, ter projetos, afivelar os vínculos, realizar tarefas, descobrir novos territórios, acordar para a vida, vivê-la.

Judith, de *O Outro Lado do Tabuleiro*, oferece-se como possibilidade para acreditarmos que “durante a velhice deveríamos ainda estar engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”, como acreditava Ecléa Bosi¹⁹⁰. Desconstruindo os fatos, Tide mostra as possíveis soluções para o mistério da morte e tentativa de seqüestro, e nos convida, a partir de seu exemplo, da sua vontade de viver, a trilharmos junto com ela a descoberta do mistério do envelhecer. A desconstrução dos preconceitos em relação aos velhos vai acontecendo na medida em que acompanhamos a sua trajetória, e vamos descobrindo, aos poucos, que as rugas, marcas do tempo a estampar e a confirmar apenas um tempo de perdas, não imprimem sua marca em Tide.

É possível observar na leitura da obra em questão, e principalmente quando lemos a personagem Tide, que cada indivíduo é um ser único, apresentando uma cadência diferenciada de envelhecimento. Sobre os diferentes ritmos de

envelhecimento, Pedro Paulo Monteiro, na obra *Envelhecer: Encontros, Histórias e Transformações*, esclarece:

Não é possível a compreensão do indivíduo pela generalização, pois sabemos que cada um de nós envelhece a seu próprio tempo, de modo particular, e que duas pessoas nunca serão exatamente semelhantes, mesmo que dispuserem de um genótipo idêntico. Cada indivíduo detém, como traço que o constitui, uma irrefutável diferença que o torna original dentre outros indivíduos. Contudo, cada um é singular em seu temperamento, dinâmica biológica, comportamento e em sua morfologia que determina sua história.¹⁹¹

Essa compreensão diferenciada da velhice, desconstrução de uma imagem que aprendemos a conceber (a velhice sempre está associada aos atributos negativos), nos oferece Eliane Ganem, com sua personagem Tide. Tide é a certeza do encontro com o subjetivo, indeterminado, incompleto, porque única em sua essência, única na sua maneira de envelhecer. A maneira de cumprir seu tempo, seu trajeto de existência, é escolha de Tide, dança singular indicando que o processo de envelhecimento é vivido de forma diferente pelos indivíduos.

Já vovô Beppe, de *Vovô Fugiu de Casa*, necessita durante toda a narrativa, esforçar-se para permanecer sendo homem. Vilipendiado, desmerecido em muitos momentos pelo preconceito dos adultos, encontrará na companhia do neto a possibilidade de reconstruir uma história que as marcas das rugas insistem em apagar.

Essa concepção da velhice apresentada pela família de Beppe, imagem destorcida a confirmar ser apenas um tempo de perdas, um tempo de doenças,

¹⁹⁰ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velho*. 10 ed. São Paulo: Schwarcz, 2003. p. 80

permanece enrijecida, tal qual pedra a não moldar-se em flor durante toda a narrativa. A desconstrução dessa imagem é caminho a percorrer durante toda a leitura da obra. Esse primeiro olhar negativo da imagem da degeneração do ser envelhecido, impressa já nas primeiras páginas da obra, nos faz acreditar que todos os velhos percorrem os mesmos trajetos de existência da mesma forma. Levaremos um longo tempo para descobrir e conhecer os percursos de Beppe, para mostrar que, mesmo sendo velho, é possível viver e andar pelos caminhos da existência, acreditando que, embora as perdas, cada ano um atraso, é possível dar significado para a vida, mesmo na velhice.

A leitura do texto literário *Vovô Fugiu de Casa*, de Sérgio Caparelli, proporciona enveredarmos pelo caminho desconhecido da velhice, mostrando em primeiro lugar, através da lente da família de Beppe, uma imagem distorcida do que seja envelhecer. É o menino/neto, porque aberto ao encontro com o avô, que nos ajuda, através de sua leitura sensível, a descobriremos uma imagem mais bonita, mais particular, do ser envelhecido. Ao visitar o mundo do avô, o menino aprende uma lição de solidariedade humana contra a violência e o preconceito. A dificuldade da família de Beppe para aceitar o processo de envelhecimento, verificada até o final da narrativa, quando permanece a decisão de internar o avô, (dificuldade essa encontrada ainda hoje, quando sabemos do desejo do homem pela imortalidade), não é motivo para convencer o menino a não continuar sonhando o sonho do avô. Sonhará, e ao acordar entre as estrelas, entre as lágrimas e os risos do avô, trajetos que aprendeu a descobrir, porque persistente até o último olhar, já será um novo ser.

¹⁹¹ MONTEIRO, Pedro P. *Envelhecer: Encontros, Histórias e Transformações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 59

Joana, personagem de *Receita para um Dragão*, a princípio descrita como velhota gordinha com um chapéu velho, aponta no primeiro momento para uma leitura depreciativa se consideramos apenas os aspectos exteriores. A palavra velhota, usada pelo narrador para defini-la, sugere pelo uso no diminutivo, uma leitura pejorativa a confirmar o lugar de desprezo ocupado pelo velho ao longo da história. No entanto, ao mergulharmos na narrativa, somos tomados de uma grata surpresa: se o primeiro olhar para o ser envelhecido apenas apontava a leitura da aparência, as páginas seguintes serão possibilidade para entrarmos na casa de Joana e desvendarmos o mistério da longa existência.

O primeiro olhar para Joana, imagem a relembrar às crianças a figura da bruxa, confirmando o modelo de velhice bastante estereotipada, como representante do mal, provoca imediato afastamento. Mas não deixa de ser curiosidade e motivo para as crianças quererem conhecê-la.

A velhota despertava a atenção, porque parecia esconder alguma coisa, acreditava Tina. Essa descoberta do desconhecido motiva Tina a seguir em frente. Embora o receio, a princípio, do trabalho de Joana: era uma fazedora de coroas para defunto, um mistério inquietava a menina. Que mistérios havia atrás daquela porta? Esse mistério, mistério de descobertas, de dores, de flores, de morte, de vida, começa a ser experimentado no momento em que a menina e Joana se unem pelo trabalho de criação e, ao tecerem a quatro mãos as dobraduras vivas, saber acumulado que aprende de Joana, Tina nos conduz a pensar ser a velhice um tempo de conjugar novos saberes sobre o ser que envelhece. As rugas, antes a esconder o mistério da

vida da velhota, gaveta fechada às possibilidades de abertura, são prenúncio de comunicação, um novo tempo. Não mais um tempo a conspirar contra a velhice, mas um tempo a anunciar ser a velhice uma etapa natural do processo da vida.

Essa possibilidade de diferentes encontros, com diferentes velhices, acreditamos que a literatura infanto-juvenil deve ofertar às crianças e jovens, a fim de que possam, a partir desses encontros e do diálogo com o outro e consigo mesmo, construir novos saberes do ser envelhecido. E a escola, como instituição de ensino responsável pelo processo de transformação, deve ser ponte através de seu currículo, para promover essa reflexão.

Não é difícil avaliar o quanto a educação tem por fazer junto a todas as instituições e junto a todos os espaços de formação cultural e científica para dizer sobre a necessidade de conhecer o conhecido e sobretudo desvelar o desconhecido sobre a velhice em todas as suas idades e em todos seus potenciais e limites. A educação e mais propriamente os educadores preocupados com o destino a ser dado à longevidade humana, então, têm a tarefa de instruir não somente as gerações mais jovens, mas os poderes públicos e os lugares civis de formação do ser humano.¹⁹²

A reflexão que se fez através da ficção, para analisarmos que imagens de velho aparecem em algumas obras selecionadas da literatura infanto-juvenil, nos conduziram a pensar estarmos diante de imagens mais positivas sobre o processo de envelhecimento. Em lugar de reafirmarem os preconceitos e esteriótipos em relação ao velho, Simone Saueressig, Sérgio Caparelli e Eliane Ganem oferecem, através de seus personagens, a possibilidade de conhecermos as diferentes velhices.

¹⁹² BOTH. Agostinho. *Educação Gerontológica: Posições e proposições*. Erechim: São Cristóvão, 2001. p. 13

A dificuldade concreta de alguns personagens adultos vivenciarem o processo de envelhecimento nas obras analisadas, para desconstruir a imagem do envelhecimento apenas como um processo de perdas, nos ajudou a refletir e a confirmar que a construção de novos saberes sobre o processo de envelhecimento, é processo que não finda.

Ao acompanharmos a menina Tina e o menino Picollino durante a leitura das obras, somos renovados a acreditar, juntamente com eles, que a entrada na casa da velhice não é estrada a indicar um único caminho, mas é porteira a garantir horizonte. Então, que continuemos avançando, com as dores e alegrias próprias de cada etapa, temperando a vida com trajetos nunca antes percorridos, até chegarmos por fim, ao fim: caminho das muitas velhices.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1989
- AGUIAR, Vera T. de (coord.) et al. **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- BARROS, Myriam M. L. de. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, Clarice E. (org.). **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro, FGV, 2004. P. 13-23
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BETELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOJUNGA, Lygia. **A Corda Bamba**. 19. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1997
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velho**. 10 ed. São Paulo: Schwarcz, 2003.
- BOTH, Agostinho. **Identidade existencial na velhice: mediações do Estado e da universidade**. Passo Fundo: UPF, 2000
- _____. Fundamentos filosóficos. In: BOTH, Agostinho; PORTELLA, Marilene R.; BOTH, Solange L. **Fundamentos de Gerontologia**. Passo Fundo: UPF, 1994. P. 9-22
- _____. **Educação Gerontológica: Posições e proposições**. Erechim: São Cristóvão, 2001.
- _____. **Gerontologia: Educação e Longevidade**. Passo Fundo: Imperial. 2001. p. 33-34.
- BOTH, Agostinho; PORTELLA, M. R. Gerontologia: uma proposta socioeducativa para os idosos. In: BOTH, Agostinho; BARBOSA, Márcia H. S.; BENINCÁ, Ciomara R. S. (orgs). **Envelhecimento Humano: múltiplos olhares**. Passo Fundo: UPF, 2003. P. 24-38
- BOTH, Solange L. Fundamentos sociológicos. In: BOTH, Agostinho; PORTELLA, Marilene R.; BOTH, Solange L. **Fundamentos de Gerontologia**. Passo Fundo: UPF, 1994. P. 23-48
- BRASIL. Lei n. 8842 de 4 de janeiro de 1994. Política Nacional do Idoso. Ministério da Previdência e Assistência Social: Secretaria de Assistência Social. 2.ed. Brasília, abr. 1998.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAPARELLI, Sérgio. **Vovô fugiu de casa**. 15. ed. Porto Alegre: LPM, 1997.

CARDONA, Ramón M. Convivência escolar e convivência cidadã. In: AZEVEDO, José Clóvis de.; GENTILI, Pablo.; KRUG, Andréia.; SOMON, Cátia (orgs). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paullus, 2002.

CÍCERO. Marco T. **Da Velhice e da Amizade**. São Paulo: Cultrix, 1964.

CÍCERO. Marco T. **Saber envelhecer e A Amizade**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre. L&PM, 2002.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Editora da USP: Fafesp, 1999

DOLL, Johannes. A inserção de conteúdos gerontológicos: (Só) uma questão de adequação curricular? **Ciências da Saúde**, vol. 23 (1+2), 2004b. P. 117-128

ERBOLATO, Regina M. P. Leite. Gostando de si mesma: a auto-estima. In: NERI, Anita. L. e FREIRE, Sueli Aparecida: **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papirus 2000. P. 33-54

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **A Importância do Ato de Ler**. 45.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre Educação (diálogos)**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1982. p. 36-44.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Convite à Leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione. 1989.

GANEM, Eliane. **O Outro Lado do Tabuleiro**. 11.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. In: LOPES, Eliane M.T. [et. Al.]. **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 13-30

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994

JESUALDO. **A literatura infantil na escola.** (Trad.) AMADO, James. São Paulo: Cultrix, 1982.

KACHAR, Vitória. **Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades.** São Paulo: Cortez, 2003

LACERDA, Nilma Gonçalves. CARTAS DO SÃO FRANCISCO: Conversas com Rilke à beira do Rio. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo. (org) **Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens.** São Paulo: Global, 2001. P. 27-41

LEME, Luiz Eugênio G. Vivendo seu corpo: uma questão de consciência e criatividade. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia – A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada.** São Paulo: Atheneu, 2002.

LOBATO, Monteiro. **A Reforma da Natureza.** 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

LOBATO, José Bento Monteiro. **A menina do narizinho arrebitado.** Fac-símile da 1ª edição de Monteiro Lobato & Cia. De 1920. São Paulo: Brasiliense, 1982

MACHADO, Ana M. **Bisa Bia, Bisa Bel.** 2.ed. Rio de Janeiro: Moderna, 2000.

MASCARO, Sônia de A. **O que é velhice.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

MENDIONDO, Marisa S. Z. de.; BULLA. Leonia C. Idoso, vida cotidiana e participação. In: TERRA, N. L.; DORNELLES, B. (org) **Envelhecimento bem-sucedido.** Programa Geron, PUC-RS. – 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. P. 271-281

MELLO, Itamar; BRITO, Márcio. Projeções do IBGE. **Zero Hora,** Porto Alegre, 31 ago. 2004. Reportagem especial, p. 4

MONTEIRO, Pedro P. **Envelhecer: Encontros, Histórias e Transformações .** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA, Carlos E. A. Jr.(org) **Antropologia, saúde e envelhecimento.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. P. 37-50

NERI, Anita L. Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In: NERI, Anita L. (org). **Psicologia do Envelhecimento.** São Paulo: Papirus, 1995. P.13-40

NERI, Anita L.; DEBERT, Guita G. (orgs). **Velhice e Sociedade.** Campinas: Papirus, 1999.

NETTO, Papaleo. Matheus. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: Elizabete Viana de Freitas et al. (orgs.). **Tratado de geroatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. P. 2-12

NOGUEIRA, Eliete J., SOMMERHALTER, Cinara. As relações entre gerações. In: NERI, Anita. L. e FREIRE, Sueli Aparecida: **E por falar em boa velhice**. 2. Ed. Campinas, SP:Papirus 2003. P. 101-112

PACHECO, José Augusto. **Currículo: Teoria e Práxis**. Porto - Portugal: Porto Editora LDA, 1996.

PACHECO, Jaime Lisandro. Trabalho e aposentadoria. In: Py, Ligia [et al]. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004

PEIXOTO, Clarice E. (org). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004

PERUGINI, Odacir de C. Vivendo em seu corpo: uma questão de consciência e de criatividade. In: PERUGINI, Odacir de C. (org.). **Envelhecer – Revisitando o corpo**. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004.

PY, Ligia. **Testemunhas da história**. Rio de Janeiro. NAU Editora, 1999

Py, Ligia [et al]. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.

REZENDE, Vânia. Literatura, afeto, memória. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org). **Ética, Estética e Afeto na literatura para Crianças e Jovens**. São Paulo: Global, 2001. P. 71-97

RITER, Caio; STEFFEN, Marisa F. O alimento da Leitura: Uma proposta de trabalho com a literatura. **Revista Educação**. Ano V nº 32,p. 32-33 Maio/Jun., Porto Alegre, 2002.

RODRIGUES, Nara Costa; TERRA, Newton Luiz. **Gerontologia social para leigos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006

SANTOS, Geraldine Alves dos; VAZ, Cícero Emidio. O significado das experiências culturais da infância no processo de envelhecimento bem-sucedido. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**.Vol. 1. N.1(Jan-Jun. 2004) Passo Fundo UPF, 2004. P. 23-37

SAUERESSIG, Simone. **Receita para um Dragão**. São Paulo: Scipione, 1999.

SCHIRRMACHER, Frank. A Ditadura dos Jovens. **Revista Veja**. São Paulo, edição 1867, ano 37, 18 ago. 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às sabedorias do currículo**. 2ed. 8ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

ZILBERMAN, Regina; SILVA Ezequiel T. da. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1990.

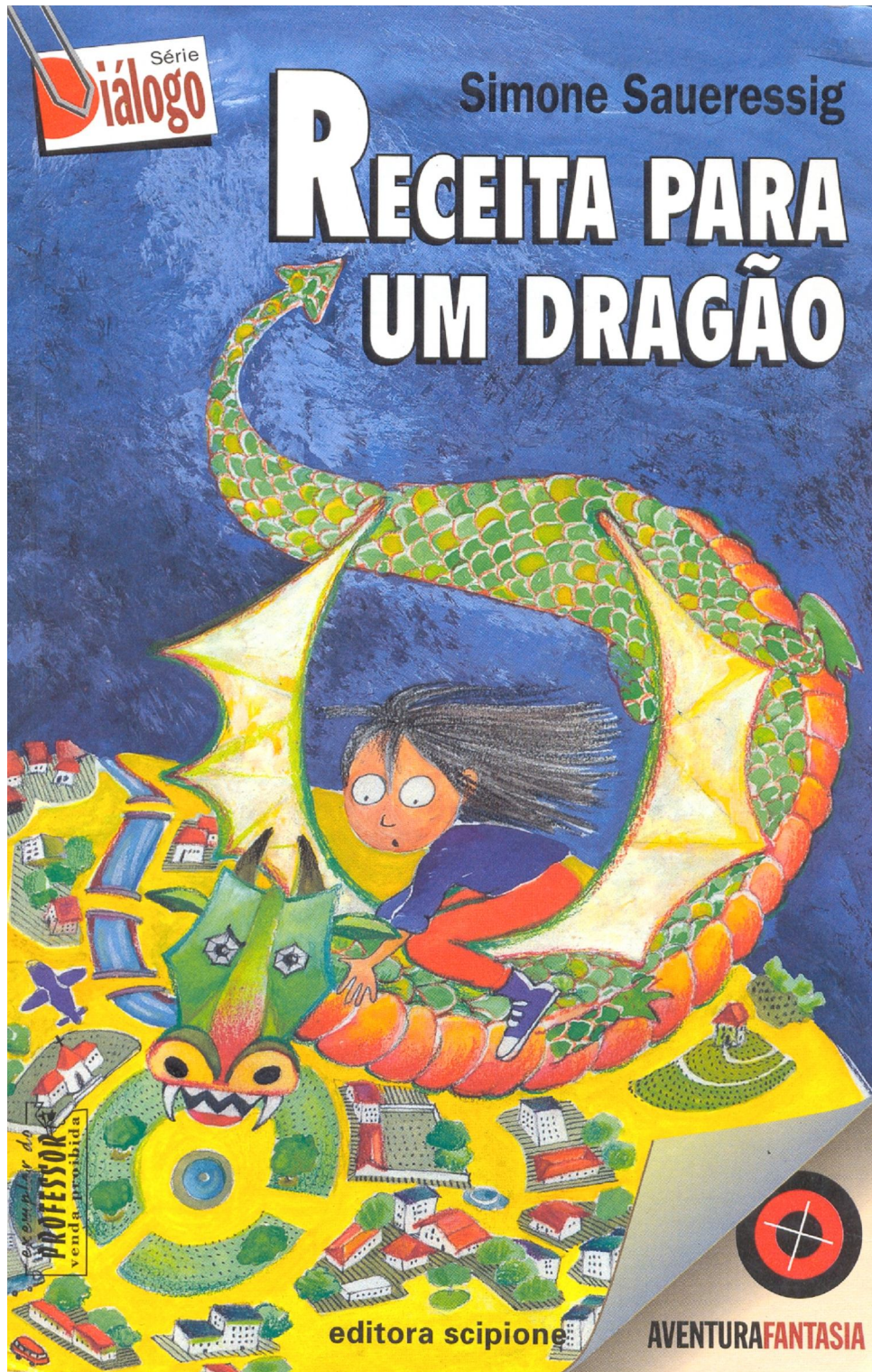
_____. O Estatuto da Literatura Infantil. In: ZILBERMAN, Regina; CADEMARTORI, Ligia M. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

ZIRALDO. **Menina Nina**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

ZUBEN, Newton Aquiles von. Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o, signo da finitude. In: NERI, Anita L.(org). **Maturidade e velhice: Trajetórias individuais e socioculturais**. Campinas, SP:Papirus, 2001

ANEXOS

Anexo: 1

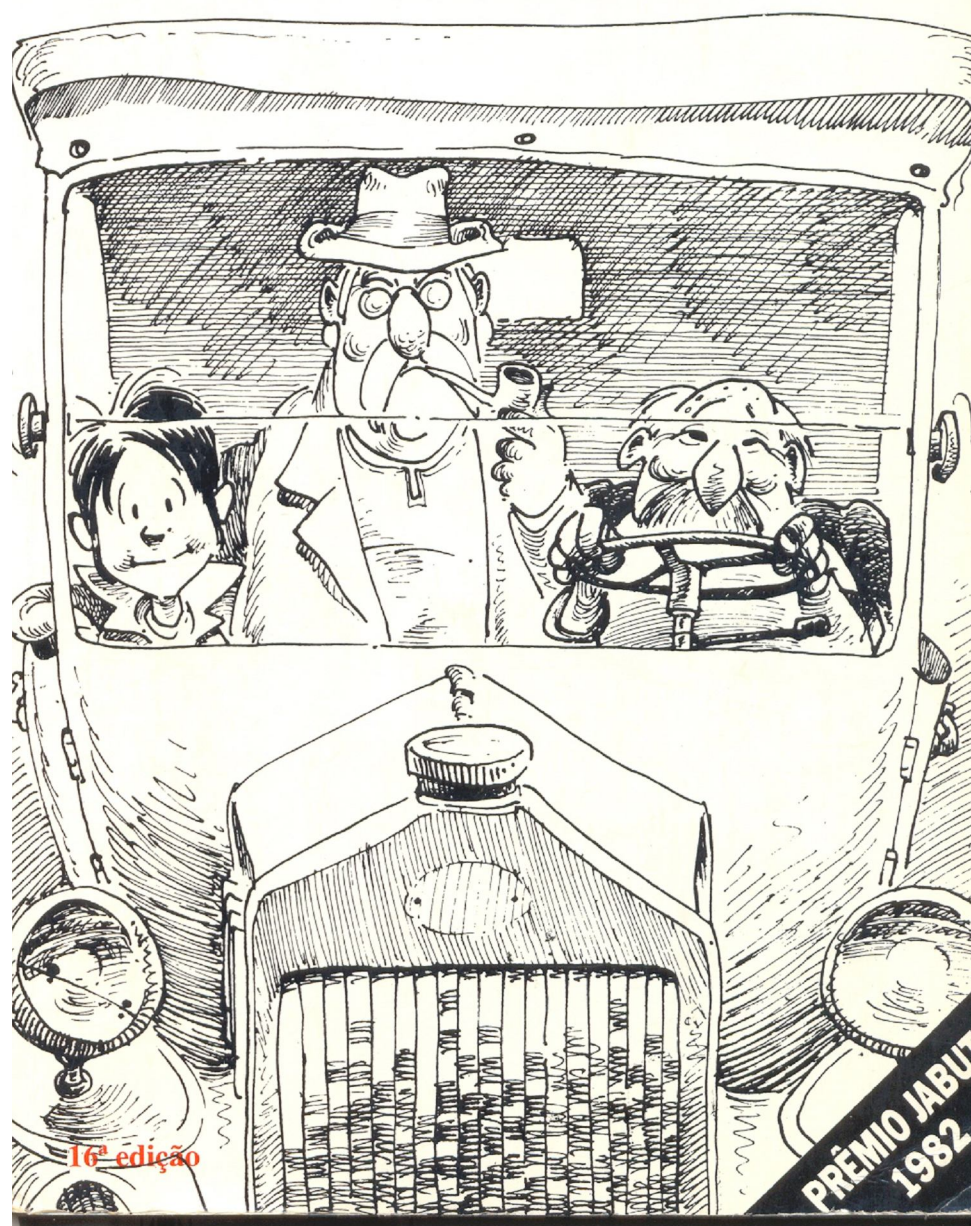


Anexo: 2

VOVÔ FUGIU DE CASA

Sérgio Caparelli

L&PM
EDITORES



O Outro Lado do Tabuleiro

11ª EDIÇÃO

Prêmio "Alfredo Machado Quintella"
(da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil)

ELIANE GANEM

